

N.

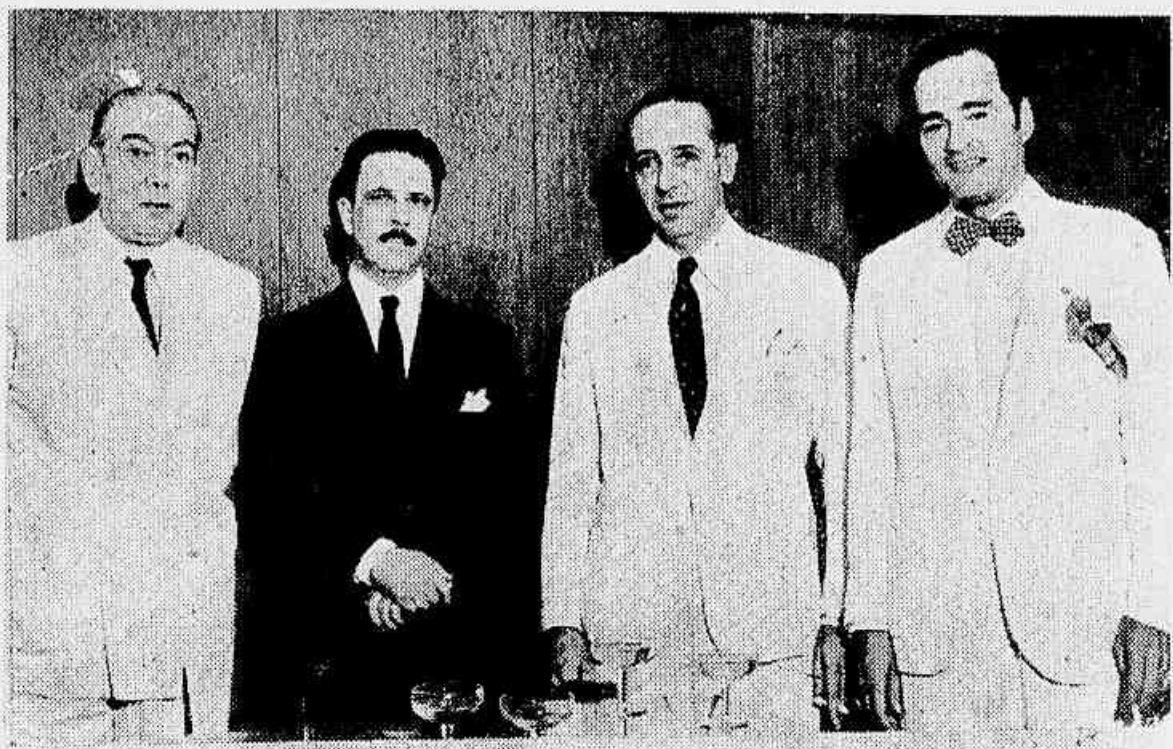
ANEXO  
S.

M.

G.







Da esquerda para a direita: dr. J. Carlos Melo, superintendente; dr. Dario C. Crespo, presidente; dr. Mario Gusmão, fundador e incorporador; sr. Pedro Brando, tesoureiro.



Flagrante colhido quando do ato batismal procedido pelo bispo d. Pedro Massa.

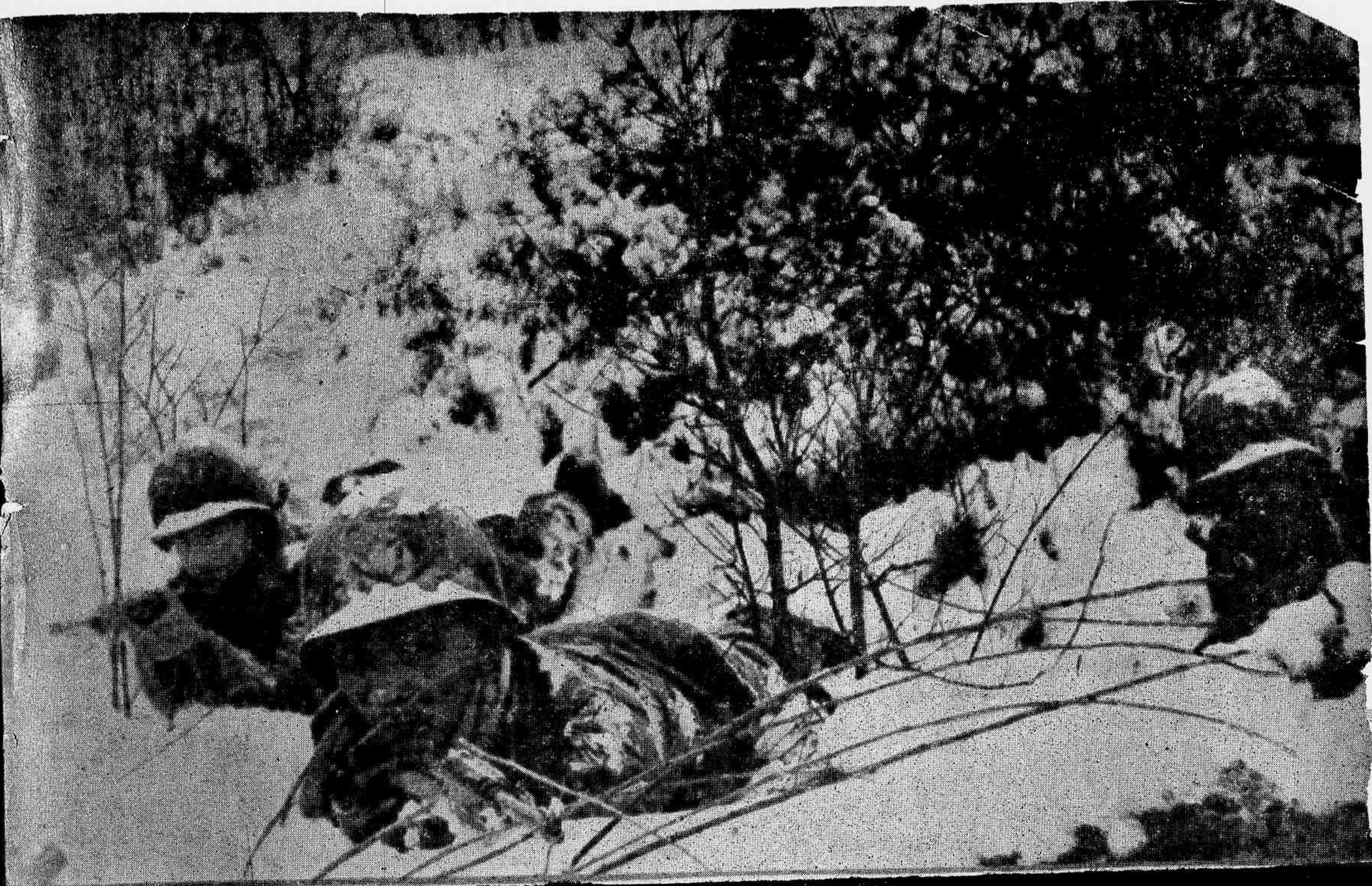
## SOCIEDADE ANONIMA DE CREDITO INDUSTRIAL

Num ambiente de grandes solenidades foi inaugurado um novo estabelecimento de crédito no Rio de Janeiro. Trata-se da S. A. de Crédito Industrial, à avenida Erasmo Braga 6, que, perfeitamente equipada com possibilidades para executar o vasto programa que se traçou, acaba de ser instalada. O ato inaugural, grandemente concorrido, teve a presença de altas personalidades do nosso meio social, como o representante do Presidente da República, do ministro da Fazenda, do ministro da Justiça, representantes dos demais ministros de Estado, diretores de bancos, industriais, capitalistas, jornalistas e os senhores João Daudt de Oliveira, Heitor Beltrão, Silvério Ségua, Júlio Pinto e muitos outros. Dada a bênção religiosa por d. Pedro Massa, bispo do Rio Negro e do Guaporé, que proferiu vibrante oração implorando a bênção do céu para aquela casa e seus funcionários, tomou a palavra o dr. Mario Gusmão, incorporador e acionista da nova organização. Em oração muito aplaudida, realçou o valor dos diretores eleitos no trecho que aqui reproduzimos: "O dr. Dario Crespo, seu presidente, é um cidadão grandemente prestigioso nos nossos meios financeiros, advogado de renome nos auditórios nacionais, oriundo de família patriciã sul-riograndense, antigo político de figurantes e honrosas tradições, caráter vertical e rijo, atual diretor da Caixa Econômica Federal, é, portanto, um homem talhado nos moldes indispensáveis para a direção de um estabelecimento de crédito, cuja engrenagem é mais sutil do que a do comércio e da indústria. O sr. Pedro Brando, seu diretor tesoureiro, industrial largamente conhecido, cujo destaque se avançou nos últimos anos, ao herdar — por merecimento — e ampliar a golpes de dinâmica atividade a direção da histórica Organização Lage. Tem grande tino administrativo e visão objetiva dos negócios; é homem de decisões prontas e energia serena; cativando pela distinção no trato como pela retidão da palavra empenhada. O sr. José Carlos Melo, seu diretor superintendente, bancário da mais pura estirpe, homem de largo tirocinio profissional, trabalhador persistente e infatigável, de competência reconhecida e acatada na classe". Em seguida o sr. Manuel Gomes Moreira fez uma saudação aos diretores e acionistas e, por fim, esteve com a palavra o dr. Dario Crespo, que salientou a importância da organização. E, assim, começou a funcionar mais uma grande e poderosa organização bancária no país.

Foto batida na ocasião em que o sr. Mario Gusmão proferia sua oração.







## OS BRASILEIROS COMBATEM SOB A NEVE

Exatamente quando dentro das fronteiras do país vem de rasgar-se, descortinando-se a perder de vista, novos e amplos horizontes políticos, vivendo a Nação, ungida do mais nobre idealismo, dias históricos, o nosso pensamento mais e melhor precisa volver-se para os brasileiros que, longe da Pátria, renunciando a todos os benefícios pessoais em obediência a um imperativo do destino, lutam em benefício do próprio Brasil. (Em outras páginas, palpitantes aspectos de Horacio Coelho, tirados no "front", sob a ação intensa da neve).





# OS TREZENTOS E CINQUENTA MARIOS

"SOU TREZENTOS, SOU TREZENTOS E CINQUENTA, MAS, UM DIA, AFINAL, ME ENCONTRAREI COMIGO"

(Mario de Andrade)

"O coração de Mario de Andrade arrebentou de solidariedade humana."

"Tratava de uma úlcera sofrendo, ao mesmo tempo, do coração sem o saber. Durante o recente Congresso dos Escritores fez extravagâncias. Morreu inesperadamente."

Se pedissemos ao leitor que colocasse essas duas explicações na boca adequada, ele sem dúvida diria logo que a primeira partira de um poeta, e a segunda de um médico. Estaria, porém, enganado. Foi um estudante de medicina, ainda atordoado com a notícia do falecimento do criador de "Macunaima", quem falou primeiro. A versão científica, esta sim, veio de um grande poeta: Carlos Drummond de Andrade.

Mas, quem foi, afinal de contas, Mario de Andrade?

Talvez quem mais hesitasse ao ter que responder a esta pergunta fôsse ele próprio. Certa vez, ao assinar o registro num hotel, ficou muito tempo indeciso ante a pergunta indiscreta: profissão. Poeta? Romancista? Crítico de arte? Folclorista? Pianista? Professor? Ou, como ele próprio ainda sugeriu, funcionário público?

Nenhum escritor brasileiro teve uma diversidade de interesses tão grande, nem demonstrou o seu talento em assuntos tão diferentes.

Entretanto, apesar da aparente volubilidade do seu interesse, ele manteve uma unidade na diversidade: conseguiu que o escritor não se dispersasse, mantendo o homem íntegro. E ainda poderemos dizer que, se é certo que estudou uma infinidade de assuntos, todos eles estavam relacionados com a arte e, por isso mesmo, mereceu o título de esteta.

"O coração de Mario de Andrade arrebentou de solidariedade humana", disse o estudante ao saber da morte do escritor. Mario reunira em torno de si a mocidade anti-fascista do país.



Está fora de dúvida que isso ele foi, realmente, antes de tudo. Porém não um esteta desligado da vida, um refinado no pior sentido. Mario nunca perdeu o contacto com o povo — o seu povo e o seu tempo. Foi um esteta perturbado pelas inquietações do homem honesto e perspicaz, que via o desastre do nosso mundo com a sua clarividência, e sentia profundamente a tragédia dos nossos tempos porque tinha consciência.

Foi Alvaro Lins quem observou, com a sua habitual perspicácia, a magnífica realidade que a obra poética de Mario representa. Em plena agitação modernista, num momento em que sentia, em si, o poder de criar, ele preferiu tornar-se um pesquisador, um teorizador, um conselheiro e um amigo dos moços. E por isso mesmo são aplicáveis a ele as palavras que escreveu sobre Francisco Manuel:

"E' um coordenador, um tecnicizador, um sistematizador."

Na obra crítica de Mario vamos encontrar sua preocupação de uma extrema objetividade, uma análise minuciosa de sintaxe, construção, e, no caso da poesia, ritmo e sonoridade, ajudado por seus profundos conhecimentos musicais.

Como Francisco Manuel, ele preocupou-se mais com a obra dos outros do que com a sua, e com o talento alheio do que com o próprio. Era, aliás, de uma extrema severidade consigo mesmo, como prova a conferência sobre o Modernismo, que realizou no Itamarati.

Há uma frase que define a sua atitude durante toda a sua vida, uma frase que ele nunca se cansou de repetir, sempre com a mesma convicção: "A minha obra não tem importância; o que é preciso é pôr sempre um novo problema em marcha".

Com uma vida intensa de trabalho, uma vida em que ele viveu o dobro dos seus anos, Mario morreu depois de ter conquistado dois títulos: Papa do Modernismo e Amigo dos Moços.

De muitos mereceu mais um título: o de mestre, e pelo menos um de seus discípulos confessou, publicamente, a dívida contraída — um nome ilustre: o maestro Catharino Guarnieri, que escreveu: "Uma coisa, pelo menos, é importante que eu diga aqui, com a mínima reserva, para que todos o saibam: foi enorme a influência desse grande espírito em minha formação artística e espiritual".

Não são poucas as suas realizações, e a lista se alongaria se ele tivesse vivido mais. Entretanto, assim mesmo, já ele poderia reclamar a fundação da primeira discoteca pública, os cursos de Etnografia e Folclore no Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo, a fundação da Sociedade de Etnografia Folclórica, a redação do ante-projeto que teve como resultado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do ante-projeto da Enciclopédia Nacional Brasileira.

Um só escritor, mantendo-se dentro da sua especialidade, não poderia estudar a obra de Mario de uma maneira completa. Pedimos, portanto, a vários uma frase sobre ele, falando cada um sobre um aspecto da obra.

## MARIO VISTO POR UM JORNALISTA

Sr. Clovis Ramallete, que tem em comum com Mario a diversidade de interesses — crítico, advogado, romancista — mas que é sobretudo um excelente jornalista, disse:

"Mario de Andrade será lembrado muito tempo como esteta, erudito, poeta e homem de bem. Presentemente, ele continua ao nosso lado especialmente devido às suas recomendações aos intelectuais brasileiros sobre o papel dos escritores na luta universal."

## MARIO VISTO POR UM POETA

Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas brasileiros contemporâneos, que era amigo íntimo de Mario, disse sobre a sua poesia:

"E' a grande voz brasileira da nossa poesia. Seus poemas são já os de um poeta brasileiro de alma universal, contente em existir no mundo e em S. Paulo, viajando o Brasil e colocando-o na corrente das lutas e dos sonhos de todos os povos."

## MARIO VISTO POR UM ROMANCISTA

Era preciso encontrar um escritor à altura do talento de Mario de Andrade. José Lins do Rego não se negou a falar sobre os romances dele:

"O romance de Mario foi uma experiência prodigiosa, e "Macunaima" é um poema erótico misturado com romance de aventuras, e "Amor, Verbo Intransitivo" uma narrativa no tipo clássico com todas as boas qualidades de uma novela bem construída."

## MARIO VISTO POR UM CRÍTICO LITERÁRIO:

Alvaro Lins, que já estudou em ensaios penetrantes e compreensivos a obra de Mario de Andrade, escreveu:

"Mario de Andrade, já coberto de sucesso como poeta e romancista, pode encontrar na crítica um domínio bastante amplo para novos exercícios de pesquisa intelectual e afirmação de sensibilidade artística."





"Morreu do coração. Estava tratando uma úlcera, que queria operar". Explicou, assim, a morte do polígrafo o poeta Drummond de Andrade, que não esqueceu o que devia ao grande encorajador dos jovens escritores, que dava mais importância à obra dos outros do que à sua própria.

#### MARIO DE ANDRADE VISTO POR UM CRÍTICO DE ARTES PLÁSTICAS:

O sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, profundo conhecedor da obra de Mario, disse:  
"De todos os pontos de vista, a obra de Mario de Andrade é uma das mais importantes que se escreveram no Brasil. Sua contribuição para a história das artes plásticas em nosso país tem um valor excepcional, não só pelo admirável ensaio que dedicou ao Aleijadinho — trabalho de importância capital referente ao assunto — mas também pelo estudo que deixou inédito sobre o pintor paulista padre Jesuino Monte Carmelo, que é dos melhores e extraordinários livros brasileiros."

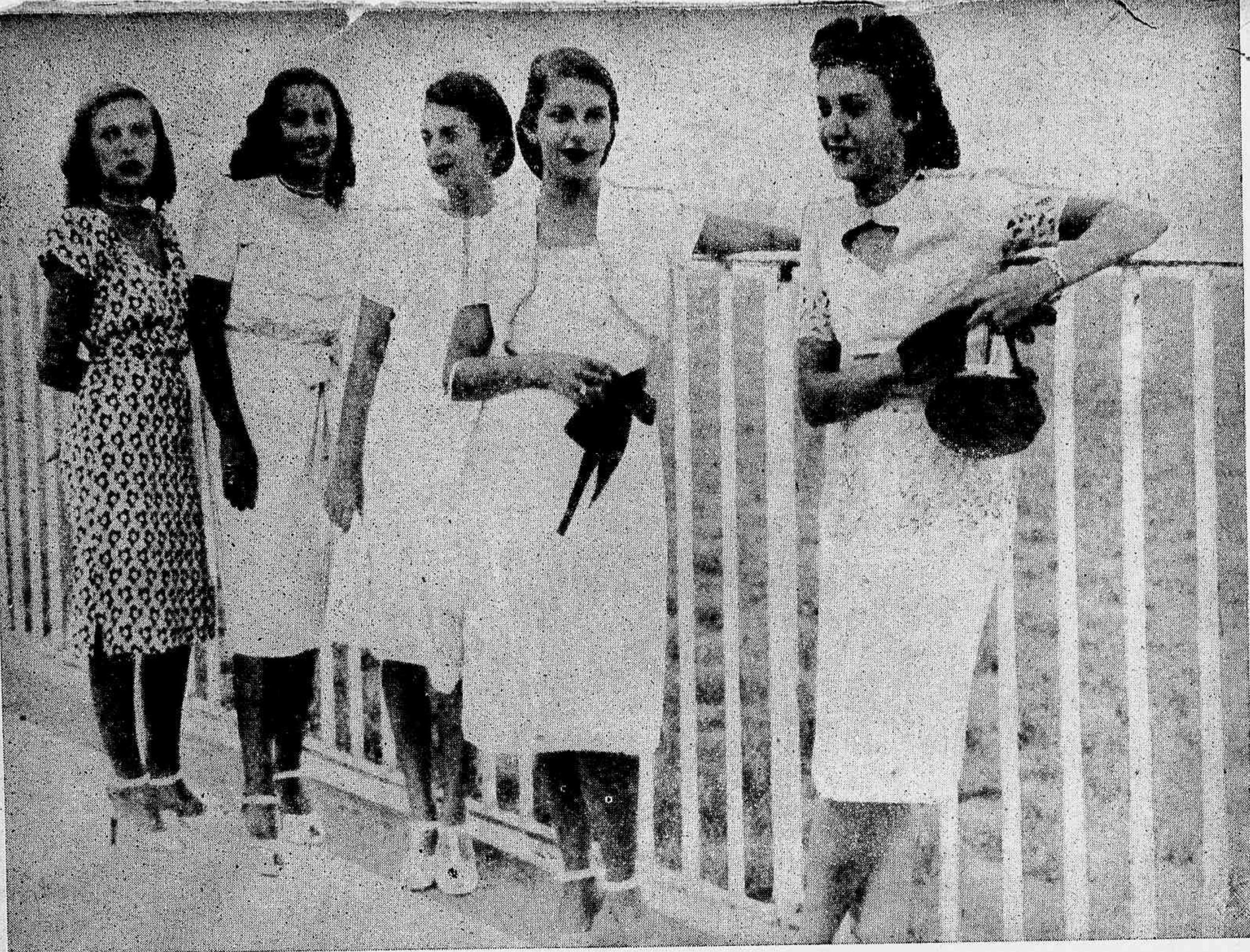
#### MARIO VISTO POR UM CRÍTICO MUSICAL

O sr. Nogueira Franca, crítico musical cuja erudição e sensibilidade são conhecidas por todos, disse:

"Mario de Andrade, escritor e músico, trouxe para a música as qualidades essenciais do escritor, iniciando entre nós os estudos do folclore e elevando a musicologia a um plano que até então essa ciência não havia atingido no Brasil."

ROBERTO LYRA FILHO





## JOCKEY CLUB MUNDANO

Como sempre, mais uma vez compareceu ao Hipódromo da Gávea um grande grupo de elementos de nossa mais representativa sociedade para assistir aos empolgantes páreos turfísticos que ali se desenrolaram no último sábado. São desta reunião as fotos que aqui estampamos, colhidas na "pelouse" durante os intervalos.





# REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI --- 10-3-45 --- N. 10

## PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiaça com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00  
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

### ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447  
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602  
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886  
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

### TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9189 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

## Sumário

### LITERATURA:

|                                                    |       |
|----------------------------------------------------|-------|
| Os Tresentos e Cinquenta Marios (Roberto Lyra F.). | 4/5   |
| O Periquito Falou (Harrison Ames).                 | 15    |
| O Ano Biográfico de Macedo (Esmeralda Doria).      | 16    |
| A Pinta (Maria Isaura Pereira de Queiroz).         | 24/25 |
| Ela, Ela e a Secretária (Eileen Roy).              | 30    |
| Livros Novos (J. L.).                              | 40/41 |

### REPORTAGENS:

|                                     |         |
|-------------------------------------|---------|
| Os Brasileiros combatem sob a neve. | 3,17/21 |
| A Carioca — 1945 é "do batente".    | 9/14    |
| Jockey Club.                        | 6       |
| Figuras e Fatos.                    | 31      |

### FEMININAS:

|                             |              |
|-----------------------------|--------------|
| Nos Bastidores Femininos.   | 23           |
| Para os dias quentes.       | 26/27        |
| A beleza dos ombros.        | 28           |
| Outros modelos e figurinos. | 42/43, 44/46 |

### CURIOSIDADES:

|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| Eles foram expulsos por Hitler. | 33/36 |
| Fugir? Mas com que roupa?       | 37    |

### SEÇÕES:

|                      |    |
|----------------------|----|
| A Semana em Revista. | 8  |
| Coisas do Brasil.    | 29 |

### CARICATURAS:

|                   |    |
|-------------------|----|
| De Bom Humor.     | 22 |
| "Charge" de Raul. | 48 |

### NOVELA:

|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| "Ressurreição" (Jesey Barbosa). | 49/50 |
|---------------------------------|-------|



ANEXO: — SUPLEMENTO DE GUERRA com 4 grandes mapas dos vários campos de operações.

No proximo numero:

**SANTOS DUMONT** --- o homem que previu o drama

Reportagem de Celestino Silveira feita na sala Santos Dumont do Museu do Ipiranga.

## Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

**Ventre-Livre** estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

\*\*\*

Lembre-se sempre:

**Ventre-Livre não é purgante**

\*\*\*

Tenha sempre em casa

**Ventre-Livre**

**Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:**

— **Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.**

**Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.**

Um - calçado da moda para o mundo elegante

**Gambier**

Rua Uruguaiana, 52  
Fone 22-5587 — RIO



# A SEMANA EM REVISTA

## O ESTRANHO CASO DE UM SUICIDA



Apareceu outro dia, em duas colunas, perdido entre pequenos fatos policiais, um conto de Maugham.

Na praça Mauá, em princípio da semana passada, chegou-se à amurada do cais um rapaz, que se pôs a contemplar a superfície das águas mansas da baía. Prêsa de imensa angústia, o jovem sentiu com certeza, durante um segundo, aquele chamado triste que o poeta cantou: "A face gelada do mar me convida para um beijo". E, sem que a razão fria lhe voltasse a falar à alma, o moço atirou-se ao mar. As ondas o cobriram e pouco depois o seu corpo frio era recolhido ao cais.

Uma vez identificado o morto, foram ter as autoridades à sua residência, um pobre quarto de rapaz trabalhador. O suicida era um jovem contínuo da Associação dos Empregados do Comércio. Pensou-se assim, a princípio, que ele se houvesse matado por motivos econômicos. Aberta, porém, a carta que o infeliz moço deixara ao mundo, ficou-se sabendo a sua história:

O rapaz fôra levado ao gesto extremo por ter sido constatado por um médico que ele sofria de tuberculose pulmonar, e que a marcha progressiva da doença não tornava possível qualquer esperança de cura.

E foi depois de deixar o consultório médico que o desgraçado moço, deixando escrita a sua comovente história, se lançou ao mar: "Morro porque não quero viver martirizado por uma moléstia incurável", disse ele. E atirou-se às ondas.

## EM ALBERGUE NOTURNO...



A pobre mulher perdeu o marido, que nada mais pôde deixar-lhe além de um nome decente. Um nome decente e quatro filhos menores, cuja orfandade mais se agravou com a delicadeza do estado de saúde da humilde senhora. Mesmo assim, ela tratou de reorganizar a vida de qualquer jeito, conseguindo emprego doméstico para as filhas e outro para ela mesma. Certamente, há grande falta de empregadas, mas no caso em aprêgo a pobre mulher encontrou dificuldades porque, além de enferma, pouco podendo produzir, fazia acompanhar-se do filhinho menor, ainda de colo. E quem vai contratar uma empregada nessa situação? Na primeira colocação que encontrou ainda outro impasse surgiu: a perseguição do chefe da casa, julgando-a presa fácil para suas tôrpes conquistas. E a infeliz despedia-se da patroa, sem nada lhe esclarecer rigorosamente, na manhã seguinte.

Foi quando outro embaraço apareceu: onde fixar pouso? Mesmo que os filhos a ajudassem com alguns recursos, fruto dos respectivos empregos, não era fácil encontrar um quarto por preço módico e acessível às suas posses. Todas as tentativas desenvolvidas nesse sentido resultaram inúteis. A pobre mulher recorreu à família. Tinha uma irmã casada e foi bater-lhe à porta, mas quando a sorte anda adversa... nem as irmãs casadas podem fazer coisa alguma. O cunhado declarou, em curtas palavras, que a situação não lhe permitia receber em casa gente suplementar. E, pela vez primeira, a pobre mulher e o filhinho de colo foram dormir ao relento, num banco de jardim.

Houve quem lhe desse um conselho: apelar para as instituições de caridade, mais ou menos oficiais, existentes no Rio. Ela tentou, mas ainda novas e mais angustiosas decepções a aguardavam nesse ensaio. Positivamente, não havia solução para o seu caso — respondeu-lhe uma funcionária da casa. Era preciso cuidar, primeiro, das famílias dos expedicionários, não sobrando tempo para outras deliberações. Em último caso, que ela fôsse dormir, com os filhos, no Albergue Noturno...

E, diante das palavras de justa indignação e protesto da pobre mulher, não faltou quem a impelisse para a porta de saída. Nada de protestos, de censuras à instituição ou, do contrário... Sim, do contrário a polícia não existe para ficar de braços em cruz, num caso desses...

Aí está em resumo a triste odisséia de uma viúva pobre, doente, carregada de filhos, sem família para ampará-la, sem teto para morar, sem pão para os inocentes. Não consegue trabalho, nem remédios, nem auxílio das próprias instituições cujos nomes falam sempre em socorros e assistências que na realidade estão muito longe de uma absoluta eficiência.

Aparentemente, o caso em aprêgo foi extraído de um filme dramático, de um folhetim de jornal ou de uma novela radiônica. Mas só em aparência, porque na realidade o drama subsiste e ocorreu aqui mesmo, na mui heróica cidade de São Sebastião. Esse chegou ao nosso conhecimento, mas quantos outros emergem por aí e dêles ninguém toma noção, salvo quando as colunas dos jornais, piedosamente, resolvem abrir-se para a divulgação dos casos dolorosos de pobreza envergonhada! Não se pode dizer que tudo quanto diga respeito aos problemas sociais esteja solucionado. Muito longe disso: tantas coisas estão reclamando uma providência definitiva, enquanto outros tantos homens proclamam os bons serviços prestados na mesma seara! A menos que "bom serviço" venha a ser o conselho dado à viúva enferma, sem trabalho e carregada de filhos: — "Não tem onde dormir? Mas minha filha, p'ra que existe o Albergue Noturno? Tão quentinho lá dentro"...



Aconteceu num lugar que já nos escapou à memória; estamos certos, entretanto, de que o fato se passou num Senado estadual dos Estados Unidos, não sabemos se em Massachussets ou em Mississippi, Ohio ou em Texas. O fato é que em algum desses lugares um venerando senador levantou-se e pediu a palavra:

— "Senhor presidente, meus nobres pares! Quero suscitar aqui os debates em torno de um assunto muito sério. Venho, em nome de todos os meus concidadãos, solicitar desta egrégia assembléia uma lei que proíba em todo o Estado o uso do bônus por parte das mulheres" (risos, estupefação).

O orador continuou, porém, explicando os motivos que o levavam a insistir na sua proposta. Declarou que o bônus era o culpado de uma grande parte dos divórcios verificados em todo o território de seu Estado. E como alguém se risse dessa afirmativa o parlamentar provou a sua hipótese com dados estatísticos: tantos mil divórcios se processaram unicamente porque os maridos haviam se apresentado em casa com marcas de bônus no rosto, no colarinho ou na camisa, segundo a gravidade do caso e a temperatura ambiente.

O orador acrescentou que em muitas dessas tragédias sociais o bônus tivera

Pouco depois de sua morte o médico legista e os auxiliares de necrópsia olhavam indiferentemente para o seu corpo inanimado, igual a muitos que passam diariamente pela morgue.

Começou a autópsia. O abdome foi rasgado, examinaram-lhe todas as vísceras. O estômago estava entumescido, cheio de água salgada. Tudo como fôra previsto pelo médico legista. Causa mortis: asfixia por submersão em água.

Assim o caso seria um suicídio vulgar, se o facultativo não se lembrasse de estender o exame cadavérico ao tórax do morto.

E foi assim que ele descobriu uma verdade terrível: os pulmões estavam perfeitos, não se apresentava nos mesmos qualquer indício de tuberculose, nenhuma caverna denunciadora da horrível moléstia! Eram dois pulmões normais, limpos de tecidos parenquimatosos e mesmo de cicatrizes. Nada confirmava o diagnóstico do médico que examinara o rapaz.

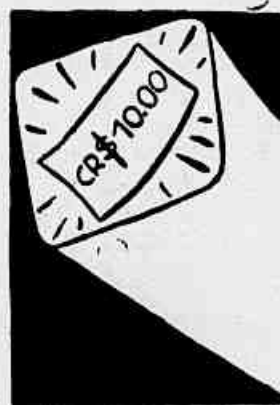
Mas o suicídio estava consumado e nada mais se podia fazer, a não ser a declaração do óbito e costurar os músculos do morto, enterrá-lo na vala comum e desejar descanso à sua alma, amen.

No laudo pericial deve ter-se escrito: "Morte provocada por suicídio".

Mas será isto em verdade um suicídio? Não o sabemos.

A história para nós é simples e comovente. O leitor comoveu-se? Por certo que não. E mal termine a leitura acenderá um cigarro e ficará descansado, como descansada deve estar a consciência do médico do morto.

## FILMES VELHOS A PREÇOS MAIS ALTOS



Não se pode alegar que os estúdios cinematográficos de Hollywood estejam produzindo menor número de filmes. A guerra, pelo contrário, foi ao encontro dos grandes interesses de produtores, importadores e exibidores, porque o público, na falta de outras diversões, vai mais ao cinema e, o que é importante, paga maiores preços. Antes da guerra dificilmente um cinema do centro se atrevia a majorar as localidades para Cr\$ 5,50, pois o preço normal era Cr\$ 4,40. Hoje, como todos estamos vendo, pagam-se seis, sete e até oito cruzeiros para assistir a um duvidoso espetáculo cinematográfico. As companhias teatrais estrangeiras não podem visitar-nos; as nacionais não têm casas para se apresentar na sua totalidade, e por isso o cinema leva a melhor. Temos salas de projeção mais confortáveis, cifras astronômicas inverteram-se na construção de outros cinemas, e agora mesmo se diz que uma grande empresa americana vai edificar, sem demora, um cinema na avenida Presidente Vargas, outro no Meier, um terceiro em Niterói, naturalmente outro na Cinelândia e mais dois ou três pelos outros bairros. E' porque o negócio rende, naturalmente.

Pois que dê lucro, está certo. Não é justificável, no entanto, a epidemia de "reprises" que estamos suportando nestes três primeiros meses do ano, epidemia que repontou ainda ao apagar das luzes de 1944. De memória podemos mencionar: "A Ponte de Waterloo", "A Alegre Divorciada", "Suez", "Marrocos", "Entre duas bandeiras", "Infâmia", "Pimpinela Escarlata", "Catarina a Grande", "Mil e uma noites", "...E as chuvas chegaram", "Morro dos ventos uivantes", "Cupido é moleque teimoso", "Horizontes Perdidos", "Fantasma Camarada", "Duas Vidas", "Oh, Marietta", "King-Kong", "Vagalume", "Últimos dias de Pompéia" e "São Francisco". Mas tantos outros têm vindo novamente, que não teríamos espaço para alinhar os nomes na sua totalidade... E todavia, nunca os anúncios declaram a condição de "reprise", como seria decente fazer. Em alguns casos as cópias são novas, solicitadas às pressas de Nova York e submetidas a nova aprovação da censura no Brasil, mas, em outros, o público tem de rever o filme nas mesmas e sovadas cópias de quatro ou cinco anos passados, películas que já percorreram centenas de aparelhos projetores, pelo interior do país. E, como se não bastasse esse lucro, há ainda o acréscimo do preço das localidades. O mesmo filme que na primitiva, inédito, foi apresentado a Cr\$ 4,40 é agora reprisado, nem sempre em cópia nova, a Cr\$ 6,60 quando não, em certos casos, Cr\$ 7,70. E muito breve, nesse andar, pagaremos dez cruzeiros fora os selos... O acréscimo de imposto, criado o selo de estatística, recaiu no bolso do espectador, que já suportava os dez por cento do selo da Educação.

Queremos dizer que filmes cujas receitas, anos atrás, foram já consideráveis, estão agora dando bilheterias ainda maiores. E com isso o público tem de rever o que já conheceu em outros tempos, pagando mais do que então pagou. Francamente, o negócio é rendoso.

Mas os cinematografistas têm ainda outra compensação: o da economia do material inédito. Enquanto em São Paulo e em outros Estados as "reprises" enca-minham-se diretamente para os cinemas de bairros, e nos centrais continuam sendo feitas regularmente estréias de películas já produzidas nestes últimos seis meses nos Estados Unidos, aqui no Rio, capital da República, temos de suportar a avalanche das "reprises" a preços aumentados e cópias nem sempre novas.

Que pena os nossos amigos do cinema nacional não saberem tirar partido da situação!

## ABAIXO O BÂTON!

uma ação verdadeiramente criminoso, pois muitos dos maridos em questão estavam despidos de qualquer culpa.

E o senador de Ohio ou da Califórnia comoveu-se, chegou quase a chorar, insistindo no seu singular projeto de lei.

A Câmara rejeitou a sugestão, e o bônus continuou a enfeitar o colarinho e o bigode dos angelicais maridos de Massachussets.

O senador retirou-se para casa cabisbaixo, não sem ter examinado minuciosamente ao espelho todos os detalhes de seu traje, receoso de que a marca da traição aparecesse em algum lugar, viva e vermelha.

O singular discurso senatorial deve, entretanto, ter causado grande repercussão entre todos os homens casados do mundo, que a estas horas estão aplaudindo unissonamente o senador de New Jersey.

E todos são favoráveis à lei que ele pretendia impor. Em verdade o parlamentar mais não fez que expressar o desejo de todos os homens casados do mundo.

Mas para os solteiros a aceitação de seu projeto seria uma calamidade. Sim, pois se para os casados o bônus é a marca da traição, o estigma do crime, para os solteiros, mais não é que um diploma de glória, um carimbo de grandeza.

E se passasse a tal lei e entre nós fôsse imitada, uma vez proibido o uso do bônus entre as mulheres, a quem atribuíram os conquistadores baratos as marcas vermelhas que trazem sempre nas faces e nos colarinhos?



# A CARIOCA 1945 É DO "BATENTE"!

COMO TRABALHA A MULHER NO RIO DE JANEIRO — AS FILHAS DE EVA CONCORREM COM OS HOMENS EM TODOS OS RAMOS DA ATIVIDADE HUMANA — A VIDA PARA A CABINEIRA TEM TRÊS ANDARES — AS OBRIGAÇÕES DE UMA ATRIZ DE TEATRO — HIPÓCRATES DE SAIA — A SENHORITA COMISSÁRIA — AS "CAIXAS" TÊM MENOS "FRAQUEZAS" QUE OS SEUS COLEGAS DO SEXO FORTE

Escreveu CELIUS AULICUS

Até bem poucos anos atrás, o lugar da mulher era "na cozinha", como diziam os maridos conservadores, de óculos de tartaruga, correntão de ouro atravessado no colete de trespasse e botinas de abotoar.

Hoje, porém, soltos os instintos de liberdade que vivem em tôdas as almas humanas, as mulheres resolveram se libertar do âmbito estreito da cozinha. Rebelaram-se contra a pecha que lhes era lançada, de "sêres de cabelos compridos e idéias curtas". Tôdas cortaram os cabelos, algumas alongaram as idéias e começaram a gritar em cântico contra a escravidão milenar que as prendia à cadeia da prepotência masculina, ligada pelos elos enferrujados dos preconceitos sociais, que foram caindo, um a um, aos golpes de machado das idéias progressistas, edificando as grandes conquistas humanas, sobre o sólido alicerce do cimento armado, da eletricidade, da imprensa, do rádio e do cinema.

Antes de se moverem na tela os bonecos da lanterna mágica, uma mulher assombrava o mundo e, encorajadas pela maior descoberta científica de todos os tempos, levantaram-se as forças femininas de todo o planeta, à sombra dessa bandeira gloriosa: Mme. Curie.

E quando os homens, ainda descrentes da igualdade intelectual da mulher, lhes lançavam à face uma infinidade de nomes, que num índice incomensurável simbolizavam todos os progressos humanos conseguidos de Arquimedes a Santos Dumont, as mulheres interpunham à avalanche de seus argumentos o muro inquebrantável e espesso, no qual se lia em letras luminosas: Mme. Curie.

E os tempos foram mudando. Os maridos já não usavam bigodões, as correntes dos relógios iam diminuindo de peso, os fraques se tornavam cada vez mais curtos.

Veio a guerra de 14, apareceu o paletot saco e o relógio de pulso. Nietzsche perdeu o prestígio, desbancado por Carlitos.

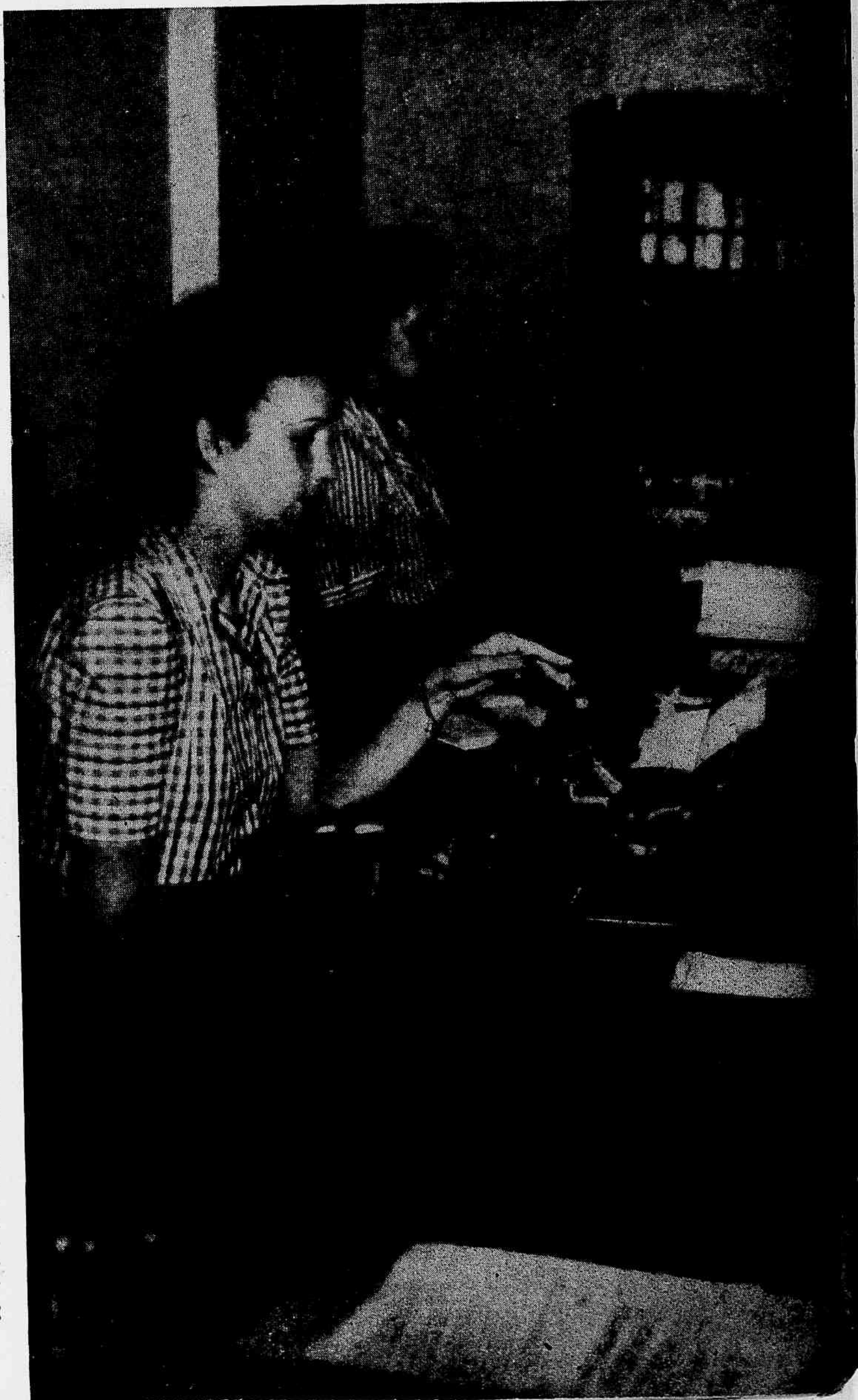
O século da velocidade acelerou o motor, comprou hélices, bombardeou exércitos em linha vertical. Manfredo von Richtofen substituiu Dom Quixote. E enquanto os franceses aguentavam no Marne o peso da última ofensiva, faltavam braços nas indústrias e nas lavouras do sul.

A Alemanha de Guilherme II também lutava contra a falta de trabalhadores.

Então as mulheres empunharam as enxadadas, seguraram os freios das locomotivas e lançaram aos céus o canto da vitória e o apito da libertação. Estava ganha para elas a primeira batalha.

Tudo iria muito bem e muito direitinho se não se lembrassem de batizar o movimento libertador. Mas alguém chamou "feminismo" ao ato da mulher ser encontrada fora da cozinha. E foi um "Deus nos acuda": tudo o que fala em "ismo" pressupõe uma legião de adeptos. E o feminismo os teve aos montões. Adeptos com "a" na última sílaba, é claro. E ainda hoje, quem não se lembra delas, essa artilharia de grosso calibre, de faces chupadas e cabelo "à la garçonnette", espalhando gratuitamente as suas idéias, ou a sua falta de idéias, em todos os salões de conferências do mundo?

A mulher de hoje, em todo o mundo, dedica-se aos mais diversos misteres. A carioca não fica atrás. Libertada da tutela dos homens, elas estão sempre ao seu lado na luta pela vida, no serviço pesado ou nos trabalhos intelectuais. E a carioca 1945 se tem revelado igual a todos os homens, capaz de competir com eles. Eis aqui uma estenógrafa entregue ao trabalho de traduzir para o português as garatuñas ilegíveis, que se estendem em laudas e mais laudas. Quem é capaz de decifrar essa infinidade de hieróglifos misteriosos encontrará dificuldade em exercer alguma profissão?







Numa loja de artigos para homem todos os caixeiros são mulheres. Isso, sobre embelezar a secção de vendas, contribui para a alegria do ambiente e é, para o patrão, uma garantia de lucro. Quem é que não sente vontade de adquirir uma gravata, mesmo pelos preços atuais, de uma "vendeuse" como esta? O reporter aproveita a oportunidade da "liquidação" anunciada e faz uma compra. O trôco é um sorriso, capaz de fazer morrer na garganta qualquer tentativa de reclamação. E depois de adquirida a peça saímos para a rua sorridentes, com alguns cruzeiros a menos mas levando para casa uma gravata e uma recordação.

Estas, porém, não eram as mulheres que descobriam novos micro-organismos nos fundos dos laboratórios de biologia, nem as que apitavam na curva assentadas sobre a ban-

queta da locomotiva. Não eram êsses sêres horrorosos de idéias e cabelos curtos, que atravessavam o Atlântico, no bôjo de um monomotor rudimentar. Não eram elas que com-

batiam às portas de Varsóvia a contra-revolução branca. Mas, a acreditar na sinceridade de suas palavras, e na eloquência de seus "lorgnons", todo o movimento de emancipação da mulher se devia unicamente a elas, as grandes apóstolas. O leitor maior de 25 conheceu com certeza algum destes monstros de após guerra, que se chamaram "feministas".

Eles viveram, cresceram, multiplicaram-se, e foram finalmente fenecendo. Tiveram o seu apogeu no período de 1922 a 1924. De então para cá o feminismo foi desaparecendo. Mas ainda hoje, em plena fase da luta por um mundo melhor, encontramos alguns espécimes representativos dessa fauna quase desaparecida. Isoladas umas, agremiadas outras em clubes aristocráticos, ainda andam sôltas por aí algumas grandes feministas: a "Vitória Régia" é o seu último reduto.

Mas, se o chamado "feminismo" passou, as conquistas da mulher continuam de pé, cada vez mais sólidas. Tudo isto se processou muito naturalmente, sem alardes e sem interferência das conferencistas dos clubes femininos.

Obra do determinismo histórico, a libertação da mulher se fez gradativamente, e hoje ninguém se espanta mais quando vê passar, pendurada à porta do ônibus, metida dentro de um incrível uniforme, uma filha de Eva.

As mulheres, que antigamente tinham o seu lugar de honra na cozinha, assentam-se hoje nas cátedras dos parlamentos, tomam lugar nos comandos das aeronaves, seguram as rodas do leme dos navios, e, em algumas partes, chegam mesmo a envergar a farda e comandar pelotões e companhias.

Isso aconteceu na Espanha de 1936, e acontece agora na Rússia e na China.

Por esta registradora passam todos os dias milhares de cruzeiros. Dizem muitos que é significativo o fato de serem representantes do sexo frágil mais de setenta por cento dos caixas do Rio. As próprias estatísticas policiais têm revelado que, apesar de pertencerem ao sexo forte, os caixas têm "momentos de fraqueza" muito mais frequentemente que as suas colegas de cabelos compridos. Aí está ela pois, o símbolo da honestidade. E agora ninguém pode descrever desta verdade: "A honestidade é uma bela virtude."





E no Rio? Aqui também, a mulher move-se em direção ao progresso cultural, e a sua emancipação cultural, econômica e política é hoje um fato consumado.

O que não diriam os nossos avós, se pudessem ressuscitar hoje, em pleno gôzo de sua juventude e fôssem encontrar as suas "Sinhazinhas" românticas e indolentes, martelando numa máquina de escrever, ou respondendo às solicitações das partes nos **guichets** de uma repartição?

Em verdade, muito progredimos nós, os homens, nesses últimos cem anos. Mas a evolução da mulher foi algo de grandioso e impressionante. Sim, pois ela, nesse espaço de tempo relativamente curto, conseguiu passar, das sestras dormidas nas rédes embaladoras para as boléias das baratinhas aerodinâmicas.

E a carioca de hoje, a morena provocante e faceira do Rio, não é mais aquela moça langorosa que Pedro Américo pintou. É a pequena bonita que passa apressada pela Cinelândia, procurando a sombra dos arranha-céus, entre os gracejos cretinos da juventude desocupada e inconsequente.

E ela, esportiva, alegre, saudável, não pára, não se comove com o lirismo das piadas que os poetas do "Amarelinho" lhe dirigem, pois não pode perder o horário do ponto, que comanda todos os seus movimentos e que lhe dita o limite entre a vida sentimental de moça bonita e o dever profissional de mulher que trabalha.

O Rio de Janeiro nos mostra hoje, em qualquer setor da atividade humana, a presença da mulher que, lado a lado com o homem, trabalha e produz, em perfeita igualdade, sem rancores contra os seus algozes de tantos séculos, hoje simples camaradas do "batente".

Foi para mostrar aos nossos leitores alguns aspectos da vida da carioca 1945 que percorremos os lugares onde ela se encontra, escritórios, lojas, cafés e teatros, conversando e colhendo impressões, sondando enfim o seu pensamento e as suas aspirações, para apresentá-la ao público, tal qual é, sem prevenções e sem máguas.

#### UM SORRISO PARA O MUNDO

E em todos esses lugares, encontramos sempre uma legião de moças alegres e bonitas, trabalhando com um sorriso nos lábios, alegres porque a consciência de sua força e de sua inteligência lhes dera a satisfação de saberem-se úteis, sorridentes porque o trabalho lhes garantia a certeza de bastarem-se a si próprias, libertas da tutela econômica do homem.

Começemos pelos cafés. Atrás dos balcões de mármore, move-se incessantemente um verdadeiro enxame de abelhas trabalhadoras, sincronizando os seus passos e gestos, numa harmonia perfeita, sem qualquer nota dissonante.

As chécaras chegam em grandes vasilhas de alumínio, e são dispostas rapidamente sobre o balcão, outras voltam para o esterilizador.

E as pequenas incansáveis ali estão, oito horas por dia, sempre com um sorriso nos lábios, sem rancores contra as graçolas idiotas de alguns conquistadores vulgares, que se aproveitam da proximidade, para dirigir-lhes galanteios baratos. Estes são alguns dos espinhos da ingrata profissão de "vendeuse" de café.

E os homens que as aborrecem constantemente com dichotes tolos, iludidos pelos sorrisos bonitos que sempre aparecem nos lábios dessas garotas, ignoram por certo o que em verdade representa o seu trabalho árduo, sem uma folga repousante; sem um minuto disponível para os retoques de **toilette**, sem o consolo de uma cadeira.

Muito poucos por certo são os que em vez de verem atrás do balcão uma pequena bonita



Estas moças, que na fotografia revelam-se simplesmente duas pequenas bonitas, têm uma grande responsabilidade sobre os ombros. A da esquerda é encarregada do serviço de controle dos passageiros de uma empresa de viação aérea. A da direita é comissária de bordo. A aeronave decolará dentro de poucos minutos rumo ao norte, e a lista de passageiros deve ser conferida. Satisfeita essa exigência as duas moças se despedem e, enquanto a primeira retoma o seu serviço na estação, a segunda trabalha a dois mil metros de altitude.

que sorri vêem apenas ali uma moça, com todos os ideais e as ambições de qualquer jovem, que se vê obrigada a se levantar todos os dias pela madrugada, deixar cedinho a sua casa suburbana, e enfrentar o "batente" ingrato durante horas seguidas, servindo café aos fregueses exigentes e às moças de sua idade, que saem do cinema ou se dirigem ao teatro.

Mas as garotas dos cafés estão sempre de bom humor, e mesmo as impertinências dos "Dons Juans" baratos nunca são respondidas com rispidez. A delicadeza é uma das características dessas pequenas, que têm sempre um sorriso para o mundo, e alegam a cidade com a sua graça, e amenizam um pouco a vida trabalhosa da gente, com o encanto da sua presença.



## POR TRÁS DA REGISTRADORA

Dizem alguns pessimistas que a honestidade é uma virtude tão pouco seguida pelo sexo forte que para prová-lo basta apresentar o argumento do aproveitamento quase absoluto das mulheres como "caixas" dos estabelecimentos comerciais.

Não queremos participar dessa opinião irreverente, mas acreditamos que exista de fato uma certa afinidade entre as mulheres e as máquinas registradoras, por um motivo qualquer.

A realidade é que em quase todos os estabelecimentos do centro da cidade o caixa é sempre mulher. E raramente os negociantes podem se queixar de que a moça bonita da caixa tenha empregado o saldo da casa no "ponto" do bacarat, ou na compra de joias para o namorado.

Talvez seja esta a razão pela qual encontramos sempre a mulher atrás das caixas registradoras.

Em muitas casas a presença da mulher na caixa representa, acima de tudo, uma ótima garantia de lucro para o patrão. Existem por aí muitas camaradas que, tendo que fazer compras, ao invés de adquirir tudo o que necessitam de uma só vez, compram objeto por objeto, para passar repetidamente pela caixa, e se embebedarem na contemplação da sósia de Dorothy Lamour, que maneja a registradora.

E tantos passam por ali diariamente que um dia a morena acaba encontrando o seu tipo entre as legiões de fregueses apaixonados.

Aparece um dia com uma aliança na mão direita. Daí a meses ela está casada. Ninguém mais encontrará Dorothy Lamour na "gaiolinha" da caixa. Em seu lugar está, agora, uma loura "à la Danielle Darrieux", e os "fans" continuam a fazer compras por etapas. Cada grito das "vendeuses" representa um pagamento à "caixa". E cada pagamento representa uma esperança.

Todos saem satisfeitos, sem reclamações contra os preços exorbitantes, porque um olhar da "caixa" compensa todos os abusos, e as próprias "japonêsas" que passaram pelas suas mãos delicadas têm o encanto de uma estrofe lírica.

## UMA GRAVATA E UMA RECORDAÇÃO

Na grande casa de artigos masculinos, as moças trabalham atrás dos balcões imensos, numa azáfama febril. Há em todos os lábios um sorriso para as "vendeuses" bonitas. E os que iam comprar um lenço levam uma camisa. Os que vieram comprar um vidro de tinta adquirem uma caneta-tinteiro. E saem todos satisfeitos.

Homens que se irritam sempre diante dos caixeiros tímidos, mal se aproximam das pequenas da loja escancaram a boca num sorriso largo, e aos seus pedidos antepõem sempre a delicadeza de um "por obséquio", ou "tenha a bondade". Escolhem demoradamente cada artigo, pedem polidamente a opinião da moça sobre o efeito das gravatas e dos lenços, como se os fossem utilizar para um passeio com ela.

E depois de se desfazerem em amabilidades, ganham a rua com a gravata nova, que lhes custou os olhos da cara.

Mas a compra que lhe mereceria, num estabelecimento servido por homens, alguns insultos pesados, foi para ele um grande prazer.

Agora, com um sorriso de satisfação, irradiando felicidade, ele leva consigo uma gravata cara e uma cara recordação.

## A VIDA TEM TRÊS ANDARES

Em certos prédios do Rio, principalmente nas grandes lojas de modas, introduziu-se há pouco uma inovação: o emprêgo de moças nas funções de ascensorista.

E a experiência deu resultados satisfatórios. "As garotas são melhores que os meninos antigamente empregados nesse mister", dizem os patrões. E achamos que eles têm razão. Pelo menos para nós fregueses é sempre mais agradável ser conduzido num elevador controlado por uma pequena bonita, que subir ou descer sob a responsabilidade de um rapazinho malcriado.

Acontece, com relação aos elevadores, um fato interessante. Pudemos observá-lo através de duas viagens feitas em cabines antiquadas, que se elevavam prudentemente entre os arames e a ferragem das grades.

No primeiro elevador, conduzido por um rapazinho de côr, todos se queixavam: "Mas não é possível! Quero chegar ao quinto andar antes do fim do ano!" Ou então: "Esse caranguejo vai ou não vai?"

No outro ascensor, a conversa se inverteu. A presença da cabineira convidava a uma longa viagem. Um colegial chegou mesmo a reclamar: "Por que é que este prédio não tem sessenta e cinco andares?". Infelizmente eram apenas três os pavimentos do edifício. Todos os olhares estavam presos à ascensorista. Os semblantes dos passageiros exprimiam a esperança de que o elevador "enguiçasse" no meio do caminho.

Mas a viagem terminou sem qualquer acidente paradoxalmente agradável.

Agora a cabineira da casa de modas descia para o térreo. E assim passaria o resto do seu dia. A vida para esta menina tem, como na comédia, três andares. Ela não se aborrece com isso, a sua filosofia não a leva a querer analisar o que se passa em cada piso.

Contenta-se em levar os homens aos pavimentos que buscam, subindo e descendo ininterruptamente, e parando para gritar: "Primeiro, secção de roupas sob medida. Segundo, meia confecção. Terceiro, Publicidade".

## NOS DOMÍNIOS DA ESTENOGRAFIA

Passemos agora a um escritório. Na secção de contabilidade de uma grande agência de publicidade, fomos encontrar outro exército de moças bonitas, entregues às mais diversas atividades. As máquinas de escrever, numa sinfonia metálica e ruidosa, eram marteladas sem descanso, os livros enormes de balanços eram abertos e folheados a todo instante.

Procuramos conversar com alguma daquelas jovens, a respeito de seu trabalho e de suas aspirações, de suas preferências e de suas idiosincrasias.

Tem a palavra uma estenógrafa:

— Trabalho porque preciso. Acho que o trabalho, como diria o conselheiro Acácio, dignifica não só o homem como também a mulher. E não é justo que se prive a mulher de exercer qualquer atividade, se ela se mostrar capaz de desempenhá-la com eficiência.

— Julga então que a mulher é capaz de substituir o homem em qualquer trabalho?

— Não digo isto. Eu, por exemplo, não me julgo capaz de bater rebites na asa de uma Fortaleza Voadora. Mas há mulheres que o fazem, e penso que o seu serviço tem satisfeito à produção americana. Posso acrescentar ainda que não me daria bem no comando de um avião. Mas sei que como estenógrafa posso fazer alguma coisa. Pelo menos, garanto a minha independência. E o meu maior desejo é tornar-me cada vez melhor conhecedora da ciência e da técnica da minha profissão.

A moça calou-se e começou a passar para o português um enorme texto que estava sobre sua mesa, rabiscado em caracteres ilegíveis, em laudas e laudas de papel branco.

Observamos durante algum tempo o seu trabalho e concluímos que, se ela é capaz de traduzir aquele emaranhado de linhas e de pontos, não nos surpreenderia a notícia de que ela havia bombardeado Tóquio numa B-29.

A vida para esta pequena tem três andares. E ela passa o seu dia entre eles, avisando aos passageiros distraídos: "Primeiro, secção de roupas sob medida. Segundo, meia confecção. Terceiro, publicidade".

"Algo grave, doutora?" — A médica prepara-se para satisfazer a curiosidade da paciente, e com o auxílio de um aparelho complicado observa todos os detalhes do vestibulo de seu ouvido esquerdo.



## HIPÓCRATES DE SAIA

Abriu-se uma cortina. Estávamos no gabinete médico de uma empresa de viação aérea. Apareceu uma moça de avental, estetoscópio pendurado ao pescoço, trazendo na mão um aparelho complicado.

— Viemos conversar um pouco sobre a mulher e o trabalho.

— Pois não, tenha a bondade de entrar. Enquanto conversamos pode observar a mulher no trabalho.

E a dra. Edelweis Tacola enquanto falava procedeu uma rigorosa inspeção de saúde em uma moça. Examinou detalhadamente o aparelho circulatório e o ouvido da paciente, ao mesmo tempo que dizia:

— A mulher, como o homem, tem obrigação de trabalhar. É lógico que a mulher se dedica, pela própria natureza do sexo, ao serviço de seu lar. Isto não impede que ela se empenhe em qualquer atividade estranha à vida doméstica. Se a mulher tem aptidões e vocação que lhe facultem o exercício de uma profissão útil à sociedade, não só pode como deve desenvolver essa atividade. A inação, nesse caso, é que passa a ser um erro. Podemos mesmo chegar à conclusão, estudada a evolução da mulher, que muitos dos mistérios a que ela hoje se entrega fora de casa só poderão vir em benefício de sua função no lar. Tome como exemplo a medicina. Se uma médica, através seus estudos e seus trabalhos experimentais, chega à conclusão de que este ou aquele alimento é de grande utilidade na dietética infantil, em tais ou quais circunstâncias, ela, melhor que ninguém, poderá aplicar os novos conhecimentos na alimentação de seus filhos.

Antigamente, quando imperava o regime da palmatória e do óleo de rícino, a mulher se recolhia a uma vida estéril de borralheira forçada, presa sempre aos róis de roupa e aos tachos de doce. Hoje as coisas mudaram. E as mães que trabalham durante todo o dia, penso eu, não têm pelos seus filhos um amor menor do que o de uma senhora do século passado, preocupada sempre com os mistérios domésticos e com a leitura dos romances de Macedo.

— Ai! Doutora! — Era a voz da paciente.

A médica tirou o aparelho que lhe havia aplicado no ouvido, pôs o estetoscópio em posição, e começou a auscultar-lhe o tórax.

O coração funcionava bem, os pulmões estavam legais. A doutora anotava tudo numa ficha.

Havia terminado a nossa conversa.

Dirigimo-nos à estação de passageiros do Aeroporto Santos Dumont, em procura de outras mulheres trabalhadoras.

## "THANK YOU, MISS"

Logo à entrada da estação, no serviço de passageiros, fomos encontrar várias filhas de Eva. Lá estavam elas, atentas ao seu trabalho, conferindo os nomes dos que viajavam pelo ar, homens que se dirigiam de Miami a Buenos Aires, de Belo Horizonte a Recife, de Porto Alegre a Poços de Caldas.

E esse serviço de tamanha responsabilidade, era todo executado por moças que ainda não haviam entrado na casa dos vinte.

A nossa admiração cresceu quando o chefe da secção nos informou que aquelas pequenas, algumas vezes por semana, se vêem obrigadas a levantar-se às três da madrugada, afim



Todos no Rio de Janeiro tomam café a cada hora. Ninguém entretanto tem a paciência de procurar ver o que se passa atrás do balcão. Ali se move uma colméia de abelhas trabalhadoras, incansáveis na sua faina, servindo o público exigente sempre com bom humor e cordialidade. E o seu trabalho exaustivo e ininterrupto, de oito horas por dia, não é capaz de roubar-lhes a alegria juvenil e encantadora. E elas têm sempre um sorriso para o mundo, e mesmo aqueles que as importunam com piadas sem graça, nunca são afastados com rispidez.

de atender aos passageiros dos primeiros aviões.

Conversámos com as moças, pela mesa das quais passa todos os dias uma pequena multidão cosmopolita e apressada. Homens em trânsito para Bagdad e San Francisco são atendidos por elas, e a graça de seu sorriso será assim lembrada por eles em todos os paralelos e meridianos.

Uma das jovens nos explica em que consiste o seu trabalho:

— Aqui temos que permanecer, para atender ao que se relacione com o conforto dos passageiros, sua identificação, informações que lhes devem ser prestadas e tudo mais. E pode estar certo de que este é um serviço duro. Imagine só a ginástica a que nos obrigamos, para responder às perguntas de centenas de pessoas, que nos são feitas diariamente, nos mais diversos idiomas.

Nessa altura da conversa entrou um americano, que se dirigiu à pequena, fazendo-lhe uma série de perguntas, num inglês vertiginoso.

E, a tudo ela respondia rápida e seguramente, como se, em vez de ter vivido sempre

no Rio de Janeiro, houvesse nascido e se criado entre os arranha-céus de New York.

Inteirado de tudo o que queria saber, o sobrinho de Tio Sam despediu-se, agradecendo com um sorriso amável: "Thank you, miss".

A moça bonita, metida dentro de um uniforme marcial de casemira cinzenta, respondia agora ao interrogatório de um francês grisalho, que pouco depois lá se foi também, com um agradecimento: "Bien merci, mademoiselle".

E assim, todos os dias, aquela carioca século vinte, pelos seus serviços e pela sua delicadeza, recebe os agradecimentos dos cinco continentes e dos sete mares.

Aproveitando um momento de folga, a jovem nos oferece os seus serviços como cicerone:

— Se quiserem conhecer outro trabalho interessante a que se dedica a carioca de hoje venham comigo à pista do aeroporto.

## A SENHORITA COMISSARIA

As hélices do bi-motor estrondam numa ventania infernal. O comandante já está em



Os motores estão aquecidos, vai se fechar a porta do avião. A comissária troca um sorriso com a sua companheira. Quando o aparelho corre serenamente pela pista, esta acena um grande adeus à companheira que parte. E os que ficaram cá em baixo, secundam o seu gesto: "Feliz aterrissagem, senhorita Comissária".

#### COMO TRABALHA UMA "ESTRÊLA"

Passemos agora, da pista do aeroporto Santos Dumont aos bastidores do Teatro Serrador.

Já que estávamos procurando conversar um pouco com a mulher que trabalha, nada mais justo que trocar algumas palavras com Eva Todor, a atriz querida pelo grande público.

Fomos encontrar a "estrêla" em seu camarim, preparando-se para entrar em cena: ia começar a vespéral de quinta-feira.

E por isso não podemos conversar. Ela estava apressada, não tinha um minuto que pudesse nos dispensar. O fotógrafo preparou a máquina, a lâmpada estourou. Mas havia terminado a *toilette* de "Joaninha Buscapé", e Eva correu para o palco, sem tempo para responder às nossas perguntas.

O que observáramos era suficiente.

Aí está, pois, o que é, em verdade, a vida de uma festejada "estrêla". Tôdas as noites, ela tem que aparecer, em duas cansativas sessões, a um público exigente. Mal se emudecem os aplausos do último ato, já ela se prepara para representar novamente. Some-se a estes trabalhos a obrigação que tem a "estrêla" de se tornar visível de dia, três vezes por semana. E ainda os ensaios...

Leiam isto as jovens que sonham com o teatro, e vejam se a sua vocação poderá resistir a esse abalo.

Com o que víamos no Teatro Serrador havia terminado o nosso trabalho.

Corremos o centro da cidade, conversámos com a mulher que trabalha.

E, embora não ignoremos que existam por aí, passeando em limousines custosas, centenas de moças e senhoras fúteis, podemos agora dizer, de um modo generalizado, sem medo de errar: a Carioca 1945 é do "batente"!

seu pôsto, o telegrafista tem os fones no ouvido, o co-piloto observa os aparelhos. Tudo está pronto para uma decolagem perfeita. Os passageiros vão entrando. Na cabine, uma moça se encarrega de localizá-los, e providencia para que a viagem seja feita com segurança e conforto. Homens de negócio, políticos, artistas e literatos, cientistas, cirurgiões, vidas preciosas para milhares de pessoas estão agora entregues aos cuidados da senhorita comissária.

E a aeromoça atende a todos, dá informes, movimentando-se numa atividade dinâmica, acostumada como está aos vôos em grandes altitudes, familiarizada já com todos os pequenos incidentes que podem cercar uma viagem aérea, cônica da responsabilidade que lhe cabe como tripulante da aeronave.

Enquanto os motores se aquecem num ruído de catarata, ela conversa com a jovem do serviço de passageiros, ultimando os preparativos para o vôo.

Estamos perto, mas o silvo das hélices nos impedem de ouvir o que dizem as duas pequenas. Pelas suas expressões faciais podemos calcular que a conversa gira em torno da viagem e se relaciona com o trabalho de ambas.

A "hora certa", que é oferecida ao carioca pelos representantes de uma grande fábrica de relógios, requer um número elevado de telefonistas, que são solicitadas várias vezes por minuto. E elas estão sempre atentas para responder aos pedidos. "Alô". Meio dia e quarenta e cinco minutos e meio". E os chamados não param. Elas respondem por dia a uma média de cinquenta e cinco mil perguntas.





## Tudo começou no dia em que o Periquito falou...

Isso, dito assim, parece um absurdo. Um Periquito poderia quando muito, cantar. Mas, francamente, confesso que nem eu posso imaginar o periquito fazendo um discurso. E' preciso explicar, logo de início, portanto, que não se trata de um periquito comum, desses que se encontra em belas gaiolas douradas. O Periquito a que me refiro era de uma espécie muito particular e, em matéria de gaiolas, só tinha sido aprisionado uma vez: Mas as barras não eram douradas e tênues. Prendiam-no fortes grades de aço. Viram, já, não é verdade, que estou me referindo a um homem que, além disso, já frequentara essa bendita instituição do estado onde os filantrópicos presidentes dessa nossa nação oferecem casa e comida do graça aos que o tribunal condena?

Temos, portanto, um Periquito humano e um Periquito que já esteve na penitenciária. Logo nos ocorrerem duas perguntas: por que o chama de Periquito? e por que foi preso?

Vamos por partes. Quanto ao apelido, é fácil de explicar. Certa vez, notando que as passadas de seu cum-plice não eram largas e firmes como a sua, mas breves e saltitantes, um gangster, reparando ainda o terno verde garrafa que ele sempre usava — não se sabia ao certo se era um só ou se ele dispunha de um sortimento: de qualquer forma estava sempre vestido com um terno verde garrafa — chamou-o de Periquito. E o apelido foi aceito. Todos, desde então, começaram a chamá-lo Periquito.

Respondida a primeira pergunta, passemos á segunda que é muito mais delicada. Por que foi preso o Periquito?

O nosso amigo andava pelas ruas de Nova Iorque á procura de moças belas e independentes. E se por exemplo encontrava uma linda moça, que não tinha parentes próximos, nem quem se interessasse por ela, ele, Periquito, muito carinhosamente demonstrava um interesse pelo seu futuro. Pouco tempo depois, a moça desaparecia misteriosamente. Um passaporte falso servia-lhe para ser enviada para o estrangeiro, para uma das organizações de escravas brancas que o Periquito possuía. Um personagem extremamente antipático, confesso.

Creio que já estão apesentados ao personagem. Vamos á história.

Amanhecia e o Periquito ainda estava dormindo pacificamente o sono dos que não tem consciência quando o guarda veio buscá-lo na sua cela.

— O diretor da prisão quer falar com você.

— Eu não me assusto facilmente, Mr. Wellman. O diretor encarou-o fixamente.

— Mas há de ser avisado para seu próprio bem. Amanhã você deixa essa prisão, depois de ter cumprido uma sentença muito benévola para os seus crimes, somente porque não se conseguiu arranjar provas suficientes contra você. Pois fique sabendo que, da próxima vez, não faltarão provas.

— Muito obrigado pelo aviso.

— Mais uma coisa. Você será vigiado dia e noite.  
— Agradável companhia!  
— Você agora brinca: mais tarde, veremos.  
— Posso me retirar?  
— Pode.

Um carro deslizou, mansamente, e veio parar no portão da penitenciária. Alguns minutos mais tarde, um homem saía, escoltado por um guarda. O guarda entregou-lhe uma carteira, e voltou fechando a porta e deixando o homem do lado de fora. Era o Periquito.

Um dos homens que estavam no carro fez um sinal. O Periquito aproximou-se.

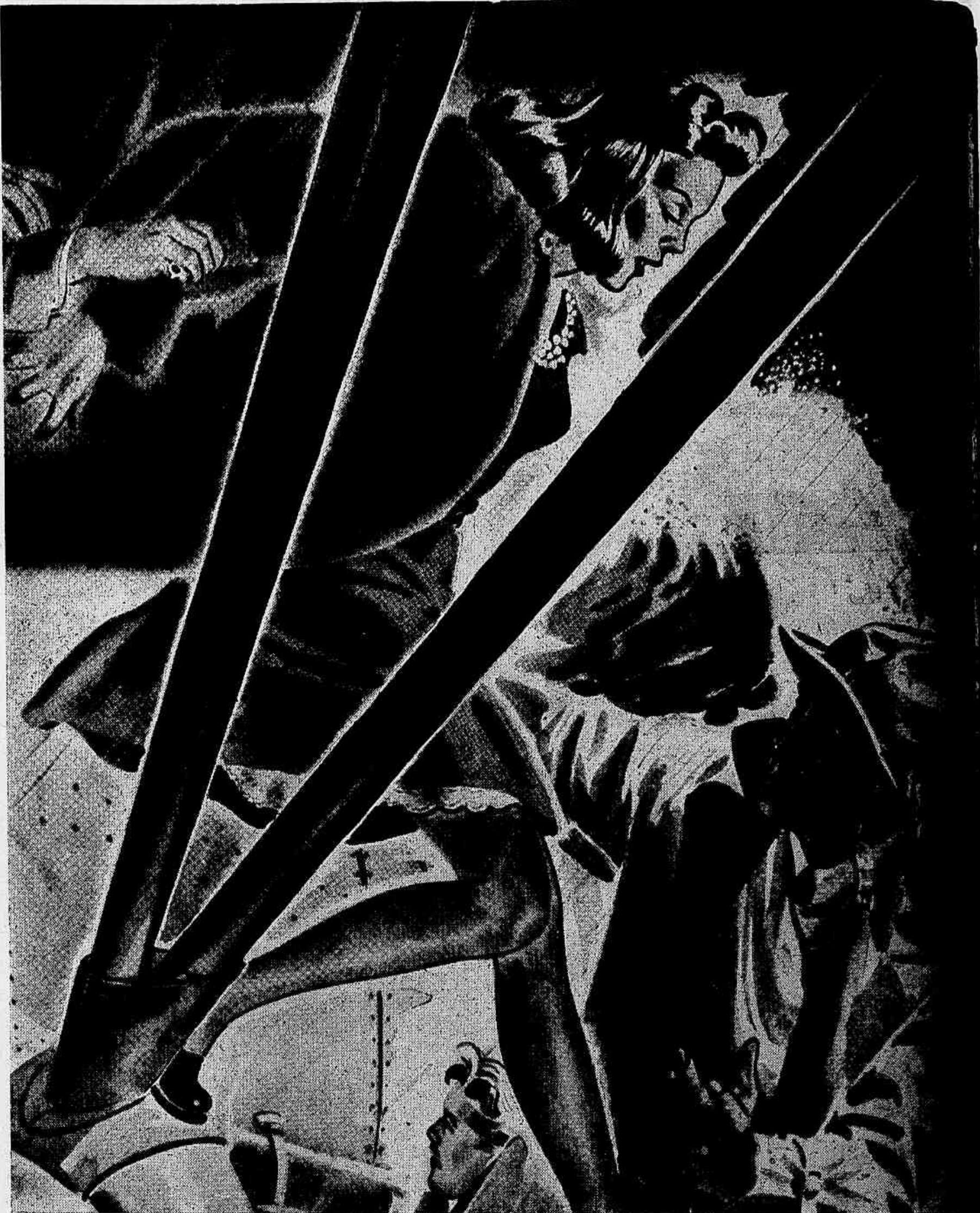
— Foi Manson que mandou vocês?

— Foi.

Sem mais hesitações o Periquito entrou no carro e este partiu a toda a velocidade.

Era uma casa deserta, no topo de uma colina. Deserta é maneira de dizer, porque estava bem populada; porém as venezianas bem fechadas, aliás intencionalmente, para dar a aparência de que realmente não era habitada. Na realidade, porém, era o quartel geral de um curioso bando, com o qual o Periquito estava tendo o seu primeiro contacto.

— Mas vocês não me disseram que fora Manson que os enviara?



Um dos homens, alto e magro, bem vestido, que mais parecia um milionário em férias, riu:

— E que outra maneira você poderia sugerir para que o trouxéssemos aqui sem que protestasse?

Vendo que se tratava do chefe do grupo, Periquito dirigiu-se diretamente a ele:

— Isso é rapto?

— Não. E' uma reunião.

— Para que fim?

— Queremos discutir negócios com você.

— Mas, francamente, eu não compreendo...

— Compreenderá muito breve.

— Expliquem-me em primeiro lugar quem é você.

— Meu nome é Jacob Simes. Trabalho com esses três colegas, Larry, Barry e Charlie.

— Muito prazer, disse o Periquito, ironicamente.

— O prazer é todo nosso, retrucou Jacob com a maior seriedade.

Quando o Periquito saiu, finalmente, da "Casa Deserta", ia no seu cérebro uma confusão perturbadora. Não conseguira ainda assentar as idéias a respeito, mas já estava certo de que tinha á sua frente o maior golpe de sua vida. Não tinha medo da vigilância da polícia. Jacob dissera que ele não tinha nenhum risco a correr, queriam somente valer-se da sua experiência naqueles assuntos. Ele seria uma espécie de conselheiro técnico em troca de uma boa parte nos lucros.

O plano era simples. Jacob e seus amigos iam reunir um grupo de moças como ele jamais reunira, levá-las para um avião que estariam esperando e um piloto contratado especialmente as deixaria no país estrangeiro numa das casas que pertenciam ao Periquito. Comunicar-se-iam secretamente e o Periquito não tomaria parte ativa nas operações...

Trecho do relatório do detective Jones:

... "em seguida, saindo da casa supostamente abandonada, o Periquito dirigiu-se á sua própria casa e não saiu mais. Como não tinha ordens especiais a respeito dos outros não continuei a vigiar a tal Casa Deserta. O Periquito não tornou a sair de casa até agora".

Instruções do diretor Wellman ao detective Jones: "Esqueça tudo menos o Periquito. Não quero que vigie quem anda com ele, mas ele próprio. Mantenha-me ciente de seus movimentos".

O Periquito estava exultante. Tinham conseguido tudo o que ele esperava. Ainda aquela tarde tivera uma visita bem vinda...

Trecho do relatório do detective Jones:

... "um dos homens que ocupavam a Casa Deserta, entrou na casa do Periquito ás quatro horas da manhã e saiu ás seis, escondendo-se entre os arbustos para não ser visto saindo da casa do Periquito".

Instruções do diretor Wellman ao Detective Jones: "Quando o Periquito sair, avise-me. Antes de segui-lo".

— Bem, como faremos?

Jacob encarou-o.

— E' simples. Em primeiro lugar, livramo-nos do homem que o está seguindo. Isso é fácil, porque é um só.

— E depois?

— Vamos á Casa Deserta. Lá perto há uma praia e o hidroavião estará esperando para levar as moças.

— Já estão prontas.

— Todas elas pensam que vão fazer carreira no estrangeiro.

O Periquito riu:

— Não deixa de ser uma carreira: escrava branca.

Jacob assentiu:

— Mais do que elas merecem por serem tão idiotas.

Trecho do relatório do detective Jones:

... "Jacob Simes e o Periquito saíram da casa do último e livraram-se do outro detective que foi postado bem ostensivamente para enganá-los. Vou segui-los".

No gabinete do diretor da prisão. Wellman:

— Srta. Mary, telefone para a polícia. Quero falar com o tenente Ames.

— Alô, Wellman?

— Sim. Tudo pronto. Pegaremos o Periquito desta vez.

(CONTINUA NA PAGINA 39)

# O PERIQUITO FALOU...

conto de

## HARRISON AMES



# ESCRAGNOLLE DORIA

## "O ANO BIOGRAFICO"

### DE MACEDO

Desde tésse inaugural de Medicina, — *Considerações sobre a Nostalgia* — desde discurso de colação de grão médico, em 1844, Joaquim Manuel de Macedo prenunciou paixão pelas letras, nas patrias afinal gravando nome.

Na literatura nacional a obra de Macedo tem copia e variedade. Nele o medico, e o foi bem pouco, nele o parlamentar, de ocasião, nele o professor, de longo exercício, sempre mostraram o homem de letras, de cuja mão caiu a pena em vespéras de morte.

Só uma obra de Macedo — "*Anno Biographico Brasileiro*" — conta mais de duas mil paginas. São juntaveis ás centenas de outras paginas de livros do autor que estreitando com *A Moreninha* logo conhecera o apice da popularidade.

Constante de três in-8.º e de texto principal, o *Anno Biographico* publicado em 1876, recebeu, em 1880, volume suplementar, que incompleto ficaria.

No seu gosto por exposições nacionais ou universais, o Segundo Reinado, desde 1861, fez timbre em mostrar Brasil a brasileiros ou alienigenas, estendendo o seu gosto pelas exposições até ás de livros e de flores.

Em 1876, para maior lustre de memoria do primeiro centenario de Independencia, os Estados Unidos inauguravam exposição em Filadelfia.

Ano antes da comemoração norte-americana o Brasil, no Rio de Janeiro, tivera exposição nacional. Dirigira-a comissão superior, presidida pelo Conde d'Eu, por membros da mesma os viscondes de Jaguaré, de Bom Retiro e de Souza Franco e o comendador Joaquim Antonio d'Azevedo.

Convidou a comissão a Macedo, encarregando-o de escrever o *Anno Biographico Brasileiro*, no livro apresentadas numerosas biografias de vultos nossos ou de cooperadores da vida nacional.

Na necessidade de ganhar a vida diaria, Macedo compoz a obra, de prazo fixo, apresentando-a em Abril de 1876, com o fim de aparecer o trabalho na Exposição de Filadelfia, tornando-se a obra propriedade da comissão que a encomendára.

Para satisfazer a comissão, da qual a morte retirou Souza Franco, Macedo escreveu dia e noite, a materia

O CONDE D'EU, PRESIDENTE DA COMISSÃO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1875, RETRATO DE 1864, DATA DA CHEGADA DO CONDE D'EU AO BRASIL (1864)

biografica não sendo de correr de pena, mas de pesquisa por superficial que fosse.

Experiente, previsor, Macedo declarando a sua obra escrita a convite da comissão superior da exposição nacional de 1875, declarou também que "ao humilde autor do *Annuário* cabia somente a responsabilidade dos erros e das imperfeições que a amesquinhavam".

Sabia Macedo quanto a inveja e a critica andam de ronda ao esforço alheio. Sabia igualmente que ás paixões politicas tudo serve de pretexto para malsinar.

O *Annuário Biographico* fôra encomenda oficial, tanto bastava para hostilizar no disfarce opposição ao regimen vigente claramente representado na comissão pelo Conde d'Eu.

Não tardou Macedo a experimentar invejas e criticas, aquelas sempre odiosas ou de vindita, estas bem aceitas se justas e cortezes.

O que curtiu em 1876, o autor do *Annuário*, vai provar-o a seguinte carta de Macedo a amigo, o Conselheiro Lopes Netto, o diplomata, ao qual, a revolta Praieira dera horas amargas e fizera passar mãos pedaços. "Amigo e Snr. Conselheiro Lopes Netto, Rio de Janeiro 29 de Setembro de 1876".

Por pouco se achou livre da importunação do pedido que vae nesta carta.

Adoei em Março e em tal estado fiquei que mezes depois, podendo enfim sahir á rua, amigos intimos, como o Capanema e outros no primeiro momento não me reconhecerão; envelheci vinte annos, agora porem estou remocando e com esperanças de tornar a vê-lo e abraça-lo!

Ahi vai, não sei se em bom ou máo inglês, o *Anno Biographico Brasileiro*, que ahi chega bastante tarde.

Aqui alguns descontentes e alguns jovens amigos novos têm procurado hostilizar a Comissão Superior da Exposição Nacional e ao Imperador por causa dessa obra, escrevendo artigos em que dizem que ella não pode ser util nem aproveita ao Brasil apparecendo na Exposição de Philadelphia, e que portanto se esbanjou dinheiro para a sua publicação, alem d'isso em allusões clarissimas attribuem a *encomendas* da obra ao Imperador (o que é falso) e á sua influencia a omissão do nome de Evaristo (estúpida falsidade), nome que não esqueci, acontecendo porem que eu desse o artigo sobre Evaristo ao visconde de Inhumirim, que m'o pediu e depois elle se esqueceu de restituir m'o e eu de pedi-lo, contando com o artigo entre outros e não dando pela falta, porque havia dez ou mais artigos de sobra e com datas duplicadas.

Sem fallar do visconde porque já não existe, expliquei pela imprensa essa falta involuntaria; os parentes de Evaristo se satisfazerão, e um d'elles me escreveu honrosa carta, mas continuaram os males volve a morder, e a Comissão e o Imperador soffrem ainda mais do que eu.

Nestas circumstancias eu lhe rogo encarecidamente que me faça dous grandes favores: o primeiro é activar as cousas de modo que o *Anno Biographico Brasileiro* se distribua ahi antes de encerrada a Exposição para que não se diga aqui que se perdeu a despesa, sendo os mais accusados o conde d'Eu e os outros membros da comissão; e o segundo favor é conseguir que nas gazetas mais importantes na imprensa de Philadelphia se faça sentir não qualquer merecimento do autor da obra, sim a utilidade desta, e o acerto do governo ou da comissão superior fazendo escrever um livro que recommenda o Brazil pelo conhecimento de tantos seus homens illustres que attestão a sua civilização.

Não peço, não peço absolutamente o menor elogio a mim; peço-lhe porem com todo o empenho de amizade aquelles dous favores; eu conto com todo o seu mais zeloso esforço a penhorar-me com este obsequio a que ligo a maior importancia.

Minha senhora manda-lhe mil saudades e eu o abraço.

Lembranças ao Dr. Nicoláo Moreira e aos outros amigos.

Adeus. Volta cedo.

Disponha do seu amº velho e affectuoso  
Macedo.

A ideia de pôr em relevo no estrangeiro o Brasil e suas illustrações era a mais nobre possivel, a mais lou-

vavel possivel a trabalhadeira de Macedo para realizar o pensamento da comissão de 1875.

Dava-lhe o imperador todo apoio ao seu alcance, pretendendo ele proprio, por meio de visita sua aos Estados Unidos, estreitar relações com a republica norte-americana na qual até hoje se conservam a lembrança da visita de D. Pedro II e dele proprio a mais grata recordação.

O desabafo de Macedo junto a Lopes Netto é expressivo. Defendendo-se da increpação de haver sido o *Anno Biographico* encomenda do imperador, Macedo o desagravava quanto á omissão na obra do nome de Evaristo Ferreira da Veiga, de biografia traçada em artigo ficado em mãos de Salles Torres Homem, o visconde de Inhumirim ao qual Macedo se referia epistolarmente, Torres Homem falecido em Paris, a seus papéis pois no Rio de Janeiro.

Nem se esqueça que outra obra, a *Inconfidencia Mineira*, de Joaquim Norberto, não escapou á declaração de ter sido elaborada por encomenda imperial. E outros exemplos poderiam vir á balha.

Retenha-se, porem, o exemplo de Macedo, culpado e "mordido" pela omissão do redator da *Aurora Fluminense*, no caso entrando com a posição de Pilatos no Credo.

Pena é não termos conhecimento da "honrosa carta" dirigida por parente de Evaristo a Macedo, com as explicações deste se satisfazendo outrosim os proximos do jornalista.

Em ultima analise, o *Annuário*, em versão inglesa, era propaganda patriótica, sem fito de tajarlar ninguém, todos os biografados em chão de cemiterio.

Não ha propaganda sem despesa, mas para accusadores a impressão do *Anno Biographico*, segundo eles inutil, "esbanjára dinheiro".

Quem, pela Historia conhece a epoca, sorri e compara ao tratar-se de desperdicio de dinheiros publicos. E' de lamentar que se não tenham á vista as contas da impressão da obra de Macedo, talvez perdidas nalgum escaninho de arquivo. O exame de tais contas seria elucidativo.

A carta de Macedo a Lopes Netto existe para inspirar reflexões serenas sobre cousas de tempo ido.

Já lhe pertencem, de ha muito, D. Pedro II, a Comissão de 1875, Macedo, Lopes Netto, "os descontentes" censores de 1876.

O *Anno Biographico Brasileiro*, porem, ficou. A despeito de enganos e senões a ele recorrem, mencionando ou calando a fonte, algum que deseja historiar ou biografar sobretudo de ligeiro. Os que sabem quanto custa reunir ou apurar, mormente em paizes de arquivos desprezados, esses que conscienciosos e silentemente prestam homenagem ao infatigavel, a Joaquim Manoel de Macedo.

## NOSSA CAPA

Parece Jeanette Mc. Donald, mas não é. Tem o mesmo sorriso, de lábios rasgados e sensuais, a mesma inflexão de olhar. Na verdade, trata-se de Georgia Carroll, uma "new-lace" da Columbia, nome quase totalmente desconhecido, mas valôr que se afirma por seus encantos físicos. E quem sabe se também artisticos...

Ela merece, hoje, as honras da sobrecapa, deste número que dedica uma boa parte do seu espaço aos



nossos patricios na guerra. Observe-se o esplendido noticiário fotográfico recebido do "front" italiano, mostrando as atividades dos rapazes da FEB sob a mais implacável nevada européia. Outros assuntos destacados: Uma reportagem sobre a mulher moderna que trabalha de verdade, comentários á maré do infausto acontecimento que foi a morte de Mario de Andrade, vasto noticiário de modas, figurinos, material cinematográfico e muitas curiosidades.





TRANSPORTE DE FERIDOS EM "JEEP". — Assim se conduzem, na linha de frente, os feridos brasileiros. A neve cobre toda a região, e os médicos, cujos capacetes trazem, bem visível o emblema da Cruz Vermelha, prestam socorro utilizando o mais moderno veículo de transporte, o "jeep". E assim as vidas de nossos patrícios salvam-se mais facilmente.

## OS BRASILEIROS COMBATEM SOB A NEVE

Temos feito em nossas páginas a divulgação tão completa quanto possível de material fotográfico e informativo que nos chega relacionado à atividade dos nossos patrícios nos campos europeus. Não se trata de uma simples e eventual publicação de retratos, mas de um trabalho persistente a que nos devotamos na certeza de traduzirmos os justos anseios do nosso povo. Estão em luta, na Itália, onde vêm de conquistar feitos de alto sentido histórico, muitos milhares de brasileiros, e quando chegar a hora de se reunirem, para a Conferência da Paz, os representantes dos beligerantes aliados, não seremos dos que menor parcela de contribuição real, objetiva e eficiente, tenham dado. Foi o Brasil à guerra conduzido por imperativos muito fortes, para revirar a afronta das incursões traiçoeiras dos nazistas em águas do Brasil, torpedeando nossos barcos e assassinando de maneira tórpe homens, mulheres e crianças nascidos em

MANDANDO O "CARTÃO DE VISITA" DA COBRA... — Protegidos contra o frio por grossas vestimentas e peles, os rapazes brasileiros enfrentam com galhardia os reveses do tempo. E com neve, que altera por completo a fisionomia das planícies, eles despejam o conteúdo das armas mortíferas contra os tedescos. A cobra continua fumando em larga escala. E os nazistas estremeçam...







**SOLDADO PATRULHA NA LINHA DE FRENTE.** — Eles deixam crescer a barba para melhor proteger as faces contra a rajada dos ventos. Aqui vemos Angelo Martins, de Caxias, São Paulo, patrulhando as vizinhanças do lugar onde a F. E. B. se instalava e de onde saiu a grande arrancada para expulsar os tedesos do Monte Castello. Os italianos chamam os nazistas tedesos.

nosso solo. Antes dessas ocorrências, porém, já nossos espíritos e corações voltavam-se com as mais desveladas simpatias para a causa das Nações Unidas, e assim a declaração de guerra foi ao encontro da vontade popular.

Lembramo-nos todos do entusiasmo do povo, não só no Rio mas também nos Estados, percorrendo as ruas em natural delírio, reclamando a pronta remessa de nossas tropas. E quantos daqueles rapazes que primeiro se manifestaram, em altos brados, sem reboços, pelas artérias bras-

**TRENÔ COM TRACÇÃO ANIMAL.** — Os soldados da F. E. B. estão distantes alguns quilômetros. É preciso levar a "boia" e a munição para as tropas, na linha de frente. Os caminhos, tomados pela neve, estão intransitáveis e só mesmo o trenô poderá levar de vencida esse obstáculo. Arrastando-se nas cavidades abertas entre o congelado elemento, aí vai um trenô, puxado a tração animal, carregado de mantimentos e material para a cobra continuar fumando. Os homens acompanham o original veículo e, pelas dúvidas, convenientemente armados para enfrentar o eventual aparecimento de qualquer inimigo.



**BRASILEIROS PRATICANDO "SKY".** — Mas praticando, não por esporte e sim no exercício de suas obrigações militares. Nossos patrícios, nascidos em solo onde neve é objeto de luxo, senão raríssimo e inexistente, assimilaram de maneira prodigiosa o inverno europeu. Treinaram em poucas semanas o uso do "sky" e deslizam, por sobre as planícies geladas, com o mesmo desembaraço e firmeza dos nativos italianos. Eles andam cobertos de capas e capuzes brancos, para que assim, camuflados, fiquem livres da perseguição e do tiroteio inimigo. Na gravura, um soldado-patrolha fazendo esse patrulhamento com auxílio de um cão que tão inestimáveis serviços lhe está prestando.

leiras, hoje lá estão no "front", ajudando a grande causa, enquanto outros terão sacrificado a vida em holocausto à Vitória.

Por isso mesmo, quando se anunciou o embarque do primeiro escalão dos soldados patrícios, todos sentimos que o resgate de nossa dívida moral estava sendo feita, agora, com o próprio sangue do soldado brasileiro. Mas as famílias dos que partiam, comungando embora com esse entusiasmo, ficavam apreensivas pelo regresso de seus entes

mais queridos. O desembarque dos sucessivos escalões, no território onde pouco antes vinha de iniciar-se a invasão, coincidiu com as vizinhanças do inverno, e de um rigoroso inverno europeu, ao qual muito pouco de nossos rapazes podiam estar acostumados.

Mesmo aqueles procedentes das regiões do Sul, onde a baixa temperatura em certos meses do ano mais se faz pronunciar, deviam fatalmente estranhar as nevascas do Velho Mundo. Foi nas imediações dos Alpes, em regiões







**LANÇAMENTO DE MORTEIRO NA LINHA DE FRENTE.** — Três "pracinhas", a quem foi entregue esse posto estratégico, despejam sucessivos morteiros contra as tropas alemãs. Observe-se no ombro do soldado à direita o emblema da cobra fumando, oficializado entre as nossas tropas que combatem na Itália.

extensas cobertas pelo congelado elemento, que as tropas de um país eminentemente tropical se instalaram, completando seu treinamento e adestrando-se para o contacto mais forte com o inimigo que mesmo à distância não nos poupava. Cada componente da Força Expedicionária Brasileira levava o compromisso espontâneo de ajustar contas com quantos lhe surgissem à frente. E o inverno, cada vez mais forte e implacável, atingia então o seu "climax". Aqui do Brasil não podemos sentir os sacrifícios a que se expuse-

"SENTA A PUA!". — O emblema dos aviões brasileiros, em ação nos céus inimigos, é esse que nos mostra a gravura abaixo. O Cruzeiro do Sul serve de escudo enquanto a metralhadora entra em função, "sentando a pua" nos pobres nazistas, que ainda agora desocuparam Monte Castello muito contra vontade...



**PATRULHA EM AÇÃO.** — Cinco homens foram destacados pelos superiores para dar conta de espinhosa missão. Eles devem, de qualquer modo, aproximar-se das posições inimigas e, ali, observar o que estejam preparando. Não levam nenhum documento de identidade, mas carregam arma e munições para enfrentar qualquer ataque. A tarefa é perigosa, pois a qualquer instante pode surgir um alemão do arvoredo vizinho.





ram — e ainda se expõem — nossos patrícios, já pela iminência do perigo de morte, desde que estão em guerra aberta, já porque o termômetro, descendo a muitos graus abaixo de zero, era por sua vez um inimigo não menos respeitável.

E aqui estão, nestas primeiras fotografias de um importante serviço ilustrativo que vamos oferecer aos leitores, o documento mais eloquente das torturas por que passam, de resto com a melhor resistência física e um moral elevado, nossos irmãos em luta. Publicaremos nos números seguintes outros dêsses instantâneos, nos quais se refletem as tormentas dos soldados da terra de Caxias. Aqui podemos observar as tocas de raposa em que se ocultam êsses bravos militares, os agasalhos de que precisam cobrir-se para resistir ao frio e os apuros para o transporte de feridos, de munições e de alimento para as tropas.

Certamente poucos seriam os que viessem a esperar a eficiência do trabalho das nossas tropas quando o inverno apertasse, contando com as baixas nos hospitais e a deficiência física de quem, nascido em região quente, não poderia resistir. Mas os brasileiros na Itália serviram ainda para atestar o seu fortíssimo poder de adaptação aos países onde o inverno é realmente implacável. Eles sofrem os suplicios por que passam os exércitos de outras origens, naturalmente, mas nem por isso arrefecem o seu entusiasmo. E disso tem dado provas as campanhas em que interferem, como há poucas semanas, a investida contra o Monte Castello, do qual foram desbaratados os tedescos.

Nessa ocasião, aproximadamente meia centena de cadáveres insepultos, de soldados patrícios, foi encontrada em "terras de ninguém". Mas o heroísmo dêsses bravos foi reforçado pelos demais componentes das tropas do general Mascarenhas de Moraes, que estão agora instaladas no ponto estratégico de onde até então o inimigo lhes fazia frente.

Muitas das fotografias que estamos publicando foram feitas quando a nevasca era mais impetuosa, chapas batidas sem sol, com deficiência de luz. Não se trata, porém, da divulgação de bonitos efeitos fotográficos, senão de um necessário serviço informativo, capaz de esclarecer os que

**PRAÇAS E OFICIAIS BRASILEIROS.** — Nos pequenos intervalos, a rapaziada junta-se para bater chapas e fixar momentos históricos de sua atuação na Europa. Este grupo foi feito com oficiais e praças do Q. G. do general Cordeiro de Faria, que se vê ao centro, na última fila, de pé e de óculos. Mais tarde êsses instantâneos serão recordados em família, quando o fantasma da guerra for apenas isso mesmo, um fantasma evocado.

**ESTA É A LINHA DE FRENTE.** — Nesta região, totalmente coberta pela neve, nossos patrícios enfrentaram, no rigor do inverno, sujeitos a toda sorte de perigos, a resistência inimiga. Alguns pontos estratégicos estavam em posse dos tedescos, que dos mesmos começam a ser escoraçados pelos nossos. Se no inverno os brasileiros praticaram atos de heroísmo, que não devem fazer quando a temperatura os favorecer!



**TRANSPORTANDO UM FERIDO.** — Nosso serviço médico é uma das mais perfeitas organizações, no gênero, entre quantas se apresentam em todos os "fronts". E tem merecido, de parte das autoridades maiores, justas e lisonjeiras preferências. Tão logo se desenvolve uma batalha médicos e enfermeiros põem-se em campo, enfrentando os mesmos perigos, recolhendo os feridos, cujos socorros lhes são prestados incontinenti, mesmo sob o fogo.







**PREPARANDO-SE PARA MAIS UM VÔO.** — Esse flagrante foi batido momentos antes da partida dos nossos aviadores para mais uma importante missão no "front". Além das enfermeiras 1.º Tte. Wallace e dona Izaura, vêem-se: capitão Lafayette, 1.ºs tenentes Assis, Perdigão, Rui Moreira, e 2.ºs tenentes Meira, Keller, Coelho e Danilo. Eles levam no peito, em letras bem visíveis, os respectivos nomes para mais facilmente serem identificados.

aqui ficam, banhados pelo sol às vezes implacável mas sempre reconfortante das nossas cidades, sobre as tormentas que atravessam nossos irmãos. Eles as conhecem mais em proveito de nós, que ficamos, e dos vindouros que propriamente de si mesmos. Nunca será de mais encarecer o

esforço e a bravura dos brasileiros componentes das Forças Expedicionárias Brasileiras. E' obedecendo a esse imperativo de bem informar que a REVISTA oferece aos leitores este serviço especial do fotógrafo patricio Horacio de Gusmão Coelho.

**TRANSMITINDO ORDEM DE FOGO.** — Cabo José Fonseca (Minas Gerais) e soldado José Ferreira (São Paulo), localizados em um ponto convencional, transmitem ordens de fogo para a artilharia, numa excelente conjugação de serviços. Como sempre, o rigor do inverno faz sentir-se. Árvores desfolhadas, de galhos secos erguidos para o céu, assistem, serenamente, ao desenrolar das grandes campanhas mais arrojadas de todas as épocas.

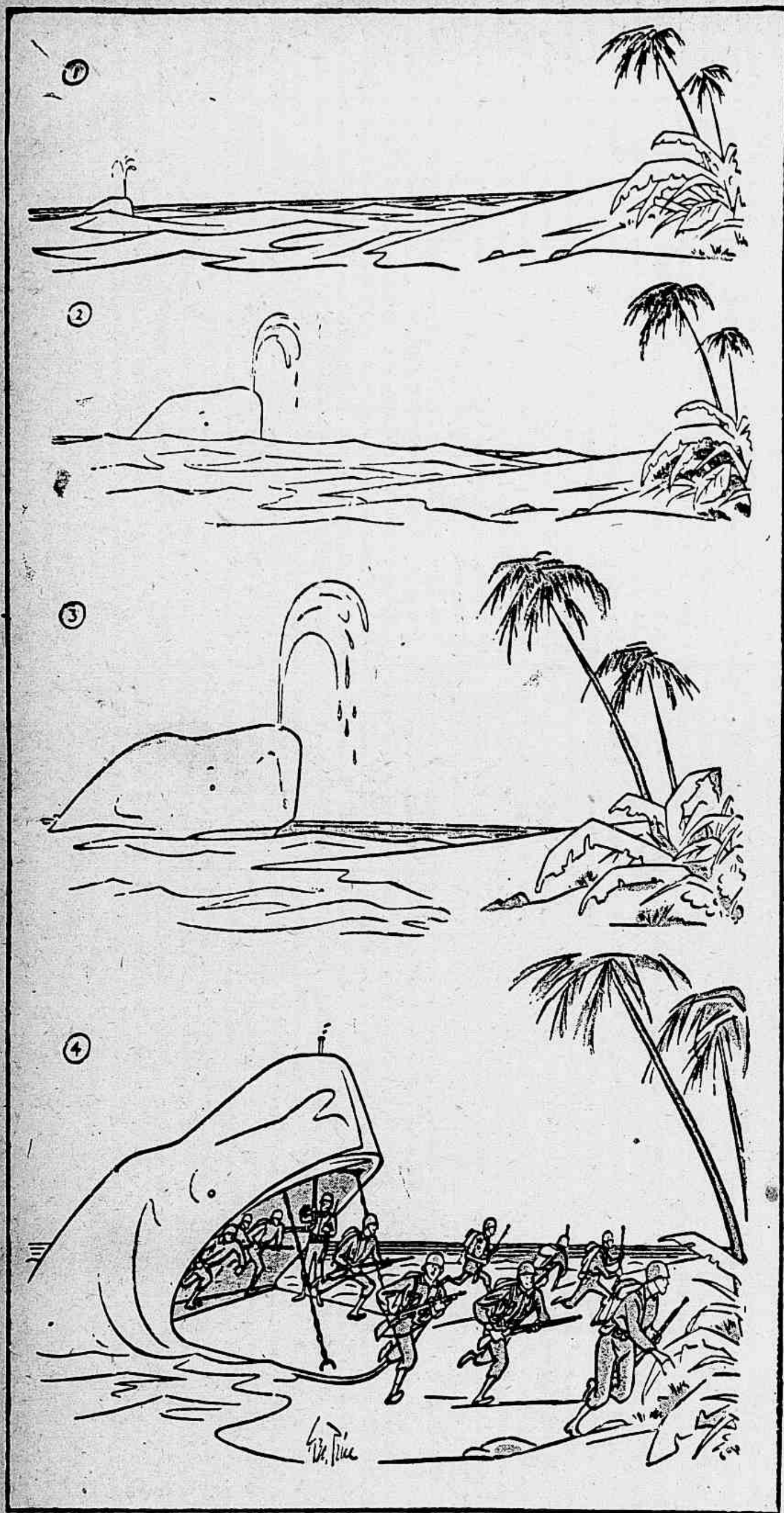
21



**PATRULHANDO, A NOITE, EM PLENA NEVE.** — As nevas podem cair, densas e tenebrosas, mas não conseguem escurecer por completo os caminhos, porque o alvo da noite ali está para formar contraste. Longe de favorecer o serviço de patrulhamento antes o agrava, porque o soldado e o cão, seu grande auxiliar, ficam mais visíveis e a noite das investidas inimigas.







## DE BOM HUMOR



"Francamente Yvonne, estou decepcionada com você. Dez horas da noite e os pratos ainda estão por lavar!"

O amigo do urso: "Vamos Manoel. Ponho em pratica os seus conhecimentos de 'box'".



"Muito obrigado, doutor. O jantar esteve excelente!"





JANIS CARTER (Columbia)

## mod. bastidores femininos

Não é apenas a beleza que deve preocupar a mulher. Se a beleza contribui enormemente para o sucesso de uma mulher, é inegável que sem simpatia e sem espírito ela nunca conseguirá fixar qualquer entusiasmo que sua beleza possa ter despertado.

Quantas vezes vemos mulheres sem grandes dotes físicos arregimentar ao seu redor grupos de admiradores, enquanto que outras mais "bonitinhas" apenas conseguem obter as atenções de um ou dois "mocinhos", para quem estar ao lado de uma "pequena" bonita vem a ser o máximo de suas aspirações.

"Ela não é bonita mas é simpática", é uma frase que ouvimos comumente. E o que vem então a ser essa simpatia que vence a própria beleza? Ser simpática é saber ouvir com atenção o que os outros dizem, não tentando nunca apoderar-se da "platéia"; é ter sempre uma palavra de consolo para os que sofrem, de estímulo para os que lutam; é estar alegre quando o ambiente é alegre, e guardar uma atitude digna quando o am-

biente é sombrio. E não criticar os defeitos alheios, não elogiar suas próprias virtudes; não fazer distinção entre seus amigos, isto é não preferir "A" a "B" apenas porque "A" tem um nome importante ou uma fortuna razoável.

E a simpatia, como a beleza, pode ser cultivada, pois qualquer pessoa com razoável senso de auto-crítica pode perfeitamente encontrar seus defeitos e julgar se é ou não simpática, procurando então corrigir-se até alcançar o que deseja: simpatia.

Torne-se simpática, minha amiga, procure perdoar os pequeninos defeitos de suas amigas; mostre que não lhes inveja a beleza ou a fortuna; tenha sempre uma frase agradável, mesmo para aqueles que não sejam suas amigas sinceras; consinta que também os outros tenham oportunidade de dizer o que pensam e o que sentem — e você não só se sentirá feliz como também criará ao seu redor um ambiente feliz. — KITTY.





# A PINTA

conto de

MARIA ISAURA PEREIRA  
DE QUEIROZ

João Bento tirou o saco de dentro da "montaria" — a ubá ligeira que os trouxera da aldeola próxima; a mulher arrecadou os jacús, pôs ao ombro o varejão que os ajudara a vencer a correnteza e, depois de verificarem que a embarcação estava a salvo de qualquer enchente traiçoeira, tomaram a picada na direção do tejupar.

A mulher ia à frente, a saia vermelha ondulando ao balancear dos quadris, o corpinho branco terminando por um enfiado de fita esmeralda no decote, deixando ver o cangote moreno e baço de mestiça onde avultava, negra, uma pinta colocada meio de lado, bem no nascer do pescoço.

João Bento ia atrás com os olhos na pinta — a pinta que o trazia cativo havia cinco anos.

De certo, Facunda era bonita; tinha olhos escuros e doces, feições regulares, basta cabeleira negra sempre bem oleada. Mal oculto pelo traje habitual — a saia de grandes ramagens, a camisinha branca toda aberta em crivos e aplicações de nhanduti, com fitinhas no decote e nas mangas curtas — o corpo era bem feito, tinha requebros de cobra, arqueamentos de gato arisco, bruscões arrepios sensuais. Mas, si muitas eram as chôlas que possuíam esses atributos, nenhuma tinha a pinta no pescoço.

Fazia já cinco anos que João Bento a levára raptada para as profundezas da floresta, para o lugar onde descobrira a mancha de castilhões que andava a derrubar para extrair o caucho. Exgotada essa mancha, saíra em busca de outra, embrenhando-se mais e mais no mato virgem, topando com igarapés desgarrados do grande rio e que a eles retornavam após voltas caprichosas, Facunda a acompanhá-lo sempre. Não vê que ele a abandonava por um segundo sequer! O rosto impassível da chôla dava-lhe a impressão de um espiado tranquilo, entre margens brandas; dentro da calma desses remansos está, porém, escondida a força da torrente, contra a qual não há varejão, nem tronco, nem chanfradura de ilha que se consiga opôr, chegada a hora da enchente.

O tócco tejupar que os abrigava quasi desaparecera debaixo de intrincado das parasitas que se entrecruzavam sobre as paredes.

— Um dia eu corto tudo isso, pensou João Bento.

E, sem saber porquê, apertou-lhe o coração a saudade da praia nordestina de onde viera.

Crescera numa dessas praias arredondadas, cujo areião brilhante é rematado de um lado pelas ondas verdes, do outro pelos verdes coqueirais. Lá vegetára até que lhes contaram maravilhas dos seringais, do dinheirão que ganhava um caucheiro. Partira. E, si não fôsse ter encontrado Facunda, de há muito já teria regressado à calidez de sua terra, enjoado que estava da solidão das matas, do seu horizonte limitado, da água insonsa dos rios — pobre como viera, pois que ali também, como no nordeste, era difícil enriquecer.

Voltaria, porém, com Facunda, assim que conseguisse guardar algum dinheiro. Iriam viver num mucambo escuro, limpo de ervas, e possuiriam uma gangada cujo manejo sempre era mais fácil do que o das montarias que levava a guiar rio abaixo, rio acima.

O tejupar, dessa vez, não estava vazio. Erguida a esteira que fazia as vezes de porta e que as lianas flexíveis dos cipós recobriam, João Bento viu que havia um homem deitado no catre, o qual, numa mistura de castelhano e indígena em que se revelava o peruano, lhe explicou que ali se abrigara derreado, depois de vagar perdido na mata.

João Bento teve a impressão de que conhecia aquela fisionomia usnada, mas não conseguiu lembrar onde já a vira.

Facunda não deu atenção ao hóspede. Indo e vindo no interior da choupara, preparando a refeição, nem uma vez seus olhos pousaram no desconhecido. João Bento, não obstante, como que sentia qualquer coisa fora de comum, no ar e proneteu a si mesmo desfazer-se do intruso o mais depressa possível.

Acovaceceu. O peruano abandonou o catre ao casal e arranhou para si uma cama com a manta velha que possuía.

João Bento acordou com uma dor esquisita na cabeça, sentindo-se atordoado, sem saber direito onde estava; quis mover um braço, mas este lhe pareceu grudado ao catre; quis falar e a língua, pregada ao céu da boca, recusou-se. Foi então, neste estado de semi-consciência, que se lembrou subitamente de onde conhecia o peruano.

Cinco anos atrás; festa na praça da Matriz, num vilarejo perdido; Facunda dançando sózinha no meio de uma roda, passando e repassando provocante diante de um rapaz que sorria à provocação; Facunda e o rapaz saindo juntos da festa enquanto ele, João Bento, permanecia onde estava, perdido de amores pela chôla, louco de ciúmes — tudo lhe perpassou pela lembrança.

Nesse dia, ali mesmo, ele se informou sobre os hábitos de Facunda; na manhã seguinte, ficou de atalaia por onde ela devia passar, quando fôsse ao rio buscar água, raptou-a e levou-a para o seu tejupar, bem longe da vila. Sobre o rapaz que saíra da festa acompanhando a chôla nada quizer saber. Cinco anos!

Sentou-se no catre rugindo de dor, de raiva, de ciúmes. Estendeu as mãos às cégas para o lugar que ela costumava ocupar a seu lado, numa última esperança. Estava vazio. Compreendeu tudo. Tinham-no agredido enquanto dormia, o peruano ou Facunda, ou ambos ao mesmo tempo, e fugiram juntos, deixando-o por morto. Ah! Se pudesse matar, esfaquear esse peruano que assim surgira do nada para roubar-lhe a felicidade!

Durante algum tempo, João Bento alimentou a esperança de tornar a vê-la chôla. Topando por acaso com ela, havia de rogar-lhe tanto e tanto que voltasse para junto dele! Mas os dois na-



morados haviam sumido sem deixar vestígios.

Resolveu então voltar para o nordeste. Não podia viver sózinho naquela matafria alafada e triste, em que cada rastro lhe estava a lembrar a chôla. Passava as noites sem dormir, recordando os modos dela, seu jeito rebolado de andar, o cheiro oleoso de seus cabelos e a pinta — a pinta maldita e sedutora.

A resolução foi rápida; arrecadou seus pertences, mais o caueho extraído, e desceu o rio na direção do estabelecimento mais próximo, para negociar a venda. Deixou a ubá presa longe do ancoradouro, rio acima, num ponto que lhe agradara a chegada porque nêla havia um coqueiro recurvado como os de sua terra.

E ali, quando caminhava oculto pela vegetação, deu com es fugitivos.

Era de manhã; o ar estava abatadico, mórno, desagradavel; o rio rolava águas mais turvas. Mas os dois, sem ligar aos sinais de mau tempo, iam andando abraçados.

João Bento viu então uma Facunda que desconhecia, uma Facunda de olhos aguados de ternura, enrodilhada ao braço do peruano, rendida de amor, a Facunda que sonhára possuir, que para ele nunca existira.

Pouco adiante, o coqueiro; o casal ia passar rente a êle, rente às moitas que lhe cresciam ao pé. João Bento correu silencioso, amoitou-se atrás do tronco liso, armou o rifle, mirou bem o peruano e disparou:

— Morre, ladrão!

Mas quem caiu ao chão, despencando como uma trouxa sem apoio, o sangue aos borbotões saindo do pescoço, foi Facunda. Ou por lhe tremer a mão ou por um movimento inesperado da chôla, João Bento errára o alvo.

Durante alguns minutos, o caueiro ficou estupidificado. Viu o peruano gritar de espanto, curvar-se para a companheira chamando-a aflito. Não tendo resposta, arrancou o "cuchillo", olhando desvairado em torno de si, a ver si descobria de onde partira o tiro.

— Tu não me escapa, não, desgraçado, balbuciou João Bento.

Apontou, desta vez com mais cuidado! Nesse instante, o sino do estabelecimento próximo pôs-se a tocar. Seu bimbalar festivo vinha nas lufadas da brisa, forte, fraco, forte, fraco. João Bento lembrou-se,

era meio-dia de sábado de Aleluia. Uma vingança melhor ocorreu-lhe. Baixou o rifle; o tiro pegou o peruano no joelho.

Saindo de trás da moita, João Bento correu para o ferido que urrava de dor. Desarmá-lo do "cuchillo" e amarrá-lo ao coqueiro foi questão de momentos.

— Tua hora chega logo, disse-lhe sombrio.

Sábado de Aleluia é o dia dos judas.

Na praia nordestina de onde viera João Bento, as crianças penduram o judas em qualquer forquilha de árvore, espancam-no com cacetes e ateam-lhe fogo ao bater meio-dia.

A beira do grande rio tudo é diferente. Os moradores da zona levam a manhã toda armando também bonecos de palha. Pronto o espantinho, enforcam-no ao mastro de uma jangada que armaram com restos de madeira.

Quando os sinos próximos badalam alegres, os caueiros soltam as jangadas com os judas enforcados para que as leve a correnteza.

Lá se vão rio abaixo. O pessoal das vilas, dos estabelecimentos, das habitações isoladas postam-se á beira do rio nessa hora para vê-las passar. Mal aportam, tiros alvejam a forma imóvel do boneco amarrado ao mastro, até que uma curva do rio, ou um barranco, ou mesmo uma árvore debruçada sobre as águas a furte aos olhos dos atiradores. E esta cena vai se repetindo onde quer que haja um morador á margem do rio.

São às vezes dezenas de jangadas iguais que descem em procissão lenta ao sabor da corrente, nos sábados de Aleluia, levando a carga odiada.

João Bento construiu a jangada sob os olhos aterrorizados do peruano. Construiu-a devagar, ligando cuidadosamente

o madeiramento de galhos de árvore com cipós. Ergueu o mastro, pendurando-lhe no tope um trapo branco, á guisa de bandeira. Depois de pronta, amarrrou o ferido ao mastro, fortemente enleado, de tal maneira que só um milagre o fizesse soltar-se; para esconder-lhe o rosto, tirou o próprio chapéu e enterrou-lh'o na cabeça até os olhos.

O peruano, aos gritos, pedia-lhe perdão, pedia-lhe que tivesse dó; João Bento da fralda da camisa fez uma mordança e amordagou-lhe a boca.

Pronta a jangada com sua carga, soltou-a no rio.

— Vai-te Judas! gritou então num assomo de raiva.

A jangada foi descendo vagarosa pelo fio da corrente. Tudo estava quieto. Os sinos já ha muito haviam deixado de bimbalar. Apenas se ouvia, doce, o marulho suave e contínuo das águas. Na curva, mais abaixo, ia outra jangada com um boneco pendurado na verga, a modo de enforcado.

João Bento regressou para o lugar onde caíra Facunda. A chôla estava de bruços; sua saia rodada se espalhára á volta dela como uma flôr aberta; o decote baixo da camisa deixava bem á mostra no pescoço moreno a pinta redonda e preta.

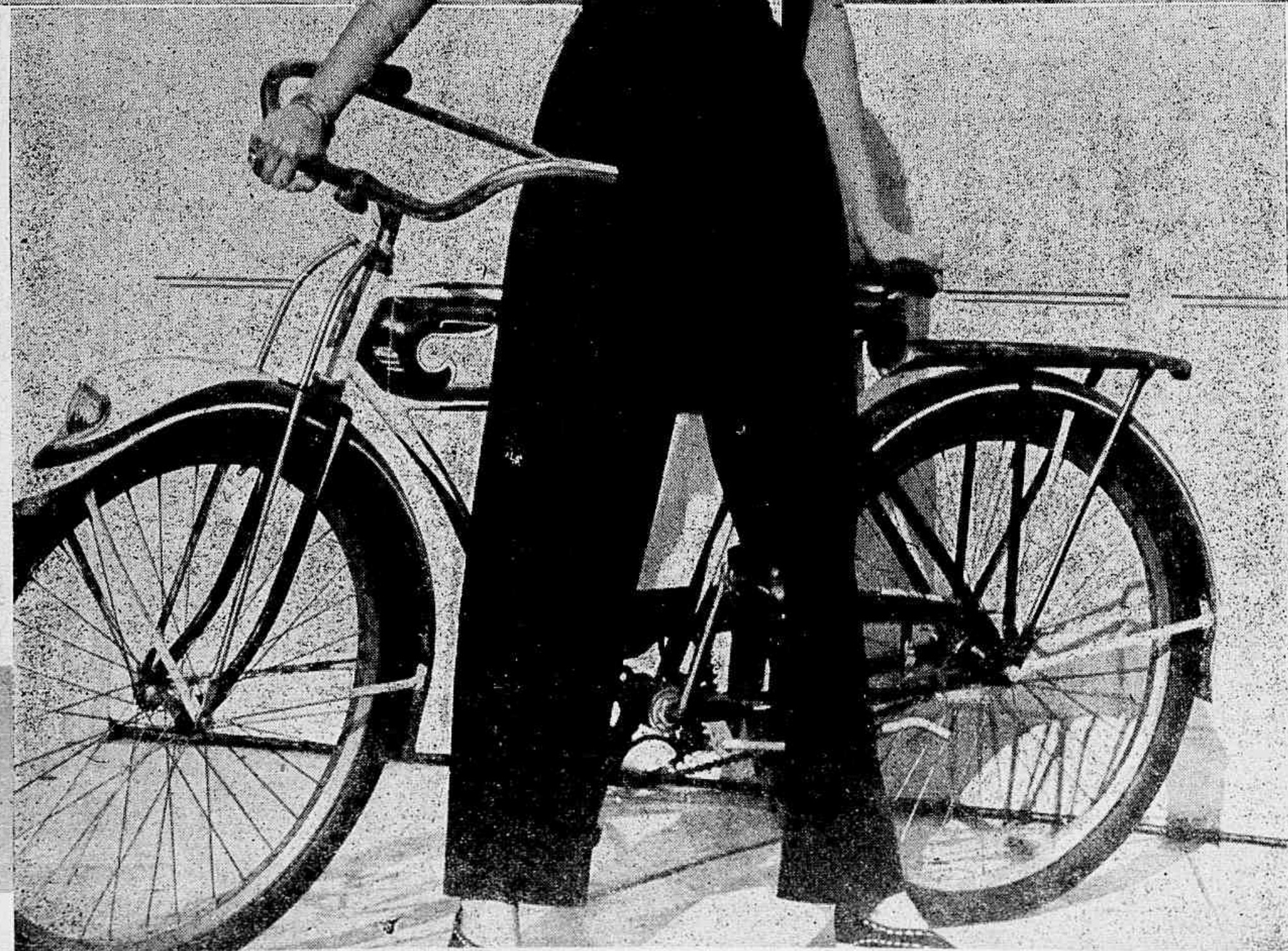
João Bento caiu de joelhos ao lado. Não teve coragem de lhe tocar. Seu rosto contorceu-se de dor e só poud murmurar enquanto as lágrimas lhe enchiam os olhos — lágrimas desesperadas, lágrimas amargas, lágrimas escadantes:

— Facunda!

Ilustração de  
JOSE' ANTONIO







Ao alto:

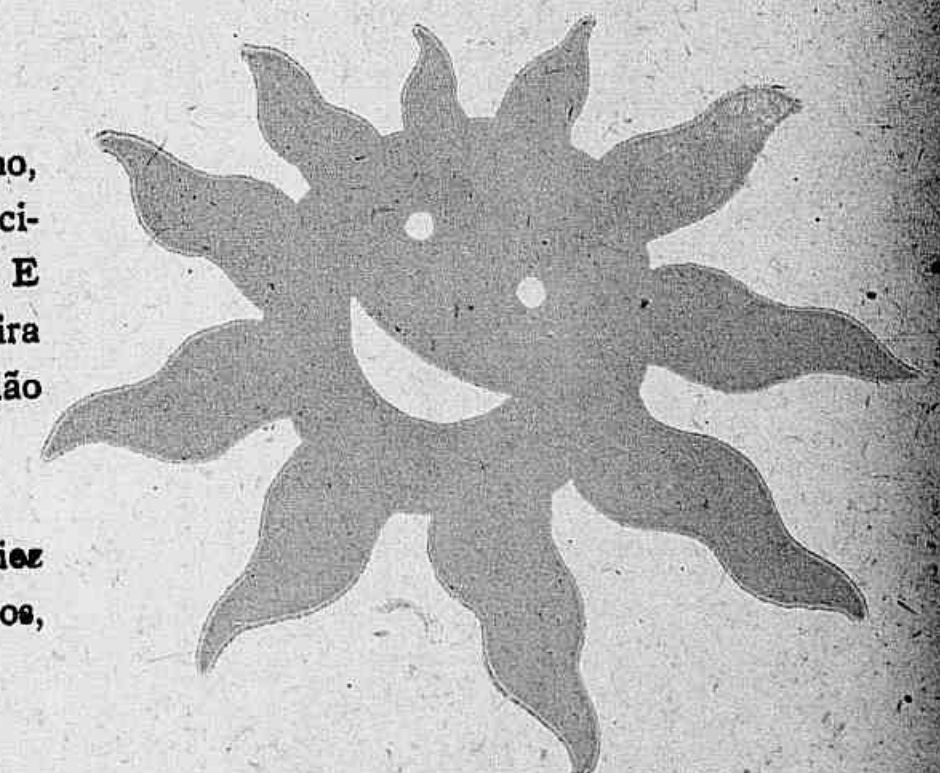
Um "slack" que dá à sua portadora um ar "garoto" é esse que exibe a interessante Dusty Anderson. A calça é de rayon verde, e a blusa de rayon verde e branco. Miss Anderson bem parece ter saído de um apartamento de Copacabana.

Elegantíssimo é outro "slack" apresentado pela linda "estrela". As calças são em "gros-grain" preto, e a blusa em seda branca.

Aproveitando a mesma blusa com uma saia azul-marinho, temos acima outro conjunto bastante interessante, principalmente se você vai veranejar e levou pouca bagagem. E ainda a mesma blusa, usada com "short", faz uma terceira "toilette". Uma pala larga e duas pregas de cada lado dão maior graça a este "short".

Em baixo, à esquerda:

Uma calça de seda azul-marinho, com blusa branca e vize vermelho formam o interessante conjunto que aí exibimos, próprio para passeios de bicicleta.



(Fotos Columbia)

Para os dias quentes



# A <sup>★</sup> Beleza DOS Ombros

Nada mais belo do que uma mulher bonita! E quando essa mulher possui ombros lindos, sem manchas e pele macia, a sua beleza é ainda maior.

Vejamos o que faz Marjorie Riordan "estrelinha" da Warner Bros. para obter ombros invejáveis:

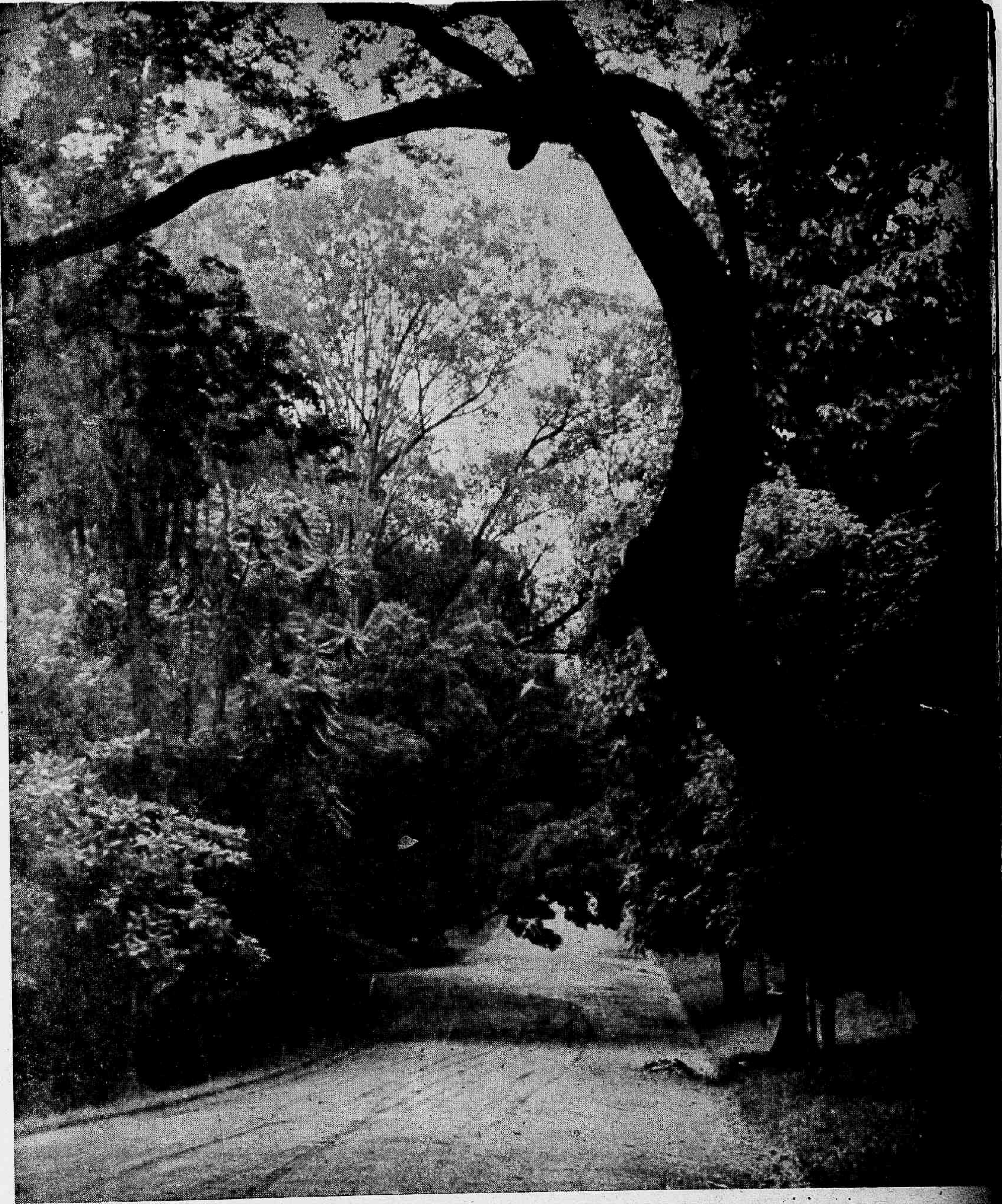
1 — Antes de mais nada ela usa uma boa loção que não só combate as manchas como também clareia e amacia a pele.

2 — Na hora do banho Miss Riordan escova ombros e costas com toda a sua boa disposição. Isto ativa a circulação do sangue e impede que impurezas se entrem nos poros.

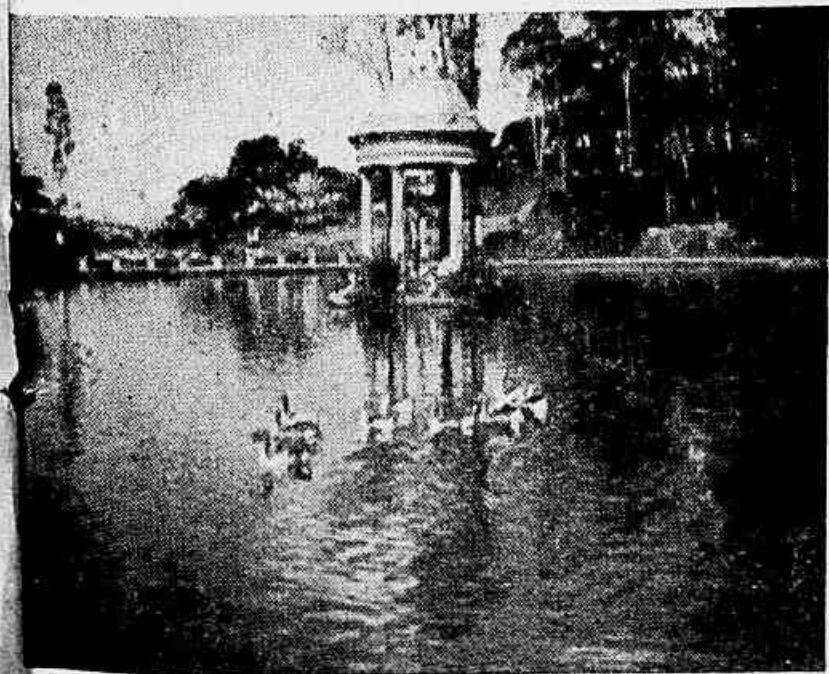
3 — E finalmente, com uma esponja especial, ela aplica uma leve camada de pó, da cor exata da sua pele.







## Coisas do Brasil



A cidade cresce, os arranha-céus se elevam entre a pequenez dos bungalows, o asfalto se estende por quilômetros e quilômetros, numa simetria harmoniosa e contínua, sem a sinuosidade das curvas deslegantes, que enfeitam o conjunto arquitetônico das urbs coloniais. Assim é Belo Horizonte.

Mas entre os blocos de cimento armado, ao lado dos monumentais gigantes armados sobre as vigas de aço, a beleza delicada dos jardins dão à cidade uma nota de bucolismo dolente, que leva os homens ao descanso e encanta a vista do forasteiro.

Vista do alto, a metrópole mineira nos aparece como um jardim de sonho,

cujos canteiros se plantaram entre o casario multicolorido e poliformico, que o urbanismo moderno foi distribuindo nos espaços deixados vagos pelas roseiras e os ficus.

As árvores se alinham ao longo das avenidas amplas e claras, ora banhadas por um sol de ouro, ora regadas por uma chuva de prata.

Tudo é luminoso, amplo, arejado. Não há ruas tortuosas, nem becos escuros e estreitos ladeados por sobrados em ruínas.

A cidade é toda uma sucessão maravilhosa de linhas retas e quadriláteros equidistantes, marcados sobre o terreno

montanhoso com uma precisão geométrica.

Lá em cima, no morro, a nota poética das favelas românticas, que dormem à luz do sol e sambam à noite, mal a lua tropical aparece atrás das montanhas verdes.

E na cidade, espalhados como oásis bucólicos, os parques urbanos.

Nos lagos calmos, nadam marrecos pequineses. E as alamedas se enroscam sob as copas floridas das paineiras gigantes, oferecendo sua sombra à desocupação dos turistas.

Ai estão duas destas maravilhas visões que nos oferece o Parque Municipal da Capital Montanhosa.



ELE TINHA A MANIA DE FAZER APOSTAS...

# Ele, ela e a secretária

Conto de EILEEN ROY

A amiga lhe dissera que entrasse sem pedir licença. De outra forma, ele se recusaria a vê-la e ela sabia muito bem quanto era importante para sua carreira aquela entrevista. Deveria abrir a porta, levantar a cabeça — entrar, tirar o chapéu, postar-se à frente dele, com seu mais lindo sorriso e dizer:

— Eis-me aqui.

Ela ouvira, em religioso silêncio, as recomendações e perguntara, afinal:

— E depois?

— Eu já facilitei tudo. O que vem depois fica por sua conta.

E ela, afinal de contas, não podia reclamar da sorte. Nem todas as moças que queriam falar com Jonathan Hale tinham a boa sorte de serem amigas íntimas da secretária dele.

Dando um último retoque na pintura, ela saiu, batendo a porta atrás de si.

No escritório havia, como sempre, uma fila enorme de moças, esperando uma oportunidade para falar com Jonathan. Susie, entretanto, seguindo à risca as instruções da amiga, passou na frente de todos, e disse a Janice, sem deixar que suspeitassem a intimidade que tinha com ela:

— Jonathan está?

— Está, sim, Miss Haymes. Faça o favor de entrar.

As moças olharam com respeito a jovem que tinha o direito de aparecer quando bem entendia no escritório do empresário, sem mesmo ser anunciada.

A primeira coisa que Susie viu foram as costas dele. Largas, pois era um tipo atlético. Depois, ouviu a voz, ao telefone.

— Imbecil, eu não lhe disse que mandasse a moça logo? Mas como é que saiu daí há uma hora se ainda não chegou? Espero mais dez minutos e depois telefone para outra agência. Aliás, não espere mais recomendações minhas! Não, não adianta desculpar-se!

Susie ouviu o fone bater no gancho e pensou: Se não quebrou, foi por pouco!

De repente, ele virou-se e ela, e inesperadamente, sentiu sobre si um olhar penetrante: olhos cinzentos que pareciam querer atravessá-la como raios X. Mas, como o "sense of humour" nunca lhe faltava, ela logo pensou: enquanto foram raios X e atravessarem tudo, devo dar graças a Deus...

— Por que demorou tanto?

Estaria falando com ela? Não havia dúvida: dirigia-se a Susie. Mas como, se não a esperava? De repente, ela lembrou-se da conversa que ele tivera pelo telefone. Estava esperando uma moça e julgara, ao vê-la, que era ela. Mas, mesmo que Susie, num ímpeto louco, tomasse o lugar da outra, como substituí-la, se nem sabia o que deveria fazer? Por outro lado, era uma excelente oportunidade para...

— Perdeu a língua ou é muda de nascença?

— Seria mais justo dizer que estou emocionada por estar na presença do grande Jonathan Hale.

A resposta veio pronta, e o desconcertara. Qualquer pessoa que o enfrentasse e falasse com franqueza e sem rodeios desconcertava aquele rapaz acostumado a berrar com todos os seus empregados, sem ter outra resposta senão um submisso: Sim, Mr. Hale. Isso mesmo quando ele lhe dizia — o que não era raro — Você é um debil mental; pior do que uma coruja ao meio dia!

Mas recobrou logo o ar furioso e disse:

— De agora em diante, minha senhora, não quero que tenha emoções. Quem trabalha comigo pega as emoções, faz um embrulhinho com papel fino e cordão dourado e atira no lixo!

— Não seria mais conveniente deixá-las na geladeira? Assim, quando saíssem da sua presença, poderiam recuperá-las.

— Na geladeira ou no lixo, não quero que me venham perturbar o trabalho.

E chega de conversa. Vamos, levante a saia!

— O que?!

— Minhas intenções são estritamente comerciais, senhorita. Quero ver somente, se suas pernas valem um lugar na primeira fila do côro da revista que vou encenar...

Subitamente, Susie compreendeu. Cair do céu por descuido aquele atrazo da moça. E ela ganhara um emprego sem ter ao menos o trabalho de pedi-lo! Cuidadosamente, levantou um pouco o vestido.

— Mais! Mais! Escute aqui de onde é que você veio? De algum convento?

Sem esperar que ela obedecesse, ele puxou o vestido, deu um olhar perfunctório e profissional pelas pernas da moça e voltou para o seu lugar à mesa.

— Está bem. Você me serve.

— Quando começo?

— Amanhã às oito em ponto.

A amiga perguntou logo:

— Então?

— Tudo arranjado.

— Que foi que ele fez?

— Levantou minha saia e empregou-me.

— O que?

— E'. Mas não há nada de mais nisso porque ele disse que a olhadela era puramente comercial.

Janice começou a rir.

— Bem. Eu preciso trabalhar. Mais tarde, eu passo pela sua casa para conversarmos.

Cinco minutos depois de Susie ter saído, entrou uma moça.

— Fui mandada pela Agência Delton para...

Mas Janice, que já estava prevenida, falou:

— Sinto muito mas houve demora e o lugar já está ocupado.

Os dois olhos cinzentos estavam tão brilhantes que mais pareciam marron. A voz, que sabia ser cariciosa, era cortante e fria.

— Desde quando você pensa que pode enganar Jonathan Hale?

Susie deu-lhe um olhar inocente:

— Não compreendo.

— Mas eu compreendo. Com que então é a moça da agência, não? Que agência? A moça da agência veio mais tarde! Já despedi a secretária que mandou você entrar e mandou a moça embora. Você também está despedida. Pode ir embora!

— Macaco!

— O que?!

— Macaco! Chamei-o macaco! Sei outros nomes mais feios, mas minha mãe me ensinou que uma moça não pode dizê-los. Então você pensa que o enganei, não é? Enganei coisa alguma! Pois eu ia pedir um emprego e, antes que pudesse falar, você já me tinha oferecido um lugar. Não haveria de aceitar? Mas agora, nem que viesse me pedir de joelhos! Seu mal é muita pretensão, Jonathan Hale. Você pensa que eu preciso de você? Pois fique pensando! E depois de pensar bastante pensei mais um bocadinho, se é que existe na sua extremidade superior alguma coisa além de cabelos e ventos!

Dito isso ela fez meia volta e saiu, batendo com a porta atrás de si.

Ninguém poderia ficar mais surpreso do que ela.

Chegou naquela mesma tarde uma enorme caixa de orquídeas com um cartão.

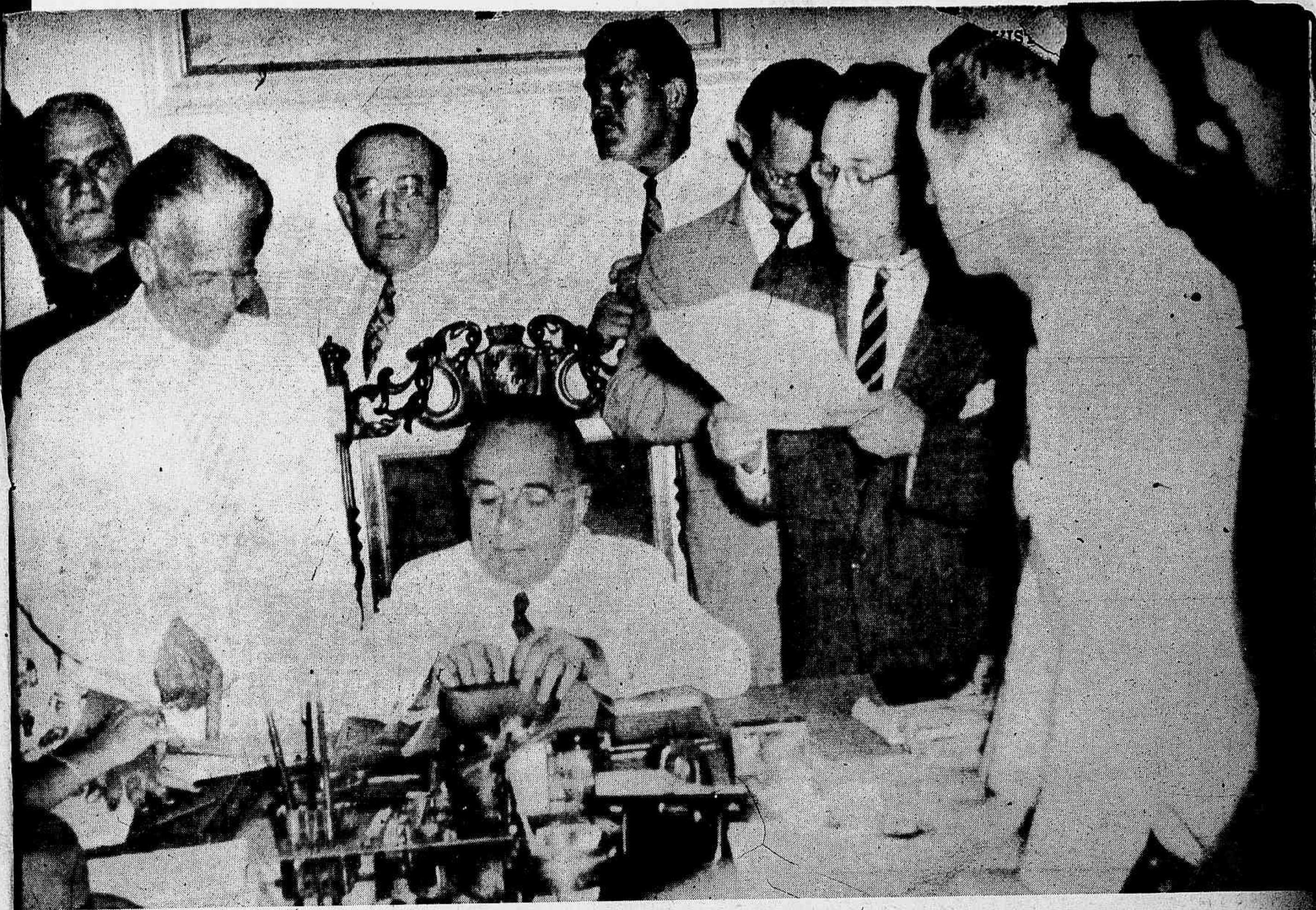
"A" morena de pernas bonitas e desafios originais uma lembrança do macaco depois de muito raciocinar.

PS — Janice já está trabalhando de novo. Quero você amanhã no meu escritório às nove."

Era desculpa? Se era mais parecia ordem. Mas era tão típico de alguém como Jonathan Hale que ela decidiu ir só para ver o que acontecia.

Continua na pág. 38





Aspecto colhido no palácio Rio Negro, em Petrópolis, na tarde de 2 de março, por ocasião da entrevista coletiva que o Chefe da Nação concedeu aos jornalistas.

## FIGURAS E FATOS

A Comissão de Assistência ao Bancário Convocado, do Sindicato dos Bancários, visitou os expedicionários que se encontram em tratamento no Hospital Central do Exército. Ali fizeram entrega de livros, cigarros, revistas, etc., aos bravos soldados, como se vê na gravura inferior. Um detalhe: nenhum bancário está hospitalizado.



Os dois campeões brasileiros de paraquedismo em São Paulo: Ada Rogato e Teófilo Alba, ambos do Aero Clube de São Paulo. Ela marcou 57 metros e meio, recorde em competições oficiais, e ele 66 metros. Ambos pilotos altos de paraquedistas.

Sugestivo flagrante batido por ocasião do embarque do tenente aviador Paulo Costa, quando se despedia de sua genitora e noiva.





# UM CASO DE ESPIONAGEM

(Continuação do número passado)

— Quer dizer que...

— Que, aqui, no bairro chinês, há uma grande organização. E é contra ela que teremos que lutar. E sozinhos desde que, por enquanto, os japoneses fingem morrer de amores pelos Estados Unidos.

— Mas, como soube?

— Eu tenho meios de informar-me. Além do mais, consegui fazer-me passar por japonês...

— O que?

— Pois foi.

— Pelo que vejo você só faz passar pelo que não é.

— Na China, era mais difícil porque conhecem melhor o Japão. Passar por japonês para mim é fácil. Vivi quase toda a minha vida naquele país.

Uma sombra passou, rapidamente, projetando-se na parede branca. Depois, outra, mais outra, outra ainda e, afinal, a reunião estava completa. Um dos membros da organização pediu a palavra.

— E' o nosso maior projeto e precisa ser executado sem hesitação, sem falhas.

Sua voz, apesar da importância das palavras que pronunciava, ficava na mesma apatia, no mesmo tom sem inflexões.

— Hoje, à meia noite, sairá daqui um grupo de dois homens e...

Harry, naturalmente, estava entre os dois homens. Era dos mais pesados e recebera o papel mais importante. Mas como

ter a certeza de que Alice agiria? Como saber, sem possibilidade de erro, que a polícia chegaria na hora? Chegara o momento de desmascarar os espões e ele já tinha provas suficientes.

Ao sair da loja, no bairro chinês, que tinha a aparência inofensiva e parecia pertencer a chineses ele viu que Alice não perdera tempo. Estavam cercados.

O japonês, ao ver o cordão de policiais, puxou o revólver e atirou. Porém, para o espanto dos policiais, o outro japonês segurou-o e reduziu-o à impotência.

O cordão fechou-se. Foram os dois presos, não escapou um único.

Markham olhou para os dois japoneses e sorriu.

— Um plano audacioso, meus amigos, mas que não valeu de nada.

Não houve resposta.

— Então queriam fazer obra de sabotadores?

Silêncio absoluto.

Markham tornou a sorrir.

— E' esta a atitude oriental?

Não houve meios de fazer com que falassem. Afinal, fatigado, ele mandou que fossem levados para a penitenciária, onde aguardariam julgamento. Um deles, porém ficou para trás e dirigiu-se a Markham.

— Sabe quem eu sou?

— Sei. Foi o que nos informou sobre a existência da organização.

— Exatamente. Alice contou-lhe tudo, não é verdade?

Markham hesitou:

— Sim.

— Bem, então posso ir-me embora, minha missão está cumprida.

Mas Markham protestou.

— Não vá logo. Preciso falar-lhe.

— Às suas ordens. Porém, sem motivo aparente, o coração de Harry começou a bater mais depressa.

— Quem é seu chefe, Harry, perguntou Markham com voz calma.

(CONTINUA NA PÁG. 45.)



Hedy Lamarr, estrela da Metro-Goldwyn-Mayer, filma no momento a interessante película "Her Highness and the Bellboy" (Sua Alteza e o Men-sageiro).

A lindíssima

HEDY LAMARR

candidata-se a um novo Rádio G-E Tom Natural

Esta é a nova sensação em rádio-divertimento que também o espera! O novo rádio G-E Tom Natural reproduzirá todos os sons com tal naturalidade cristalina que lhe dará a impressão de estarem ali juntos os cantores, locutores e músicos. Então V. S. ouvirá, pela primeira vez, os preciosos sons harmônicos que caracterizam a gama riquíssima de todas as vozes — humanas e instrumentais.

É natural que tenha sido a General Electric a criadora deste rádio novo e diferente. Porque em toda a história do rádio, G-E tem sido a pioneira das pesquisas acústicas. De fato, o seu atual rádio, seja qual for, é dotado de melhoramentos criados pelos cientistas da G-E como, por exemplo, o altifalante dinâmico. É verdade que os últimos inventos eletrô-

nicos da General Electric estão sendo usados exclusivamente para fins militares. Mas lembre-se de que, chegada a ocasião, será iniciada a fabricação do Rádio G-E Tom Natural — com aperfeiçoamentos tais como o "altifalante coordenado", o "equilíbrio acústico" e muitos outros — uma nova sensação em rádio-divertimento.

Como a lindíssima Hedy Lamarr, V. S. terá no Rádio G-E Tom Natural um instrumento musical que vale a pena esperar. Candidate-se também à posse de um,

ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA

A General Electric está fabricando mais aparelhos de rádio para uso bélico do que qualquer outro fabricante. Depois da Vitória, os adiantamentos obtidos pela G-E farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.



Construção à prova do  
CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.

**RADIO**  
GENERAL ELECTRIC

Na vanguarda em Rádio FM, AM, Televisão, Eletrônica

GRANT

8 047



A vida preciosa

de seu filho pode ser ameaçada por uma perigosa diarreia. Contra este terrível mal existem como remédio sem igual os comprimidos de Eldoformio, um producto da casa "Bayer".

Combata as diarreias com os comprimidos de



**Eldoformio**

Bom para os adultos como para as crianças.

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128

RECIFE

3



# ELES FÔRAM EXPULSOS DA ALEMANHA...

O mundo parecia viver em paz, embora um pintor medíocre e arrogante, elevado à categoria de ditador, já estivesse traçando planos para o início da hecatombe que tantos lares tem desmantelado, deixando na orfandade milhares de crianças indefesas, cujo único crime foi o de terem nascido neste século em que a máquina consegue sobrepujar a força do homem, arrastando-o na maioria das vezes à fome e à miséria, quando não o leva ao próprio campo de batalha para ser esmagado pelos seus tentáculos devoradores.

A Alemanha, deixada à vontade, trabalhava silenciosamente para que um simples cabo da guerra de 1914 pudesse usufruir os direitos de supremo chefe de um partido cuja estrutura primava pelos excessos bestialógicos de indivíduos prepotentes que, aliados a uma organização policial completa, não se deixavam prender a sentimentos humanos, inoculando na geração que se iniciava, o "vírus" de uma doutrina nefasta, onde a liberdade era vilipendiada a todo preço, afim de que os

Quando a "nova ordem" não admite avanços na arte moderna, taxando-a de "degenerada" — Pintores que a cruz swastica achou melhor expulsar do solo germânico — Aconteceu em Munich numa pretensa galeria de Arte — Um homem que trabalha a favor da pintura e luta para manter uma galeria — As mais fortes expressões da pintura moderna reunidas numa grandiosa mostra, aqui na Cidade Maravilhosa — Askanasy, seus conceitos sobre a Arte e uma luta em prol dos modernistas.

Escreveu ARMANDO MIGUEIS

"maiorais" pudessem se equilibrar com toda a segurança, sem temer qualquer reação popular nos atos de vandalismo que pouco a pouco iam sendo praticados, num desrespeito flagrante ao Tratado de

Versailles, então olhado com alguma esperança por parte daqueles que acreditavam no respeito mútuo das nações, embora subsistisse a velha história de vencidos e vencedores.

"ELES FORAM EXPULSOS POR HITLER" — diz Askanasy ao nosso redator, mostrando um catálogo em que figuram as maiores expressões da arte moderna alemã, hoje expulsas da nação hitlerista porque não concordaram com a história da nova ordem que o falso pintor desejava implantar.

Adolfo Hitler, esse inimigo número um da liberdade, espírito indócil e afeto às grandes encenações, começara a mostrar as suas garras sedentas de sangue, mandando para as prisões infectas do Reich ou entregando aos carrascos da Gestapo aqueles que não se deixavam levar pelos seus discursos inflamados, nem cediam à pressão violenta do nazismo, rejeitando toda e qualquer proposta manhosa oriunda dos adeptos da cruz gamada. A Alemanha transformava-se num verdadeiro inferno de Dante, onde a cada momento esbarrava-se com um agente de Himmler praticando as maiores atrocidades, afim de "convencer" a pobre vítima de que o fuehrer era um amigo do povo, razão pela qual ele se via forçado a aplicar o castigo merecido a quem duvidasse de semelhante afirmativa.

Estribado em que a violência faz silenciar toda e qualquer expansão, o ditador nazista não poderia deixar livres, como não deixou, aqueles que faziam da verdadeira Arte o mais forte libelo contra a







Os esbirros de Hitler, contrários a qualquer liberdade de pensamento, não consentiram que os autores dos trabalhos que se vêem acima permanecessem no solo germânico ou mesmo viessem a figurar nos museus da terra de Goethe. Expulsos de seu país de origem, eles buscaram nos países em que a democracia é um fato o recanto para continuarem a trabalhar pela arte que tantos elementos têm imortalizado. Agora, reunidos numa grande exposição, esses mesmos artistas, até então desconhecidos para os brasileiros, serão apresentados ao nosso povo graças a um cultor da pintura.

opressão, resultando daí uma série de perseguições a escritores, músicos e pintores, todos indiferentes ao que lhes ditava a política totalitária do "amado" fuehrer e do não menos famoso ministro Goebels. Assim, o mundo assistiu estupefato à queima de livros em praça pública, viu dezenas de músicos ser banidos e presenciou a proibição imposta a pintores modernos. Foram eles acusados de corromperem o moral do povo alemão com seus trabalhos realistas, sendo iniciada verdadeira caçada a esses elementos.

#### ACONTECEU EM MUNICH

Os campos estão floridos. Adolfo Hitler prossegue nos ataques de histeria, fazendo discursos inflamados, nos quais ataca os judeus, acusando-os de responsáveis pela derrota da Alemanha na guerra passada. Nas horas vagas ele compõe um capítulo do seu livro ou derrama tinta numa tela. A atmosfera torna-se carregada para os não adeptos da camisa parda, agora vigiados pelos esbirros da Gestapo. Käthe Kollwitz, pintora recentemente falecida em Berlim, é uma das vigiadas. Tendo nascido na capital da Prússia Oriental, no ano de 1867, já em 1898 expunha na Grande Exposição Berlimense de Arte, logrando obter com o seu trabalho a medalha de ouro. O kaiser Guilherme II porém, representando naquela época a reação alemã, não quis conferir-lhe a medalha. Com a subida de Hitler ao poder Käthe Kollwitz foi proibida pela polícia de Himmler de trabalhar, sendo sua residência sujeita a uma sindicância severa de quinze em quinze dias. Era o direito da força contra a liberdade da Arte, que teve a culminar com a abertura de uma exposição cujo cartaz dizia:

#### "TELA TORTURADA EMPODRECIMENTO PSÍQUICO FANTASMAS DOENTIOS IGNORANTES ENLOQUECIDOS

premiados pelas claqueas judaicas, louvados por literatos — estes foram os produtos e os produtores duma "arte" para a qual Institutos estatais e municipais esbanjaram, irresponsavelmente, milhões de bens do povo alemão, enquanto ao mesmo tempo morriam de fome os artistas germânicos. Tal qual este "Regime", assim foi sua "Arte".

#### OLHAI ISSO! JULGAI VÓS MESMOS! VISITAI A EXPOSIÇÃO "ARTE DEGENERADA"

Holgartem — Arkaden, Geleriestr. H. —  
Entrada franca. — Impróprio para  
menores."

Hitler não admitia a evolução da Arte. A cruz swastica impunha condições aos artistas, e aos que não obedecessem estava reservado o campo de concentração, recurso supremo para tentar converter milhares de criaturas que não sentiam simpatia pela "nova ordem". Começou a fuga. Paletas e pincéis deixaram o solo germânico em busca de novo pouso, por jamais se sujeitarem aos grilhões. O pintor de paredes, temendo o valor da Arte, expulsou as mais fortes expressões artísticas do país. Max Beckman, Wilhelm Lehmbruck, William Waller, Christian Rohls, Emil Holde, Max Pechstein, Alfred Kubin, Karl Schmitt-Rohrug, Lovis Corinth, Willi Baumeister, George Grosz, Franz Radziwill, Max Kantsch, H. C. Wach, Wilhelm Gerstl, Fritz Upphoff, Oscar Kokoschka e muitos outros pintores de relevo tiveram de buscar refúgio noutros países.

No grupo reunido pela galeria Askanasy vamos encontrar artista que muito se assemelha ao nosso discutido e comentado Portinari. Sua maneira de pintar, seu desenho e seu colorido em tudo denotam a influência do revolucionário artista brasileiro.



# NUMA GALERIA BRASILEIRA

Deixemos para trás a Alemanha nazista, entregue aos horrores da guerra que ela própria desencadeou no afã de fazer calar as vozes que clamavam por um mundo melhor, onde houvesse inteira liberdade de pensamento. Vamos entrar num prédio acanhado da rua Senador Dantas. Numa taboleta, em letras garrafais, está escrito: "Galeria Askansy".

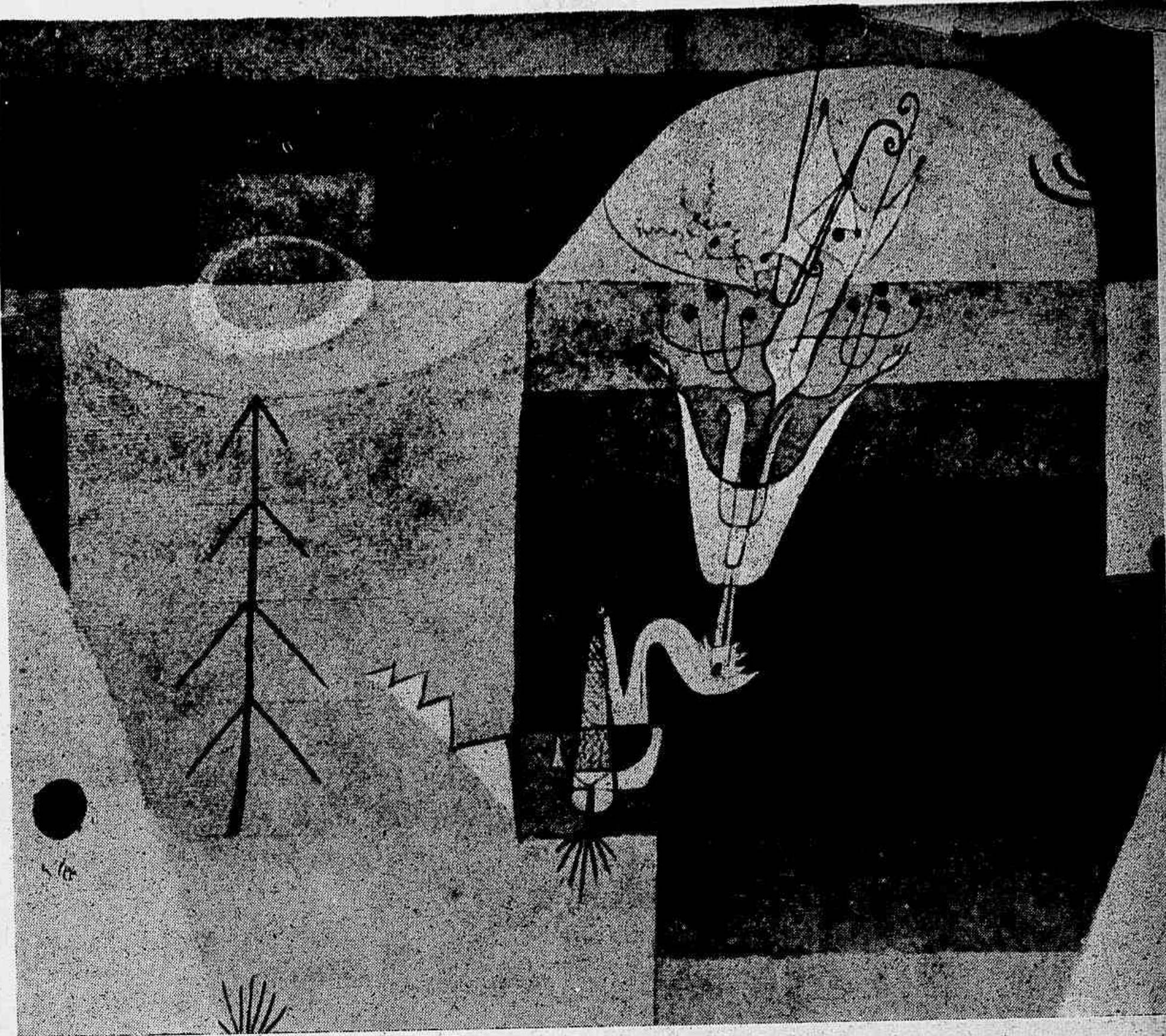
E' aí nesse prédio que um amante da arte moderna, vencendo tôdas as intempéries de nosso ambiente artístico, tem levado a efeito uma série de exposições, procurando mostrar ao nosso povo o grau de evolução por que vêm atravessando as artes plásticas em nossa terra. E' aí nesse recanto consagrado à arte que dentro de breves dias será exposto ao público brasileiro uma série de trabalhos dos artistas que Adolfo Hitler expulsou do solo germânico, taxando-os "degenerados". São em sua maioria pintores ainda desconhecidos no Brasil, embora a crítica dos mais adiantados países europeus os tenha consagrado como expoentes da pintura alemã.

Um homem alto, de boas maneiras, autor de um livro que é um autêntico libelo contra a doutrina nazista, é quem dirige a Galeria que tem o seu nome. Ele aqui chegou, fugido das garras da Gestapo, procurando, graças à completa noção dos assuntos relacionados com a Arte, estabelecer um meio de aproximar o homem da rua dos que cultivam o belo. Sua batalha tem sido árdua, mas seus esforços nem por isso deixaram de ser compreendidos por muitos. Agora mesmo, êsse homem acaba de reunir uma centena de trabalhos para expô-los ao público brasileiro numa grandiosa mostra que nos revelará aqueles que os esbirros de Hitler não permitiram que figurassem nos museus da Alemanha.

A propósito dessa iniciativa procurámos

PAUL KLEE nasceu em 1879 na capital da Suíça. Na sua obra a forma nunca representa a realidade externa, mas sim a verdade interior. De suas criações pode-se dizer o que escreveu, faz 150 anos, a mãe de Goethe: — "Coisas que se vêem por dentro da cabeça existem realmente e pertencem ao império celeste, onde nada é corporal e tudo existe em espírito". De Paul Klee é o trabalho que se vê acima, intitulado HERA.

O drama da hora que passa — quando aviões arrazam cidades, destroem lares e deixam na orfandade milhares de inocentes — teve na composição deste trabalho de Ferdinand Learen todo o sentido da realidade. "Bombardeio" — assim se intitula a obra em aprêço — é um reflexo real do ataque inesperado dos dominadores do espaço.







Nascido na capital da Prússia Oriental, em 1887, Kaethe Kollwitz expôs no ano de 1898, na grande Exposição Berlimense de Arte, tendo sua obra merecido a medalha de ouro, a qual não lhe foi entregue em virtude do kaiser Guilherme II proibir, por considerá-lo um revolucionário da Arte. Neste trabalho, "O Fim da Rebelião", nota-se a força impressionista do notável pintor alemão a quem Hitler chamou degenerado.

LUDWIG MEIDNER, também compareceu à exposição que o ditador alemão organizou no ano de 1937, na cidade de Munich. Artista moderno, acompanhando a evolução da arte, ele não se deixou intimidar com a perseguição da Gestapo, o que lhe valeu ser expulso da Alemanha nazista como um elemento indesejável à "nova ordem". Agora, na mostra de arte da galeria Askanasy, Ludwig Meidner comparece com "Retrato".



ouvi-lo. Askanasy, numa simplicidade atraente, começou dizendo-nos que lhe foi possível coligir uma série de quadros de grande interesse para uma exposição desse gênero, já que esta exposição encerra não somente um enorme valor como libelo contra as forças obscurantistas, consubstanciadas no nazismo, como também um valor incalculável de contribuições ao desenvolvimento artístico brasileiro. Trata-se de mais de cem obras representando várias e importantes escolas da Europa Central, completamente desconhecidas do nosso público, pois, com exceção de Lazar Segall, nenhum outro trabalho dos pintores ora expostos foi dado a conhecer no Rio ou no Brasil.

A primeira fonte teve-a em vários refugiados de guerra que puderam encontrar generosa acolhida no Brasil e aqui aportaram com alguns de seus trabalhos que lograram salvar do vandalismo hitlerista. Outros, simples possuidores desses pedaços de beleza e conscientes da verdade expressa pelo poeta, "a thing of beauty is for ever", guardam-nos cuidadosamente, como uma compensação a tantos sofrimentos que lhe foram infligidos pelo execrável nazismo. Esse é o caso de uma senhora imigrante que, apesar de viver em condições extremamente modestas no Brasil, não quer se desfazer por nada de três desses tesouros. Gentilmente, entretanto, esta senhora, com esplêndida consciência do papel da arte na civilização, prontificou-se a ceder os seus quadros para a exposição.

Falando sobre o valor que a mesma exposição representa para nós, Askanasy analisa o movimento artístico europeu, dizendo que a arte moderna tem na Europa Central um dos mais vigorosos movimentos até agora surgidos, desde Durer, Holbein, Granach e Grunewald, e mais tarde o do barroco, que atingiu nessa parte do Velho Mundo a sua expressão máxima, como verificamos pelos monumentos de Praga, a capital da Tchecoslováquia, que constitui um dos maiores monumentos daquela escola. Ainda como testemunhos dessa época do barroco podemos apontar Salzburgo, berço de Mozart, e Dresden, a

suprema flor do barroco, na Saxônia, incluindo também a Polônia, da qual Varsóvia possuía, antes da destruição nazista, grandes trabalhos desse gênero.

#### ONDE SURGEM OS INIMIGOS DA ARTE

Voltamos a tocar na perseguição de que foram vítimas os artistas não adeptos do nazismo. Vem à baila alguns casos ocorridos aqui mesmo, em nossa terra, quando da realização de algumas mostras de arte, em que pintores de renome se viram prejudicados pela ação da quinta coluna, então empregando todos os métodos para extinguir a liberdade dos que na arte encontram o meio de exprimir seus sentimentos de revolta contra a violência. O nome de Lazar Segall é lembrado, pois quando o ministro Capanema o convidou e patrocinou sua exposição na Escola de Belas Artes, no ano de 1943, não foram poucos os ataques que o mesmo sofreu. Também os alunos de Guignard tiveram de mudar seus trabalhos da citada escola para a galeria existente na A. B. I., em virtude de um assalto feito pelos intransigentes. O mesmo aconteceu em Belo Horizonte, quando da exposição moderna organizada pelo prefeito Kubitschek, em que várias telas foram cortadas a gilete. Na Alemanha de Hitler houve o mesmo procedimento, a ponto de vários trabalhos de Van Gogh e Cézanne serem retirados das galerias germânicas, enquanto os nacionais mereciam as torturas da célebre casa parda.

Lovis Corinth, que figurará na mostra da galeria Askanasy, foi uma das vítimas do regime hitleriano. Nascido em 1858, na Prússia Oriental; ele é considerado o maior pintor dos últimos tempos. Pertenceu ao grupo da "Secessão", do qual desligou-se por ter brigado com os amigos. Mudando-se para Berlim, entregou-se ao estudo da Religião, produzindo obras de grande aceitação, como "Mulher com Máscara". O nazismo porém condenou os seus trabalhos, fazendo-os retirar dos museus germânicos para abrigar as produções maquiavélicas de Hitler.

(Continua no próximo número)



Sempre que nos chegam novas e agradáveis notícias dos grandes feitos aliados, uma idéia nos domina: que fim terá Hitler? Porque, afinal, dia virá em que o mundo não terá um canto disponível para, dentro dele, se refugiar o facinoroso maior da Humanidade. E então, desde que a probabilidade do suicídio não deve ser levada em conta considerando-se o grau de covardia pessoal de Hitler, e a menos que uma justiceira bala dos nossos o tenha prostrado, ele terá mesmo de disfarçar-se, de suprimir o bigodinho vergonhosamente plagiado de um "astro" cinematográfico e de alterar o penteado, sem a "pastinha" grotesca encobrimdo-lhe uma parte da testa. Nesse dia, para onde há de querer escapar-se o cavaleiro de tão triste figura? Será difícil encontrar um refúgio, mesmo transitório, porque, onde quer que apareça, e por mais hábeis os seus disfarces, um dia será descoberto. E não vai ser fácil iludir a ninguém.

Mas, por hipótese, vamos admitir que Hitler conseguisse esse objetivo. E com que roupas, com que disfarces, usando de que sofismas viria a aparecer ao mundo, dissimulado e outro, capaz de se dar por esquecido o truão de Viena?

Aqui estão nesta página, mercê de uma fantasia cinematográfica, algumas hipóteses, mas não será de mais



**DE PROFESSOR?** — Que tal esta pôse de homem erudito, sobraçando a pasta e de bigode crescido? Os óculos disfarçam consideravelmente. E o chapéu-côco, empresta-lhe um certo quê doutoral. Se o virem nesses trajes, poderão reconhecer no tipo em aprêço o derrotado de Berlim?

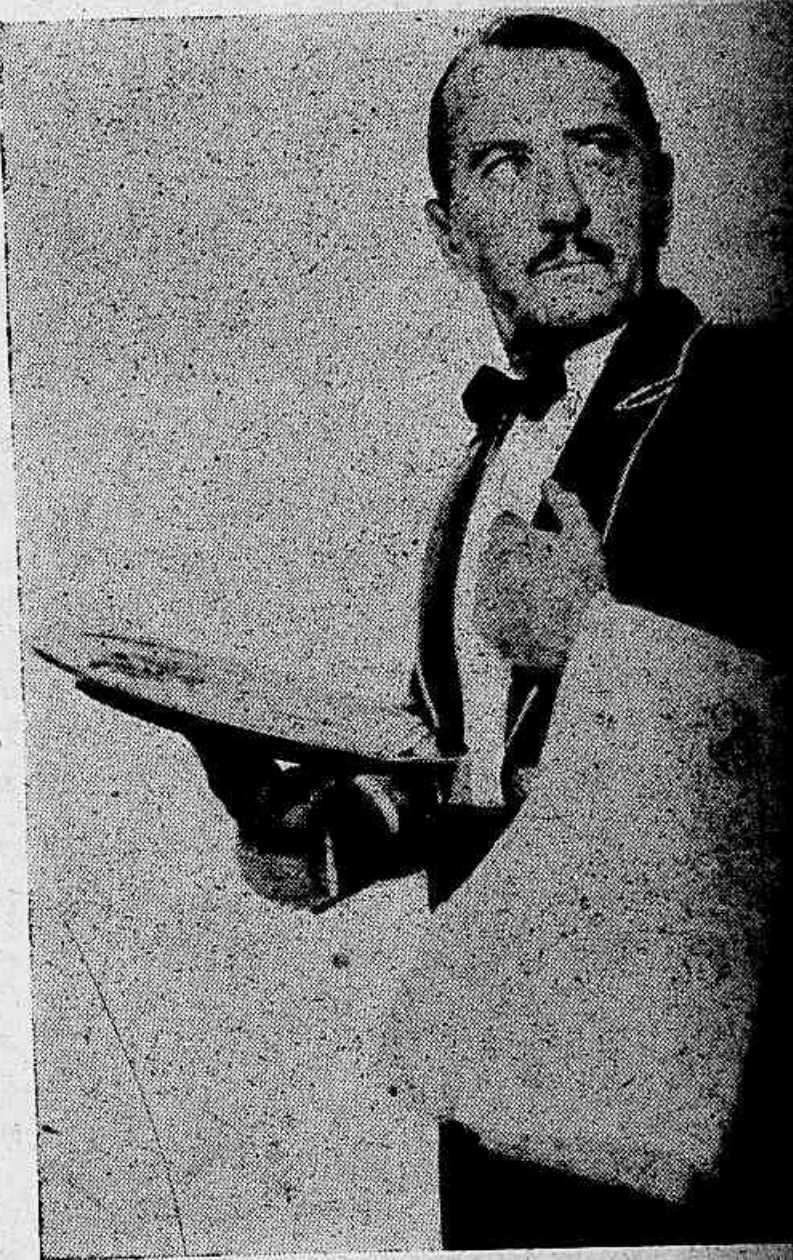


## FUGIR? MAS COM QUE ROUPA?

acreditar que o destino de Hitler será outro muito diferente. Nem mesmo usando um "travesti", nas roupas falsas de uma honesta camareira de vapor, no qual tentasse fugir, o pintor de paredes teria logrado escapar. Vale a fantasia, quando muito, para nos mostrar o requinte das habilidades que pode atingir o trabalho de um perito em "maquillage". Mesmo que a máscara tão difundida de Hitler fosse modificada, ainda assim, num leve relance de olhos, numa evocação de atitudes de outrora, ele seria incontinentemente reconhecido.

E' que milhões de homens, mulheres e crianças foram torturados, direta ou indiretamente, pelas suas trágicas proezas, e todos terão fixado na retina, mesmo sem jamais o haver visto em pessoa, seus mínimos detalhes faciais. Não se consegue impunemente quebrar o rumo normal das atividades do mundo por espaço de seis anos, nem se fazem imolar nações com todo seu povo, porque o castigo pode tardar, mas vem mesmo. E isto, que agora não passa de mera ficção cinematográfica, algum dia pode transformar-se na mais completa realidade.

Eis por que ninguém pode ter dúvida: Hitler deseja fugir. Mas... com que roupa o poderá fazer?



**DE GARÇON?** — Antes de tudo, é preciso modificar o bigode e a pastinha. Nada de topete caído na testa nem bigode "à Carlito". Hitler nasceu mais para garçom para condutor de homens. Cuidado com ele! Pode surgir de repente, carregando a bandeja... Procurem reconhecer!



**OUTRA VEZ PINTOR?** — Ele foi borrador de paredes e não deu nada. Pode também esfregar as mãos na parede com as pinturas governamentais. Mas, agora, quem sabe se não poderá salvar-se assim, esfregando as paredes novamente? Ele começou desse modo e quanto daria para ser um simples pintor!



**OU ENTÃO... CARREGADOR!** — O rosto pintado de preto, o bigode habilmente disfarçado, libré e bonet de carregador de estrada de ferro, e aqui o temos "bancando" o homem do trabalho. Talvez pudesse escapar num trem internacional. Mas, onde quer que apareça, algum dia será reconhecido e castigado...



**OU DE "TRAVESTI"?** — Em último caso, uma roupa feminina, uma cabeleira postíça e o bigode totalmente raspado podem salvar a situação do pobre infeliz. Ele saberá adotar a voz, falará em falsete, sem os arroubos das discursões dos bons tempos... E será uma vez um "Fushrer"...



## ELE, ELA E A SECRETARIA

Continuação da pág. 30

ra preparada para tudo, mas nunca  
ouvia o que aconteceu. Ele olhou-a

framente: durante uns segundos e;  
depois de examiná-la bem, sorriu, un-  
raro, no riso que mostrava uns dentes  
muito brancos e fortes e que o tornava  
muito simpático.  
— Você gosta de macaco, menina?  
— Não, tenho preferências! macaco,

cachorro, uroco: para mim todos são  
animais.

— E você aplica os nomes indiscrimi-  
nadamente aos homens que destesta?

— Parece que acertou.

— Ora muito bem. E que é que eu  
sou? Macaco?

— Escolha o que lhe agrada mais...  
— Contanto que não saia dos irracio-  
nais?

— Isso.

— E se eu escolher o lobo?

— Você não tem vocação para isso?

— Quem foi que lhe disse?

— Eu que sei.

— Vale uma aposta?

Ele puxou uma carteira donde ex-  
traiu um carderninho.

— Veja.

— Não me assusta. Deve ser seu  
catálogo de coristas.

— Todas loucas por mim!

— Pudera! Que esperança de arranjar  
um emprego?

— Mas você não quer emprego, não é?

— Não!

— Então por que disse a Janice que  
eu era simpático?

— Eu não disse nada disso;

— Janice e eu somos amigos velhos,  
minha filha. Todos os fins de mês eu  
a despeço e torno a empregá-la no dia  
primeiro!

— Mas eu não vejo...

— Por que será que só aos homens é  
permitido dizer que uma criatura do  
sexo oposto é desejável e atraente?

— E' uma questão de compostura!

— Mas você não acha que já me des-  
compôs bastante ontem de manhã?

— Escute Mr. Hale, eu não vim aqui  
para conversar com o sr. Que deseja?

— Eu estava pensando se valeria a  
pena casar-me com você. Janice me  
deu ótimas informações mas eu pre-  
firo formar opinião própria sobre o as-  
sunto.

— Oh!

A indignação dela não tinha limites.

— Bem, eu não disse que tinha re-  
solvido ainda. Por enquanto eu ainda  
estou pensando prós e contras. Você não  
é feia...

— Oh!

A voz dela não era fria, era conge-  
lada: Não lhe ocorreu que para tomar  
uma decisão teria que consultar-me?

— Por que é que você pensa que a  
mandei chamar?

— E não lhe ocorreu também que eu  
poderia recusar?

— Claro. Mas eu não me preocupo  
com isso.

— Por que, pode-se saber?

— Porque, se eu quiser posso con-  
vencê-la com extrema facilidade!

— Oh!

— Vale uma aposta?

— O sr. tem a mania de apostar as  
coisas.

— E' um mau hábito meu. E eu  
sempre ganho...

Janice levantou-se da mesa, colocou  
um cartaz na porta do escritório: "Fe-  
chado para almoço", e saiu. Antes,  
porem foi espiar pelo buraco da fecha-  
dura. Quando viu o resultado, voltou  
para a secretária, tirou cinco dólares  
do bolso, colocou-os num envelope e  
endereçou-o para Jonathan Hale. Jun-  
tou ao dinheiro um bilhete:

— Ganhou. Nunca mais aposte com  
você, sr. p.rata!

# A Senhora zela pela alimentação de sua filha...

## ...EXERÇA A MESMA VIGILÂNCIA QUANTO AO DENTIFRÍCIO...

**H**OJE, as mães dão à necessidade de  
conservar em bom estado os dentes  
de seus filhos muito mais importância do  
que as mães da geração passada.

A senhora sabe que a alimentação é im-  
portante — deve conter as vitaminas e os  
minerais necessários — que o alimento  
sólido proporciona exercício aos dentes e  
gengivas — que os dentes de leite devem  
ser conservados a todo custo — e as visi-  
tas periódicas ao dentista são essenciais.  
Outro ponto importante é o dentifício.

Faça-a usar o

## Creme Dental SQUIBB

É fabricado por uma casa há mais de  
85 anos famosa pela qualidade de seus  
produtos medicinais e odontológicos.  
Limpa corretamente, sem utilizar subs-  
tâncias ásperas ou adstringentes.

E ela gostará muito do Creme Dental  
Squibb! Toda criança gosta. Não apenas  
pelo seu sabor delicioso mas pela sensa-  
ção de admirável frescor que produz na  
boca e faz com que escovar os dentes se  
torne um verdadeiro prazer, não uma  
obrigação! Experimente um tubo... hoje!



...PROCURE O SÊLO DA  
CASA SQUIBB PORQUE  
SQUIBB É UM NOME EM  
QUE SE PODE CONFIAR

**CABELLOS  
BRANCOS**

**CASPA  
Quêda  
dos  
Cabellos**

**JUVENTUDE  
ALEXANDRE**



Neurastenia? Insônia? Angústia?

**BENAL**SEDATIVO do Sistema Nervoso  
Fórmula do Professor Austregésilo.**O PERIQUITO FALOU...**

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 15)

- O'timo. No lugar onde pensavamos?
- Sim.
- Ele não pode dizer que você não avisou.
- E' verdade. Vamos agir.
- Você vem?
- Lógico. Não quero perder o espetáculo.

O Periquito ia sentado ao lado de Jacob no carro desse.



**Em São Paulo...**

é sempre agradável uma visita  
aos Maiores Estabelecimentos  
de Modas do Brasil.

**Casa Anglo-Brasileira**

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



**DYNAMOGENOL**, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

**DYNAMOGENOL**

É um produto do

Laboratório Sian



- Falta muito?
- Já estamos quase chegando lá. Não se lembra?
- E' verdade.
- As moças já devem ter chegado.
- Tem alguém para esparrá-las?
- Larry, Barr, e Charlie estão lá.
- Ah bem. Tudo está bem.
- Mas como faremos a respeito do piloto?
- Não se preocupe. Eu pilotarei o avião.
- Mas Periquito você sabe voar?

O outro riu:

- E o apelido de nada serve? Sei, sim. Vou e volto num dia só. Ninguém dará pela minha falta.
- Então, nesse caso, cabe a você, também a parte do piloto.

— Acho que sim. Você não tem muita experiência disso, não é Jacob?

— Bem, eu antes era gigolo, mas achei que isso dava mais...

— E dá mesmo. Vamos.  
O carro aumentou a velocidade.

A velocidade do carro de Wellman era de arrepiar os cabelos de algum cavalheiro prudente, mas era preciso chegar a tempo de evitar o golpe.

O tenente Ames era contra:

— Daria muito mais força às provas se você deixasse para prendê-los no estrangeiro.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

**BIO-HEPAX**

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

— Não. Não posso correr esse risco. Você bem sabe que uma de minhas sobrinhas está no meio das moças. Prontificou-se a tomar parte na brincadeira para dar mais força às provas.

— Mas...

— Não. Positivamente, não podemos.

As moças estavam na sala. O Periquito olhou admirado e elogiou o bom gosto de Jacob. Ele nunca tinha conseguido um grupo tão bom.

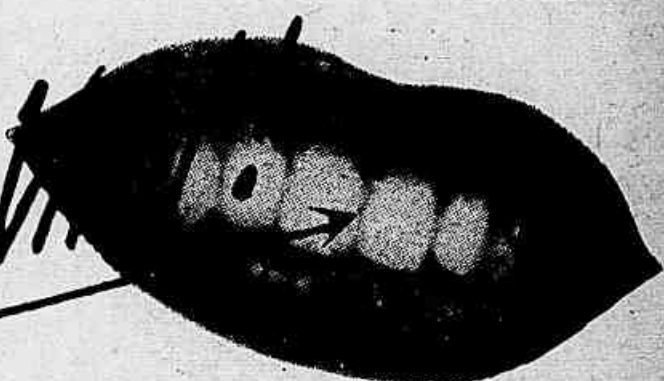
— Bem, vamos para o avião...

Uma lancha os esperava, dirigida por Larry. As moças embarcaram e o Periquito com elas.

(CONTINUA NA PAGINA 47)

**De Espuma Ultra-Penetrante**

*Gessy protege  
no Ponto Vital*



É NA JUNCÃO dos dentes, entre as faces ocultas, onde a escova não atinge, que surgem 4 em cada 5 cáries. Porisso, para proteger os seus dentes no Ponto Vital, use o Creme Dental Gessy.

A espuma de ação ultra-penetrante do Creme Dental Gessy limpa até onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia.

**GESSY CUSTA MENOS**  
que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.

J. W. T. - 14.252



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!



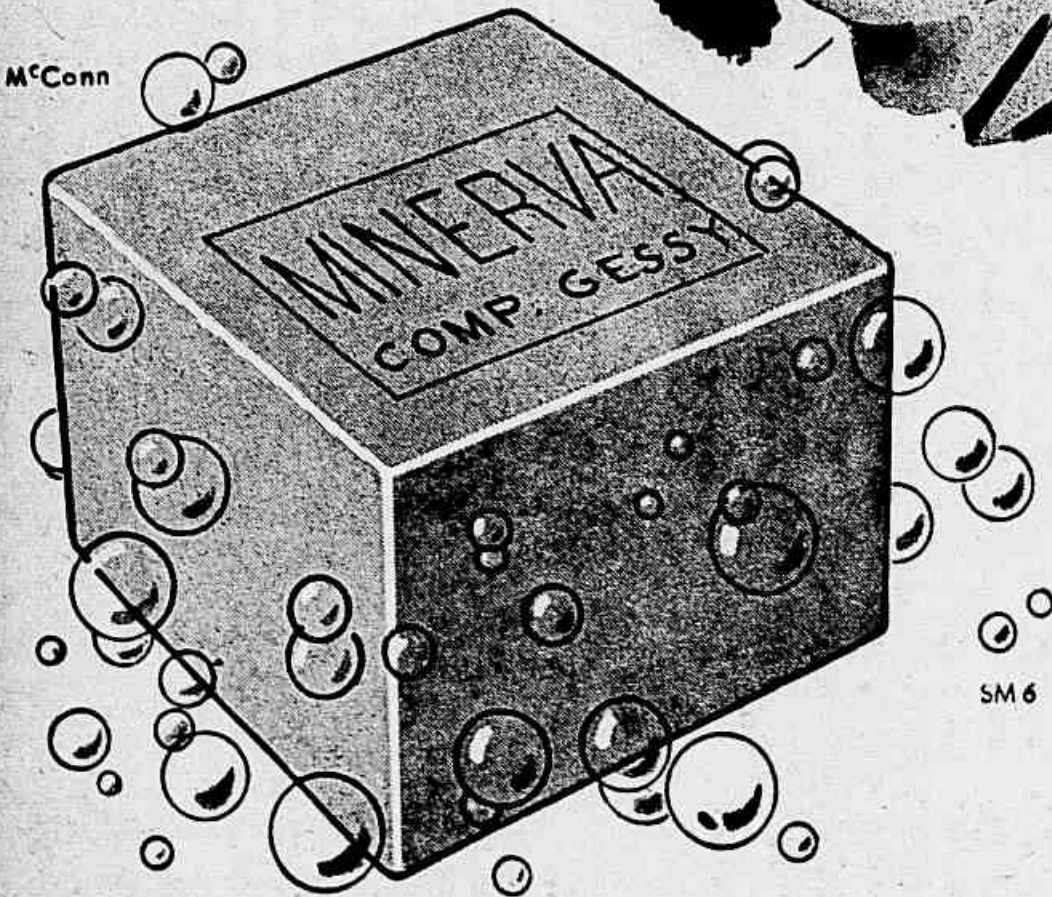
**HEMORRHOIDAS?** tome  
 LUC.3518-14-3 925 D.N.S.P.  
 ENCONTRA-SE EM TODAS AS  
 Farmácias e Droguarias  
**Pílulas de Herva de Bicho**  
 Comprimidos! Óptimos!  
 Infallíveis!



## PARA AS ROUPAS DO BEBÊ, UM SABÃO INOSENSIVO

As roupas de criança, por sua delicadeza, não podem ser lavadas com qualquer sabão. Elas precisam de um sabão que as limpe sem estragá-las — e que não vá produzir irritações na pele tenra do bebê. O Sabão MINERVA reúne estas duas qualidades. É um sabão barato porque protege o que lhe é caro.

**Sabão  
MINERVA**



PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL

**CABELOS BRANCOS?**  
 LOÇÃO  
**Brilhante**

**MENAGOL**  
 REGULAJ

# Livros

HULHA BRANCA, conferências e outros estudos de Ramiro Bérbert de Castro — Rio de Janeiro, 1945.



Baiano fervoroso, apaixonado como, em geral, os seus conterrâneos — e assim Deus os conserve sempre — o Sr. Ramiro Bérbert de Castro tem continuamente consagrado o melhor da sua inteligência e do seu labor ao engrandecimento e ao prestígio do Estado natal. Na tribuna do livro; em congressos, solenidades oficiais, celebrações patrióticas, sempre a sua cooperação esforçada e ardente se assinala. Da sua produção entregue às livrarias, faz parte um volume de discursos, outros de observações e impressões de viagem, conferências, doutrinação ou combate político. E em todas essas páginas domina o sentimento de bem servir o Brasil em geral e a Bahia em particular. No presente livro, justamente o Sr. Bérbert de Castro responde dantemão ao possível reparo de se ocupar mais e melhor da Bahia num caso que interessa à nação inteira. "O fato de consagrarmos neste livro — explica ele no prefácio — maior extensão à Bahia não significa qualquer intuito de preferência provinciana, mas o de fazê-la participar do movimento evolutivo de todas as regiões progressistas do país". Com efeito, no desenvolvimento das matérias se verifica o seu cuidado de nada esquecer, nada deixar sem registro ou destaque bastante significativo. Assim trata, mediante os mais seguros elementos de informação e com toda sorte de pormenores, da riqueza hidrográfica do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás, Rio Grande do Sul. Desceve, no sentido pitoresco como no utilitário, rios, bacias, cascatas, cachoeiras. E, para fazer admirar espiritualmente as dádivas da natureza que pelo Brasil tão privilegiadamente se distribuem e ao lado do tesouro mais opulento colocam o mais grandioso panorama, cita o autor de *Hulha Branca* algumas das composições poéticas que em tais maravilhas se inspiraram, começando pelo *São Francisco*, de Castro Alves, e terminando no *São do Guaira*, de Emílio de Menezes.

Outro escrúpulo, depois do relativo à acusação de "bairrismo", presidiu aos comentários inseridos num ou outro capítulo do volume: o de afastar suspeitas de plantar o teorico ou de condenação por animosidade pessoal. E assim, noutra passagem do prefácio, o autor explica: "Não há nas páginas deste ensaio, nenhuma presunção de saber ou de habilitação técnica. É um grito de alarme, cortando um silêncio enorme. Temos unicamente o sincero propósito de cumprir um dever que nos impuzemos, e não o de insinuar responsabilidades a quem quer que seja. Fica bem claro que, se nossa sinceridade ardorosa e nosso zelo desmedido por nossa terra e nosso povo tomarem a feição de julgamento de fatos ou de homens, não teremos chegado até aí pela vereda do ódio ou da vingança mas arrastados pela força invencível da verdade".

POLEMICAS EM PORTUGAL E NO BRASIL, de Camilo Castelo Branco, seleção e prefácio de Costa Rego — Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro, 1944.



O Sr. Costa Rego escolheu bem, a dedo, como diria o próprio Camilo, os capítulos que haviam de compor o presente volume. Aqui se encontram, para regalo supremo dos amantes do gênero, as mais notáveis criações daquele gênio desditoso e amarelado, no sentido da agressão e do sarcasmo. O gigante lidador de São Miguel de Seide arrastava sempre meio, nas suas bulhas quer pelo jornal quer pelo livro, de se apresentar como desafiado ou ofendido. De vez em quando, com efeito, tinha razão. Alguns publicistas irgênuos ou temerários o provocara, sem refletir nos recursos de que dispunha o Hércules sábio e truculento tão capaz de traspasar o adversário com um fletete como de o deslombiar com um marmeleiro... E era geral os duelos camilares acabavam por aquela segunda arma que nenhum outro varredor de feiras, nas lotas portuguesas, manejava com tanta destreza e tanta fúria. Alegasse, porém, que o que alegasse, a verdade é que, não raro, o campeão saía do seu pretensão refúgio minhoto para enfrentar na estrada, e logo de cajado no ar, inofensivos caminhantes que, sobrando modesta maleta de versos ou de novelas, se destinavam a uma simples retoriada. Nesses momentos, o poeta sensívelíssimo do *Amor de perdição* se transformava naquilo a que o povinho chama um comprador de brigas. Procurava um antagonista, fosse qual fosse, como, naquele outro estado de alma, invocava Apolo e todas as sublimidades da inspiração. Um belo dia, quiz se bater com Eça de Queiroz, a pretexto de que o autor do prefácio dos *Amor de perdição* o atacara naquela obra perfeita de pensamento e de arte. Eça dirigiu-lhe uma carta aberta, demonstrando, tanto quanto possível, como o não poderia ter visado, pois sempre o respeitara, fazendo acerca da sua pessoa e da sua obra conceito muito superior ao dos amigos que terminavam "em lhe enterrar até aos ombros a dupla e pesada coroa da vernaculidade e da descompostura". E não houve rixa dessa vez. Se, porém, Eça tem usado de menos sinceridade e menos finura, que peleja não sairia e de que meios se não serviria Camilo para derrubar ou fazer sair da arena semelhante contendor...

Para o seu prefácio primoroso de orientação e de alto valor pelo comentário, procedeu o Sr. Costa Rego a pesquisas que ele próprio declara apressadas e deficientes, mas das quais resultaram para o público em geral preciosas e sensacionais revelações. Ali se expõem as circunstâncias em que tão notáveis pendências se travaram e as razões por que Camilo as iniciou ou nelas entrou, sempre de corpo e alma. É uma biografia do fornecedor polonês, considerado apenas nessa feição, diga-se o que se disse, essencial e dominante. E entre as poucas reunidas no presente volume estão o opúsculo *O clero* e o *Sr. Alexandre Herculanio*; as réplicas a Silva Pinto; a reação às críticas feitas ao *Carcioneiro Alegre*; o famoso prélio com Alexandre da Cordeiro; a não menos célebre *Questão da Sebenta*; e a análise do livro da Sra. Ratazzi *Portugal à rol d'oiseau*, análise que, por si só, tornaria a fronte de Camilo merecedora da dupla coroa a que se referiu Eça de Queiroz.

OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES, tradução de Frederico dos Reis Coutinho, Libero Ranghi de Andrada, J. da Cunha Borges, Manoel R. da Silva, Alfredo Ferreira, J. Dubois Junior e Gilberto Galvão — Casa Vecchi, editora — Rio de Janeiro, 1944.

Sem dúvida esta empresa editora está satisfeita com o seu plano dos "mais belos contos". Aos de amor, que vieram a formar quatro volumes, alguns destes já em terceira edição, sucedem agora os galantes, isto é: aqui les em que o amor assume feições menos apaixonadas que jovial ou maliciosas. Os autores desta vez escolhidos vêm de Boccaccio



e Cervantes, passando por Brantôme, Mirabeau, Balzac, até ao hilariante Armand Silvestre, o boémio escandaloso Willy e o príncipe dos escritores malucos, autor da série *Pour lire sous la douche* e o qual tornou famoso entre os mais famosos do género o pseudónimo "Carré". E não faltam, nesta coleção mais ou menos brejeira, escritores geralmente profundos e graves, como Blasco Ibañez e Remy de Gourmont. É um livro para nos fazer passar de vez em quando — porque ninguém lerá duma assentada as suas trezentas e tantas páginas de vasto formato — meia hora em companhia espirituosa, sempre amável e até possivelmente providencial, pois que, em fases de contrariedade ou irritação, terá talvez a virtude de nos restituir o bom humor.

A tradução... Não vale a pena separar nomes, até porque estamos certos, homens de letras assim acamarrados hão de ser solidários, compartilhando indistintamente as vantagens e as responsabilidades da colaboração. A verdade, porém, é que, de vez em quando, a clareza e a elegância destas páginas padecem, ou por precipitação ou por falta de familiaridade com os dois idiomas em jogo. Devia haver sempre um diretor literário encarregado de rever os originais e capuz de autor neles a propriedade gramatical, o gosto e a coesão, a naturalidade do estilo. E dizermos "sempre", porque não é só na casa Vecchi que faz falta essa autoridade superior — e de confiança.

Poemas, por que não? Já assim lhes chamaria o sapiente e rigoroso Dr. Fr. Domingos Vieira que, no seu dicionário e depois da definição do termo, ensina: "Diz-se algumas vezes de uma obra em prosa, onde se acham ficções e o estilo harmonico e figurado da poesia." Realmente, eis o que não falta nestas páginas do Sr. Raymundo Corrêa Sobrinho. Elevação e arrojo de concepção, imagens de impressionante formosura e ainda, o que o venerando dicionarista não especializou como exigência do vocabulo, uma riqueza e uma graça de sensibilidade como bem raramente se encontram entre os poetas de hoje, ainda que façam verdadeiros versos... O autor da *Oração aos aflitos* não merifica nem rima. Que importa? Nas suas obras, fracionadas em linhas irregulares e que, parece-nos, não observam — à excepção da intitulada *Benditas as águas* — preceito de execução, regra técnica de espécie alguma, a cada momento os motivos de nobre inspiração e as formas de beleza surgem, cativando-nos o espirito como o sentimento. Não ha versos, com efeito, mas ha muita poesia, por exemplo, na composição que justamente se intitula *Bendita poesia*:

*Veio da saudade dos dias  
que não foram felizes nem desgraçados,  
do convívio amoroso com a alma das coisas,  
do misterioso silêncio da noite,  
da mobilidade constante das águas,  
do desejo insatisfeito de traçar no azul  
o voo desinteressado das aves libertas.*

*Veio dos beijos que não se deram,  
do sorriso de Beatriz ou de Dulcinéia,  
de mãos puras e carinhosas,  
de olhares ternos e modestos.*

PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

ORAÇÃO  
AOS  
AFELITOS

Prêmio

1952

Editorial da Graça Editora  
Rio de Janeiro, 1952 - 120 páginas - 1.000 exemplares



O Sr. Avelino de Souza escreveu em 1927 uma opé-  
 eta que, com música dos compositores Vencelau Pinto,  
 Alves Coelho e Raul Portela, e levada à cena no Teatro  
 São Luiz, obteve o mais ditoso êxito popular. *Bairro Alto*  
 alcançou deveras, em Lisboa, em Portugal, aquilo que se  
 chama "sucesso". E, graças a uma das companhias por-  
 tuguesas que habitualmente aqui vinham passar o inverno—  
 o verão de lá — igualmente no Rio, em São Paulo, em outras  
 cidades deste lado do Atlântico o público a aplaudiu em  
 séries largas de representações.

Foram esses elementos, tão simpáticos à candura das terrinas e um *spartito* ora folgente, ora suspiroso, sempre de acentuado sabor popular, que fizeram *Bairro Alto* entrar vitoriosamente para o repertório da opereta portuguesa. E de pouco, dezessete anos após a estreia triunfal e aclamada, tornou-se ainda maior. Sr. Aveiro de Souza nos dá o romance em que se encontram todas as virtudes da opereta — menos a música.

**PRINCIPE DE GALES**

**UM PRODUTO COSTA PENNA**

PARIS — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hermo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, ofe-

rece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: Frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

**Experimente OKASA e se conven-**  
cerá! Feça a fórmula cráneas "ouro"  
em todas as boas Drogeries e Farmácias,  
só em embalagem original de Londres.  
Informações e pedidos ao Distribuidor:  
Produtos ARNA — Av. Rio Branco  
109 — Rio — Tel. 43-3378.

**GRIPES**  
**RESFRIADOS**  
**NEURALGIAS**



**DÔRES**  
*de* **CABEÇA**

**TRANSPIROL**



K. T. Stevens, da Columbia, apresenta um "short" de linho branco, com a frente da blusa em malha azul e vermelha; cinto azul abotoado na frente.





# Modas



1 — Vestido para a noite, em mousseline negra, com nervuras e rendas.

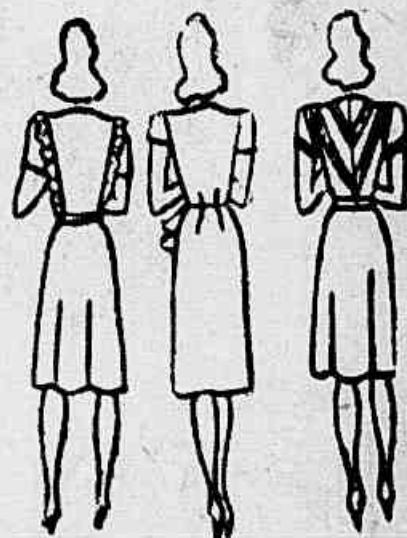
2 — Gracioso vestido preto, com aplicação de piqué branco bordado em côres.

3 — Modelinho em seda preta, com renda preta na gola e no "jabot".

4 — Elegante modêlo, com renda colocada de forma original.

5 — Realmente elegante é êste modêlo com saia de crepe preto; blusa de mousseline com rendas.

6 — De grande efeito é êste modêlo, em crepe cinza com aplicações no decote e na saia.







## PERFUMES finissimos

Perfumes recém chegados  
de Nova York

Parfumerie "BOURJOIS"

### EXTRATOS:

Extratos Chanel N.º 5

" " " 22  
" " "Gardenia"  
" " "Cuir de Russie"

"MAIS OUI"

"SOIR DE PARIS"

Póde Arroz "SOIR DE PARIS"  
e "MAIS OUI"

Rouge "SOIR DE PARIS"

Batons "EVENING IN PARIS"

Talco "EVENING IN PARIS"

Agua de Colonia e loção "SOIR  
DE PARIS"

Brilhantina "SOIR DE PARIS"  
SAO PAULO

## CASA MASETTI

A Casa dos bons perfumes

MATRIZ - SEMINARIO, 131-135  
FILIAL - MARCONI, 44



## O primeiro sabonete do bebê

deve ser o primeiro  
em Pureza e  
Qualidade

A delicada pele da criança  
exige todo o cuidado na  
escolha de um sabonete  
isento de substâncias no-  
civas. Prefira, porisso, o  
Sabonete de Reuter, con-  
sagrado, há meio século,  
por uma sólida reputação  
de pureza e de qualidade.  
Também no seu banho, o  
Sabonete de Reuter vale  
como um verdadeiro trata-  
mento de beleza da cútis.



I-A

SR-1

## Dra. HELENA N. DAHER

CLINICA DE CRIANÇAS

Avenida Copacabana, 209

Apart. 704

TELEFONE 27-0252

## AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA E FECHA OS POROS

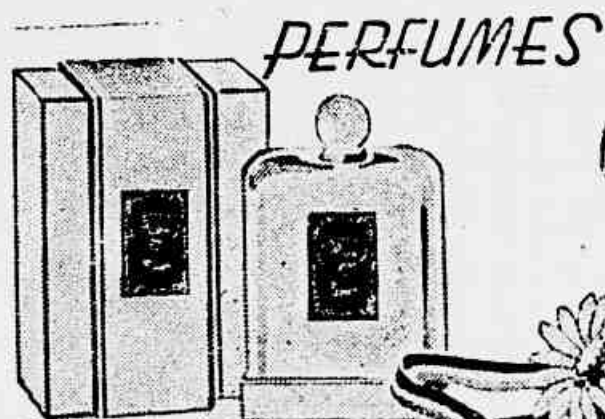
A VENDA EM TODA A PARTE

# MODAS

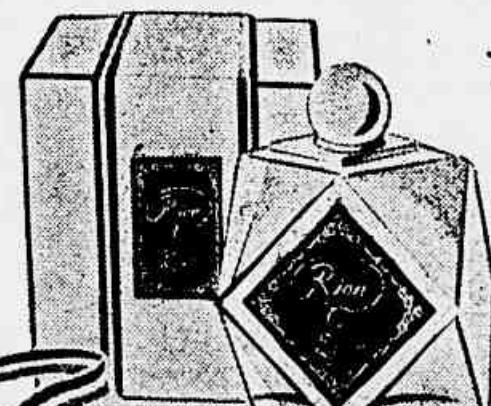
1 — Blusa de seda lisa enfei-  
tada por um babado e inicials  
em seda listrada.

2 — Vestido em seda, com  
"plastron" de piqué branco  
terminado em dentes. Botões  
de piqué.

UM PRESENTE  
DE CLASSE  
E DISTINÇÃO



## Rico



## PERFUMES

BELLES FLEURES  
MUSGO CHINE

05



## Um caso de espionagem

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 32.

- Não compreendo...
- Quem o dirige?
- Eu trabalho sozinho.
- Contra os japoneses?
- Sim.
- E se eu lhe disser que você é mais do que diz?
- Como assim?
- Se eu lhe acusar de espião japonês?
- Está louco? Não fui eu quem lhe entregou todos esses homens e...?

— Ora, vamos, Harry, para um mau americano que viveu tanto tempo no Japão você parece singularmente mal informado quanto ao heroísmo estúpido dos japoneses.

— Confesso que não compreendo onde quer chegar.

— Pois já cheguei, meu amigo. Eis uma prova e tocando uma campainha ele chamou um guarda.

— Prenda este homem e vigie-o bem. É perigoso.

— Ela não conseguia compreender porque ele estava preso.

— Mas, Mr. Markham...

— Digo-lhe senhorita que foi enganada.

— Mas eu tenho a certeza de que...

— Escute: vou contar-lhe uma história. Ela dispôs-se a escutar.

## OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo.

Remeta pelo reembolso POSTAL

Cr\$ 20,00 o vidro.

Produtos PANVITAL — Rua da Estrêla, 6  
RIO DE JANEIRO

## A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

— Faz muito tempo, em uma cidade do interior do Japão, um rapaz ambicioso imaginou um plano. Foi à capital e falou com oficiais japoneses e foi aceito.

Era um americano que vivera no Japão muito tempo. Pensou em conquistar a confiança de alguns altos funcionários de Washington, e, em seguida, obter informação preciosa para os japoneses que pagariam bem por ela. Mas nada conseguiu. Nenhum alto funcionário lhe deu importância. Que fez ele? Foi para a China, onde, ainda mascarado de inimigo do Japão, conseguiu melhores resultados, ajudando a invasão daquele país pelos japoneses. Uma vez começada a guerra ele foi chamado aos Estados Unidos para organizar uma rede de espionagem. Mas soube, depois de algum tempo, que nós

linhamos conhecimento da existência da organização, e que sabíamos que ele e mais dezesseite espiões japoneses já estavam em atividade nesse país e que só esperamos provas e uma oportunidade para pegá-los. Que fez então? Novamente o plano de entrar na intimidade do governo americano lhe sorriu. Desta vez, com um excelente pretexto. Entregaria os espiões ao governo. Mas, como a srta. sabe, os japoneses fazem qualquer sacrifício pelo Sol Nascente, fazem o que lhes for ordenado. Harry era o chefe e eles obedeceram. Deixaram-se prender. Parecia estar tudo muito bem. Harry poderia passar por um americano que odiava o Japão e teria conseguido com todos esses anos de preparação se não houvésemos descoberto que, debaixo do disfarce de escritor

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PELE

chinês, não estava um americano ajudando chineses só acontecia ostensivamente, porém. Na realidade, ele estava exercendo suas funções de espião.

— Como soube disso tudo?

— Srta., o departamento de contra-espionagem tem maior número de agentes sagazes do que a srta. poderia imaginar. Lembra-se do gerente do hotel na China? Pois ele nos deu muitas informações curiosas. E não foi só ele. Há outros mais...



# Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

RF



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



### DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.  
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas de secreção interna.  
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL  
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

### DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.  
Consultório: Edif. Góes - R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 - Cinelândia  
Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

### CREME DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mms. Campos  
BRANQUELA E AVELUDA A PELE  
A VENDA EM TODA A PARTE

### Loção DISCRETA CONTRA CASPA

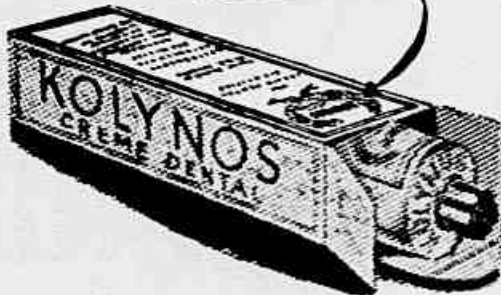
Rua Flack, 153 - Rio  
T. 29-2840

- 1 - Saia justa, aberta na frente e blusa em piqué, estilo chinês.
- 2 - Original tipo de slack. Calças pretas com uma tira listrada do saldos; blusa de seda branca com amplas mangas.

KOLYNOS ACERTA  
NO ALVO...



PORQUE  
TORNA OS DENTES  
ALVOS



ACERTE NO ALVO  
usando sempre  
o CREME DENTAL  
QUE ALVEJA OS DENTES!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...



# MODAS

*iancarelli*

ALMIRANTE  
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



## Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda

DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

## O PERIQUITO FALOU...

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 39)

— Bem, disse Larry, você diria a lancha e ancora-a no meio da baía. Quando voltar, assim fica mais fácil para você se nós formos obrigados a fugir.

— O. K. retrucou o Periquito.

O motor possante pôs-se a trabalhar e a lancha sulcou as águas rumo ao avião.

— Tudo pronto?

— Creio que sim.

O Periquito começou a mexer nos botões, mas o avião não larrou. Franziu as sobrancelhas. Havia qual-quer defeito. E aquilo era mal. Ia atrasá-los.

Fez as moças saltarem.

— Tomaremos a lancha e iremos buscar um mecânico.

— Que houve?

— Um defeito na máquina. Não é nada.

Ficaremos um pouco atrasados. E' só.

A Casa Deserta estava, agora, na realidade abandonada. Nem vestígio de Jacob e seus amigos. Para onde eriam ido? O Periquito começou a desconfiar...

— Fiquem aí na sala que eu vou buscar um mecânico, disse ele às moças.

Porem naquele instante, uma coisa inesperada aconteceu. Uma delas avançou e disse.

— Não quero mais ir. Vou voltar para casa.

— Que tolice! Agora na última hora?

— Não quero mais. Decidi.

— Mas...

Foram inúteis os argumentos de Periquito que mentia falando de um emprego ótimo no estrangeiro.

— Então, por que é que somos forçadas a fugir assim como se fossemos fazer uma coisa feia? Porque é que não tomamos um navio, e não vamos abertamente?

Era chegado o momento. Mas Periquito tinha experiência. Puxou o revólver e disse:

— Quem sair daqui morre!

As moças começaram a gritar.

— Silêncio! Nem mais uma palavra. As senhoras vão, quer queiram quer não. Vão servir numa de minhas casas, no estrangeiro... Eu...

Fizera-se um silêncio enorme. As moças estavam caladas. Nenhuma falava.

— Pevamos, afinal, o Periquito em flarrante, disse Wellman e a sua voz calma e pausada soou como um trovão no silêncio completo. O Periquito voltou-se. Em cada porta havia um guarda e nas janelas também.

— Eu...

Antes que dissesse outra palavra já as alvemas estavam nas suas mãos.

Reparando bem, a primeira impressão de Periquito não fora falsa. Como justificar de outro modo, a presença de Jacob Simes naquela casa?

E além do mais era dono dela. Um milionário, sim. Mas quem seria aquela moça que, sentada ao seu lado, não escondia com seus olhares o amor que tinha por ele? Ora essa? Não seria a jovem que, na última hora, protestara e que fizera com que o Periquito revelasse os seus planos?

Confesso que isto está ficando muito confuso e vou dar a palavra a Jacob para que ele explique.

— Bem, em primeiro lugar meu nome não é Jacob.

A moça riu:

— Graças a Deus. Imagine só, eu casada com um homem chamado Jacob!

O diretor Wellman, que também estava presente sorriu.

(Continua no proximo numero)



**STANDARD**  
CR\$ 100



**FEDERAL**  
CR\$ 160



**INCA**  
CR\$ 260



**"ANEL ZODAICO",**  
OITAVA MARAVILHA  
Com o Signo, Planeta e a Pedra do Dia e Mês do seu nascimento. Feito de Prata fina com Ouro 18 Kil. e também todo de Ouro. UM PRESENTE INESQUECIVEL. Mande o dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo; e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo sistema de reembolso postal. Também remetemos joias de ouro e brilhantes, tudo pelo preço da fábrica. Fábrica de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro. Peçam catálogos.



**AMERICA**  
CR\$ 135



**CAPITAL**  
CR\$ 260



**BRASIL**  
CR\$ 280

**UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA**



**ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

**ARRID**

O desodorante que mais se vende

Perfume

# Rêve Rose

de

## GALLY



O sonho côr de rosa dos perfumes!

*água de colônia*

*Brilhante*

*Essência*

*Extrato*

*Óleo Perfumado*

*Pó de Arroz*

A VENDA EM TODO O BRASIL

P.Ferraz

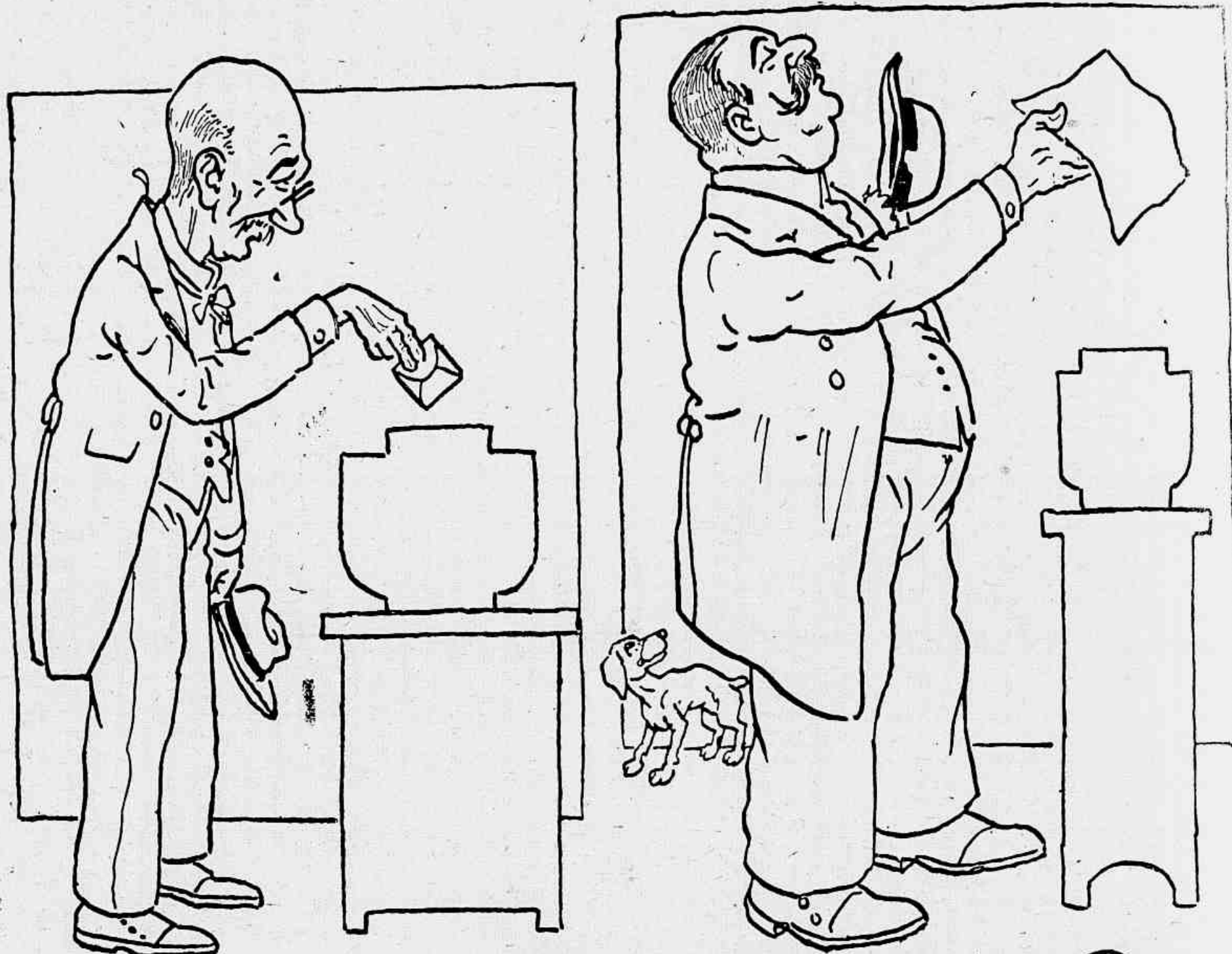


## FORTALECER O CORPO PARA TER BONS NERVOS

A vida ao ar livre, a alimentação nutritiva, o repouso periodico e os exercicios fisicos são indispensaveis para fortalecer o corpo e manter o sistema nervoso em boas condições de atender à agitação dos tempos presentes. Nem toda gente sabe orientar-se, neste sentido, porque desconhece, infelizmente, noções elementares de higiene, não obstante os livros existentes sobre o assunto. Não se aprende higiene por intuição mas pelo estudo e pela observação. Há regras alimentares, há preceitos profiláticos, que devem ser conhecidos com certos pormenores para serem eficientemente praticados. Em relação à alimentação, por exemplo, é uma verdadeira lástima! A maioria do povo come mas não se alimenta. Daí serem frequentísimos os sub-alimentados os predispostos à tuberculose, os nervosos e irritáveis por simples carência nutritiva, especialmente de certos elementos indispensáveis ao organismo. A carência fosfórica, por exemplo, manifesta-se por distúrbios de esfera nervosa, a destacar a falta de memória, o desanimo, a inquietação, as palpitações, a incapacidade para esforços prolongados. As vítimas destes males devem orientar-se pelos preceitos da higiene moderna e, ao mesmo tempo, procurar um médico. No caso de carência fosfórica serão, com certeza, recomendadas as injeções de Tonofosfan da Casa Bayer, que em poucos dias retemperam as forças físicas e nervosas das vítimas.

# OS VOTOS

No Tempo  
DO ONÇA



Voto secreto

Voto "a descoberto"



Voto "fosfórico"

Voto "cumulativo"

OS comprimidos DE

**Piralgina**  
GRANADO

LIVRAM  
DE QUALQUER  
**DOR**

TARQUINO

## Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo  
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



Os apuros da apuração.

RAUL



## (Música)

REGINA — Absolutamente, cavalheiro. E' inútil insistir. Retire-se, já lhe disse. Tenha a bondade de se retirar.

HOMEM — Veja bem o que está fazendo, minha senhora.

REGINA — Não insista. Por favor.

HOMEM — A senhora mediu bem as consequências dessa recusa? Eu não fiz apenas uma proposta. Lembre-se de que também fiz uma ameaça.

REGINA — Proposta ou ameaça, eu tenho apenas a lhe dizer que se retire. Do contrário chamarei os meus criados para o atirar à rua.

HOMEM — Eu saio, senhora. Mas repito — seu marido não ficará...

## (Enceramento)

## CAPÍTULO III

LOCUTOR — Geraldo estava pela decisão de Regina. Esta, depois de várias considerações, chegou à conclusão de que a única coisa que restava fazer era autorizar o seu irmão Geraldo que operasse o Luiz. Dr. Novais, grande amigo da família, procura convencer Regina de que, embora continue deformada — caso a operação não seja feliz — ela ainda guarda os mais lindos predicados da mulher: coração, bondade... Regina recebe as palavras do dr. Novais com certa incredulidade, pois sabe que para seu marido isto não é bastante para prendê-lo ao seu lado. Enquanto a situação do casal Luiz-Regina ia se resolvendo, embora por uma solução dolorosa, por outro lado casavam-se Geraldo e Celeste. Este casamento não foi feliz, pois em pouco tempo Celeste foi dizer à cunhada que estava cansada de Geraldo. Luiz continua insistindo em se aproximar de Regina. Esta porém inteligentemente afasta-se sem que ele perceba o verdadeiro motivo. Regina confessa a Celeste que vai ser mãe; é o momento em que aparece um homem que deseja falar particularmente com Luiz ou com sua esposa. Regina vai atendê-lo, e o capítulo passado terminou quando o desconhecido dizia:

HOMEM — A senhora mediu bem as consequências dessa recusa? Eu não fiz apenas uma proposta. Lembre-se de que também fiz uma ameaça.

REGINA — Proposta ou ameaça, eu tenho apenas a lhe dizer que se retire. Do contrário chamarei os meus criados para o atirar à rua.

HOMEM — Eu saio, senhora. Mas repito — seu marido não ficará sossegado enquanto não se resolver... seu marido... não chegará a utilizar-se do seu invento. Eu o impedirei, custe o que custar.

## (Música)

LUIZ — Muito bem, Regina. Agiste como devias. Eu não lhe teria dado outra resposta.

REGINA — Por certo. Então eu não sei que acima de tudo trabalhas pensando na tua pátria?

LUIZ — Era só o que faltava. Ceder o meu invento a outro país. Para que, talvez algum dia, a minha própria arma viesse assassinar o meu filho.

REGINA — Teu filho?

LUIZ — Meu filho, sim. De que te admiras? Porventura não desejas também ter um filho? Um garotinho que herde a beleza da mãe e a inteligência do pai?

REGINA (perturbada) — Sim... claro que sim. Por certo que desejo.

LUIZ — Que belo rapagão, hein? (pausa) Com os atributos físicos que possues, tu, Regina, és o tipo ideal da mulher creadora, a mulher perfeita, sadia e bem humorada, capaz de dar ao mundo os espécimes completos de que tanto precisa a raça humana.

REGINA — Mas não te deixes empolgar por uma coisa que, por ora, é apenas um sonho, e tratemos do que te vim falar.

LUIZ — Eu sei que, infelizmente, ainda não posso falar de meu filho senão como uma promessa longínqua. Mas sei que um dia o teremos, não é, Regina?

REGINA — Sim, Luiz.

LUIZ — Mesmo porque eu não compreendo uma existência que não se perpetue. E como só admito a imortalidade através de um nome que perdure ou de uma geração que se prolongue...

REGINA — Como você é materialista, Luiz!...

LUIZ — Bem. Mas tratemos de outra coisa. Já sabes que contigo não discuto estes assuntos sérios. Tu és a minha linda bonequinha, a futura mãezinha dos meus rebentos e não uma filósofa, de óculos graves e de idéias austeras...

REGINA — E se, de repente, eu me transformasse numa filósofa, de óculos, de cabelo arrepiado e de testa enrugada?

LUIZ — Nem é bom pensar em tal coisa, Regina. Eu te quero apenas como tu és — essa esplêndida mulherzinha de pele morena, de olhos imensos, com essa boca que...

REGINA — Oh, meu Deus!...

LUIZ — Que há, Regina?

REGINA — Nada, nada, meu querido!

LUIZ — Essa tua boca que era uma tentação diante dos meus olhos. Ai... os meus olhos infelizes que agora não te podem ver.

REGINA — Mas cala-te, Luiz. Calate pelo amor de Deus! E deixa-me. Deixa-me, Luiz. Já te disse que por enquanto tens que reprimir os teus carinhos. Deixa-me, Luiz.

LUIZ — Está bem, Regina. Será como quiseres. Telefona então ao Geraldo. Preciso falar-lhe.

## (Música)

GERALDO — Aqui estou, Luiz. De que se trata?

LUIZ — Imagine você que, hoje de manhã, estive aqui um homem desconhecido que me queria falar.

GERALDO — Sim. E daí?

LUIZ — Tendo a Josefa lhe dito que não me seria possível atendê-lo, o homem insistiu então em falar a Regina.

GERALDO — E Regina o atendeu?

LUIZ — Sim. O homem instalou-se no salão e mandou que Josefa a chamasse. E sabe você o que pretendia esse cavalheiro? Simplesmente propor a Regina, por uma soma fabulosa, a compra do meu invento para um governo estrangeiro.

GERALDO — E Regina, que lhe respondeu?

LUIZ — Com a negativa que o caso merecia, ao mesmo tempo que o mandava retirar-se.

GERALDO — Naturalmente.

LUIZ — Mas o homem insistiu. Regina irritou-se, ameaçou mandar os criados atirarem-no à rua. E então ele jurou a Regina que dentro de pouco tempo estaria de posse das minhas fórmulas, dos meus papéis e que eu não chegaria, jamais, a utilizar a minha descoberta.

GERALDO — Mas quem será esse bandido?

LUIZ — Alguém que está a serviço de um país estrangeiro.

GERALDO — Mas que infâmia, hein?

LUIZ — E por isso, Geraldo, foi que lhe mandei telefonar.

GERALDO — Estou às suas ordens. Que deseja você?

LUIZ — E' que, cego como estou...

GERALDO — Por muito pouco tempo, aliás...

LUIZ — Sim. Felizmente. E graças a você. Mas, como dizia, cego como estou, não me é possível, no momento, vigiar os meus papéis. Não os sinto em segurança aqui em casa. Queria então que você os guardasse em seu cofre.

GERALDO — Perfeitamente. Agora mesmo os levarei para a minha casa.

LUIZ — Acho, porém, desnecessário que a Celeste venha a saber.

GERALDO — Mas por certo. A Celeste não precisa saber. Aliás não costumo contar a Celeste essas coisas. Infelizmente, Luiz, a minha mulher é bem mais frívola e mais leviana do que se possa imaginar.

LUIZ — Em dois meses de casamento você já fala assim, Geraldo?



GERALDO — Bem sabe, minha querida irmã, o amor que lhe tenho. Bem sabe que serei capaz de maiores sacrifícios para manter a felicidade do seu lar. Sufocarei qualquer compromisso por mim assumido para defender a sua felicidade que também é minha. Depois de todos os exames cheguei à conclusão de que a cegueira de Luiz é curável... e aqui estou para que você decida. Que devo fazer? Operar Luiz, ou deixá-lo eternamente nas trevas? Responda, sinceramente, minha irmã. Que devo fazer?

REGINA — Eu... eu... preciso esperar mais uns dias...

GERALDO — Há um mês que o caso de Luiz está nas minhas mãos. Já lhe acompanhei todas as fases. Tenho que me pronunciar, tenho que dizer alguma coisa. E' preciso resolver.

REGINA — Geraldo. Pelo amor de Deus. Você não vê que é horrível esse problema?

GERALDO — Você já sabe que eu farei apenas a sua vontade. A sorte do Luiz está entregue a você. Eu prometi à nossa mãe, na hora de sua morte, que me dedicaria a você. E aqui estou, para cumprir o que prometi.

REGINA — Não, Geraldo. Eu não devo aceitar uma coisa tão monstruosa. Mas, ao mesmo tempo, como me horroriza à idéia do asco que vou despertar em meu marido. Do desprezo, das traições que terei de sofrer. Do ciúme que vai me amargar. Da vida humilhante a que serei relegada. Que tortura, meu Deus! Oh!... meu irmão. Como eu sou infeliz! (chora).

GERALDO — Regina. Já lhe disse que estou disposto a lhe evitar essa angústia. Resolva-se.

REGINA — Você não me pode dar mais uns dias para resolver? Eu preciso pensar. Eu preciso pôr em ordem as minhas idéias.

GERALDO — Mas é preciso que decidamos. Preciso tomar uma atitude qualquer.

REGINA — Está bem. Amanhã eu lhe darei minha resposta decisiva.

GERALDO — Então, até amanhã?

REGINA — Sim... até amanhã.

(Música)

REGINA — Josefa, que horas são?

JOSEFA — Nove horas.

REGINA — O doutor Novais deve estar chegando. Ficou de vir a essa hora.

(Campainha da porta)

REGINA — Deve ser ele.

(Passos)

DOUTOR — Boa noite, dona Regina.

REGINA — Boa noite, doutor.

DOUTOR — Então? Como vamos? Mais animada?

REGINA — Mais animada não é bem o termo. Mais resignada, não era isto o que queria dizer, doutor?

DOUTOR — Como queira, dona Regina. O que interessa, porém, é saber se está melhor.

REGINA — Os ferimentos, as queimaduras do rosto daqui a pouco o senhor mesmo irá examinar. Mas o que ficou na alma, isto, doutor, ninguém pode ver!...

NOVAIS — Mas não se atormente tanto, dona Regina. Farei o que estiver nas minhas mãos para reparar o seu mal. Deixe-me ver. Ponha seu rosto aqui, sob esta lâmpada. Assim... assim... (pausa).

REGINA — Que devastação, hein, doutor Novais?

NOVAIS — Isto vai melhorar. A senhora vai ver depois da operação.

REGINA — Não, doutor Novais, o senhor não vai me operar...

NOVAIS — Vou, sim. Como não? E por que?

REGINA — Porque eu não quero me operar, doutor. Para que, doutor? Isto é uma coisa que não tem remédio. Eu não tenho a menor ilusão.

NOVAIS — Em todo o caso, melhoraria bastante.

REGINA — Voltar ao que era, não voltarei. Então é melhor que fique assim.

NOVAIS — Que não faria eu para lhe devolver a beleza. Em todo o caso, ainda lhe restam tantos encantos. O espírito, a bondade, a inteligência, a graça e a elegância...

REGINA — E' o desespero, doutor Novais... um grande desespero!...

(Música)

(Porta que se abre e passos)

JOSEFA — Bom dia.

REGINA — Bom dia, Josefa.

JOSEFA — Então? Não vai tomar o seu café?

REGINA — Ah... É. Eu já me ia esquecendo. Pode trazer.

JOSEFA — Também, você agora só come quando a gente lembra. São dez horas. Levantou-se às seis e ainda não tomou nem uma xícara de café.

REGINA — O desespero é como a febre... alimenta. E dá forças. Vá Josefa... vá buscar o café.

JOSEFA — Está bem. Eu vou já.

(Passos de Josefa — Porta que se fecha)  
(O telefone toca)

REGINA (atendendo) — Alô... sim... é Regina. Ah, Celeste? Como vai passando? (com amargura) Vamos vivendo. Ah, sim? Então vocês resolveram mesmo? Casam-se depois de amanhã? Muito bem... é... é melhor. O Geraldo esteve aqui, ontem à noite e me falou. Lamento não poder nem assistir à cerimônia. Mas, tudo mudou tanto, não é, Celeste? Você não vai reparar. E' pena que o casamento não possa ter o brilho que você desejava. Em todo o caso, o principal é que vocês sejam felizes, não é? Sim... sim... está bem. Você vem aqui amanhã? Está bem. Então, até amanhã. Obrigada. Até amanhã.

(Porta que se abre e passos)

JOSEFA (entrando) — Pronto, Regina. Aqui está o seu café.

REGINA — Obrigada... (ligeira pausa, barulho de louça) Escute, Josefa. Você me quer muito bem, não quer?

JOSEFA — Ora, Regina, que pergunta! Eu não havia de lhe querer bem? O doutor Geraldo me trouxe pequenina para junto de você. Saí do asilo para a sua companhia. E se não fôsse confiança, eu até podia dizer que você, para mim, é como uma irmã.

REGINA — Confiança nenhuma, Josefa. Você tem a pele escura e eu tenho a pele branca. E é só. Quanto ao mais, você é para mim a minha maior amiga. E por isso mesmo eu espero contar com você.

JOSEFA — Mas você sempre não contou comigo?

REGINA — Mas agora, Josefa... Agora eu vou precisar muito de você.

JOSEFA — Pois, para tudo o que for preciso eu estou aqui.

REGINA — Está bem. Depois conversaremos.

(Vozes de Geraldo ao longe)

GERALDO — Onde está essa gente? Regina...

REGINA — Olhe... parece-me que o Geraldo está aí...

JOSEFA — E' sim... vou abrir a porta...

(Passos e porta que abre)

GERALDO — Bom dia, Josefa. Como vai você?

JOSEFA — Vou bem, dr. Geraldo. O senhor vai bem?

GERALDO — Posso entrar?

REGINA — Entre, Geraldo. Eu estou aqui.

GERALDO — Como vai, minha irmã? Vai melhor?

REGINA — Aquêlê calmante me tem feito bem. Josefa... já terminei. Pode levar a bandeja.

JOSEFA — Com licença.



(Barulho de louças)  
(Passos e porta que fecha)

GERALDO — Então, Regina. O que foi que você decidiu?

REGINA — Geraldo. Você deve curar o Luiz. Nós não o devemos sacrificar. Não. Eu não quero viver à sombra da sua cegueira. Eu me isolarei na renúncia e na resignação. Mas terei o consolo de não haver sido uma egoísta, uma criminoso.

GERALDO — Eu faria o que você quisesse, minha irmã. Mas me orgulho e me alegro com a sua resolução.

REGINA — Pois é, Geraldo. Não foi melhor assim?

GERALDO — Não há nada que se compare a uma consciência limpa, e não há preço que pague o sossêgo do coração. Um coração tranquilo, um coração sem remorsos, uma consciência calma, a alma leve, a vida limpa já é quase a felicidade, minha irmã.

REGINA — E você ia renunciar a tudo isso por mim...

GERALDO — Ia sim, Regina. Eu ia vender a minha alma ao diabo para fazê-la feliz.

REGINA — E seria um fracasso. Porque eu também tenho consciência e também tenho coração.

GERALDO — E que consciencial E que grande coração!

REGINA — Diga-me, Geraldo. Em quanto tempo se processará a cura do Luiz?

GERALDO — Como lhe disse ontem, eu estive, durante todo esse mês examinando o seu caso e, me parece que, dentro de três ou quatro meses lhe restituirei a visão.

REGINA — Mas você tem certeza absoluta de lhe salvar a vista?

GERALDO — Quase. A certeza porém só depois da operação.

REGINA — Pobre do meu marido! Tem sofrido tanto! Vá depressa, Geraldo. Vá lhe dar a esperança que lhe negamos até agora.

GERALDO — Como você é boa, minha irmã!

REGINA — Vá, Geraldo. Vá. Ele está no terraço. Leva horas naquela cadeira. De mãos cruzadas. Parado. Absorto. Há um grande desespero naquele silêncio. Oh, Geraldo! Eu nem sei de quem tenho mais piedade — se é dele ou se é de mim.

GERALDO — Exatamente como eu, Regina. Fico entre vocês dois, e não sei o que mais hei de lamentar. É verdade que o Luiz vai ficar bom.

REGINA — Sim. Ele vai ficar bom. Mas, mesmo assim, vai sofrer...

GERALDO — Por certo que sofrerá. Imagine que desgosto ele não vai ter quando ver o que custou a você aquela explosão. Quando compreender a que ponto você se sacrificou.

REGINA — E quando ele sentir que não tem mais a sua Regina.

GERALDO — Dessa ou daquela maneira ele ainda a terá, minha irmã.

REGINA — E você acha que o Luiz ficará satisfeito com esta nova? Não nos iludamos, Geraldo. Imediatamente virá a repulsa. Imediatamente virá o horror. E isto é uma coisa que eu não quero, que eu não posso sofrer...

GERALDO — Mas, Regina... é preciso que você se prepare para essa fase, triste, é verdade, mas inevitável também.

...REGINA — É Geraldo. É isso mesmo. Você tem razão...

GERALDO — Coragem. Tenha coragem, minha irmã.

REGINA — Esteja tranquilo. Coragem é o que não me vai faltar...

GERALDO — Vou então falar ao Luiz. Posso lhe dar a boa nova?

REGINA (desesperada) — Sim. Vá. Vá lhe dizer que, dentro de alguns meses, chegará a luz para os seus olhos e eu entrarei para uma sombra ainda maior que a sombra em que já estou.

GERALDO — Mas Regina! Que incoerência é essa? Há poucos instantes você me mandava ir correndo para dar a boa nova ao Luiz. E, de repente, este rancor?

REGINA — Eu nem sei mais o que quero. Eu nem sei mais o que sinto. É tudo uma medonha confusão. Oh, Geraldo! Tenha pena de mim (chora).

GERALDO — Você me põe doido, Regina.

REGINA — Não, Geraldo. Eu quero que você vá. Vá dizer ao Luiz que sua cegueira é curável. Pois não foi isto o que deliberamos? Não foi?

GERALDO — Sim, Regina. Foi.

REGINA — Diga-lhe, então. Diga-lhe, sem demora.

GERALDO — Então, Regina. Até já.

(Passos de Geraldo)

REGINA — Espere, Geraldo. Espere.

GERALDO (longe) — Que é, Regina?

(Intervalo)

GERALDO — Fale, Regina. Que é que você quer?

REGINA — Quero lhe fazer um pedido. Não lhe conte ainda o que me aconteceu.

GERALDO — Mas...

REGINA — Eu quero ainda algum tempo de ilusão...

GERALDO — Sim, Regina, tem razão. Nada lhe direi.

REGINA — Outra coisa, Geraldo. Em troca do meu sacrifício, também lhe vou exigir uma promessa.

GERALDO — Diga, minha irmã.

REGINA — Você vai me prometer, pela sagrada memória de nossos pais, que acatará qualquer pedido que eu lhe faça depois da cura do Luiz.

GERALDO — Mas, Regina...

REGINA — Essa promessa, Geraldo, será uma grande compensação às minhas amarguras. Você promete, meu irmão?

GERALDO — Eu... está bem. Prometo, Regina...

REGINA — Pela memória de nossos pais?

GERALDO — Pela memória de nossos pais.

REGINA — Por mais que lhe custe, você fará o que eu quiser?

GERALDO — Farei o que você quiser.

REGINA — Obrigada. Muito obrigada, meu querido irmão.

(Música)

LUIZ (surpreso e emocionado) — Mas então, Geraldo? Eu vou poder de novo olhar os encantos de Regina? Ah... oh... não a beijarei às cegas? Não lhe sentirei mais a repulsa. Oh... que alegria... que prazer... Tê-la-ei novamente para mim (pausa). Perdoe, Geraldo, perdoe a minha expansão. Mas você não calcula o quanto e como eu amo a sua irmã.

GERALDO (incisivo) — Eu sei, Luiz. Eu sei como é que você ama a Regina (pausa). Escute, Luiz, você algum dia procurou atender a alma de Regina?

LUIZ — Ora, Geraldo. Alma (sorrindo). Alma... Eu sou um materialista. E nem me sobraria tempo para isto. Aliás, não me atraem e nem me preocupam essas abstrações.

GERALDO — No entanto lhe assevero. É pena que você não possa avaliar o tesouro que possui.

LUIZ — Mas então eu não sei que Regina é o bem mais precioso que a vida me pôs nas mãos? Ela é tão linda, a minha mulher. Estive bem preocupado com as suas queimaduras. Mas, já sarou, não foi?

GERALDO — Sarou, Luiz.

LUIZ — E agora seremos felizes. Muitos felizes!

GERALDO — Sim. Você será feliz.

LUIZ — Nós. Eu e Regina.

GERALDO (perturbado) — Sim... Vocês... Eu nem sei mais o que digo...

LUIZ (ri) — Pensando na Celeste, hein?

GERALDO — Ah, é verdade. Nós nos casaremos depois de amanhã.

LUIZ — Regina vai sempre ser a madrinha?

GERALDO — Não. Regina quer afastar-se de tudo até você se curar.



LUIZ — Ela anda tão nervosa ultimamente...

GERALDO — É natural. Depois de haver sofrido o abalo que sofreu. Foi um abalo fortíssimo, Luiz.

LUIZ — Precisamos viajar um pouco depois de tudo isso. Não quero a minha Regina doente. Ela sempre foi tão sadia. Justamente o que me atraiu foi aquele aspecto que ela tem, aquele ar triunfal de saúde, aquele vigor, aquela perfeição.

GERALDO — É. É preciso evitar que ela fique doente.

LUIZ — Mesmo porque é horrível uma mulher doente.

GERALDO — Luiz. Que concepção tem você do amor? Gostaria de saber.

LUIZ — O amor é uma atração física e irresistível entre duas criaturas.

GERALDO — Apenas isto, Luiz?

LUIZ — Sim. E por isso mesmo precisa de ambiente — alegria, saúde, riqueza e bom humor.

GERALDO — Você então não admite o amor-sacrifício, o amor-ternura?

LUIZ — Ternura. A ternura é a decomposição do amor.

GERALDO — Então você não seria capaz de estimar uma mulher?

LUIZ — Eu estimaria qualquer mulher, menos a mulher que eu amasse.

GERALDO — Mas, voltando ao assunto — vocês irão viajar, não é?

LUIZ — Pretendo. É verdade que as minhas finanças estão bem abaladas, no momento. Mas tenho aí o meu invento que me dará uma fortuna.

GERALDO — E a glória também.

LUIZ — É... mas essa minha química é um jogo infernal. Pode-se ganhar muito, mas também muito se pode perder. Foi por esta razão que eu quis casar com separação de bens. Fica sempre a salvo o que é de Regina.

GERALDO — E Regina, por isso teve aquele capricho das joias.

LUIZ — É verdade. Que tolice, hein? Para mostrar que não dava importância ao que tinha, empregou tudo em joias.

GERALDO — E sóbria como é, raramente as usa.

LUIZ — E nem mesmo seria possível levar consigo toda a ourivesaria que possui.

GERALDO — E tem tudo guardado em casa? Imagine! Que perigo!

LUIZ — Diz ela que entre os seus 500 mil cruzeiros de joias e os meus inventos um ladrão terá muito que hesitar.

GERALDO — Tudo o que é seu tem para ela um enorme valor. E de fato o seu invento de agora vale mesmo uma fortuna.

LUIZ — Aquêlê negócio do torpedo? Está ali metade do que é meu.

#### (Música)

**(Marcha nupcial fazendo fundo forte a princípio e em seguida até o fim)**

VOZ DE MULHER — Olhe lá, d. Margarida, lá vem eles. Já estão saindo da igreja.

MARGARIDA — Hum... mas que casal bonito. Eles não são novos, mas são bem bonitos.

VOZ DE MULHER — Coitadinha da irmã do dr. Geraldo, nem pôde vir ao casamento. Dizem que de tão bonita ela virou um monstro depois daquela explosão.

MARGARIDA — Espia só a Celeste... (ri sarcástica). Oh, criaturinha intragável... Está querendo fazer cara de santinha... mas qual, não adianta...

VOZ DE MULHER — Também o dr. Geraldo não é nenhum santinho, não. Quem é que não sabe que ele já tem um filho de dez anos.

MARGARIDA — Mas ele o traz bem escondido. E a mãe ninguém sabe quem é.

VOZ DE MULHER — E quer saber de uma coisa, Margarida? A Celeste não dá para êsse negócio de casamento. Garanto-lhe que dentro de um mês ela estará cansada.

#### (Música)

CELESTE — Estou cansada, Regina. Por isso eu hoje vim aqui para entregar as mãos à palmaria. Você tinha toda a razão. Apenas dois meses de casada e já me parece insuportável o sistema de vida que o Geraldo me faz levar.

REGINA — Mas o Geraldo não a faz levar a mesma vida que ele. Você não tem toda a liberdade para ir aonde quer?

CELESTE — Sim. O Geraldo não me proíbe coisa alguma. Mas você há de convir que, tendo eu como tenho um marido célebre, me seria bem mais agradável entrar pelo seu braço nos salões. No entanto, é uma luta para conseguir levá-lo a um casino, a um teatro. A não ser as visitas de cortezia, o Geraldo não quer ir a parte alguma. E é uma insipidez. Oh, que vida insuportável.

REGINA — Mas você não tem prazer em ficar ao seu lado uma noite ou outra?

CELESTE — Ora, Regina. Eu já não estou mais na idade dêsses romantismos. Imagine só eu, que sempre tive uma vida agitada, uma vida intensa, encolhida num canto de gabinete, a olhar o Geraldo enfronhar-se na leitura de uns tratados horríveis à sombra de um "abat-jour"... (ri sarcástica). Tinha graça. Bem se vê que você ainda não passou dos vinte anos!

REGINA — Celeste, seja mais caridosa. Você esquece de que agora eu não tenho mais idade? Que para mim tudo se acabou?

CELESTE — E por falar nisso: o Geraldo me disse que vai mesmo curar o Luiz, hein? Achei péssimo para você. Você não preferia que ele continuasse como está?

REGINA — Sim. Eu preferia. Mas, se a cegueira do Luiz é curável, o dever do Geraldo é curá-la.

CELESTE — Dever? Que palavra antipática!

REGINA — Como você está revoltada. E tudo isto é por causa do meu pobre irmão. Houve um equívoco, Celeste. Você não lhe tinha amor.

CELESTE (desdenhosa) — Amor... Sabe-se lá o que é o amor?

REGINA — É justamente o contrário do que se passa com você. É uma vontade doida de estar junto, de velar, de ajudar, de compreender. Tem-se desvelos materiais e um egoísmo terrível outras vezes. A gente é capaz de vencer o mundo ou de abandonar êsse mesmo mundo pela mesma criatura. Tanto a gente se eleva como se aniquila, e tudo, tudo se faz de bom ou de mau pelo amor. É isto, Celeste, isto é que é o amor.

CELESTE — Bravos! Você está inspirada! Você é bem a irmã do Geraldo.

REGINA — E sou bem a esposa do Luiz. A que será capaz de aniquilar-se.

CELESTE — Que diz você, Regina? Que asneira é essa? Aniquilar-se? Você, que vai ser mãe?

REGINA — Quem lhe disse isto, Celeste?

CELESTE — Então você se esquece de uma conversa que tivemos há dois meses?

REGINA — É verdade. Eu já lhe tinha dito, não é? Eu até me esquecera que lhe havia falado nisso.

CELESTE — E então? Isto não lhe dá coragem?

REGINA — Dá, Celeste. E muito mais do que você pode imaginar.

JOSEFA (entrando) — Com licença. Está aí um homem que quer por força falar com o dr. Luiz e, como eu dissesse que o dr. Luiz não podia atender, pediu então para falar à sua senhora.

REGINA — Ele não deu o nome?

JOSEFA — Não. Mas disse que o assunto interessa muito e que precisa muito lhe falar. E que só quer entender-se com o dr. Luiz ou com a sua senhora.

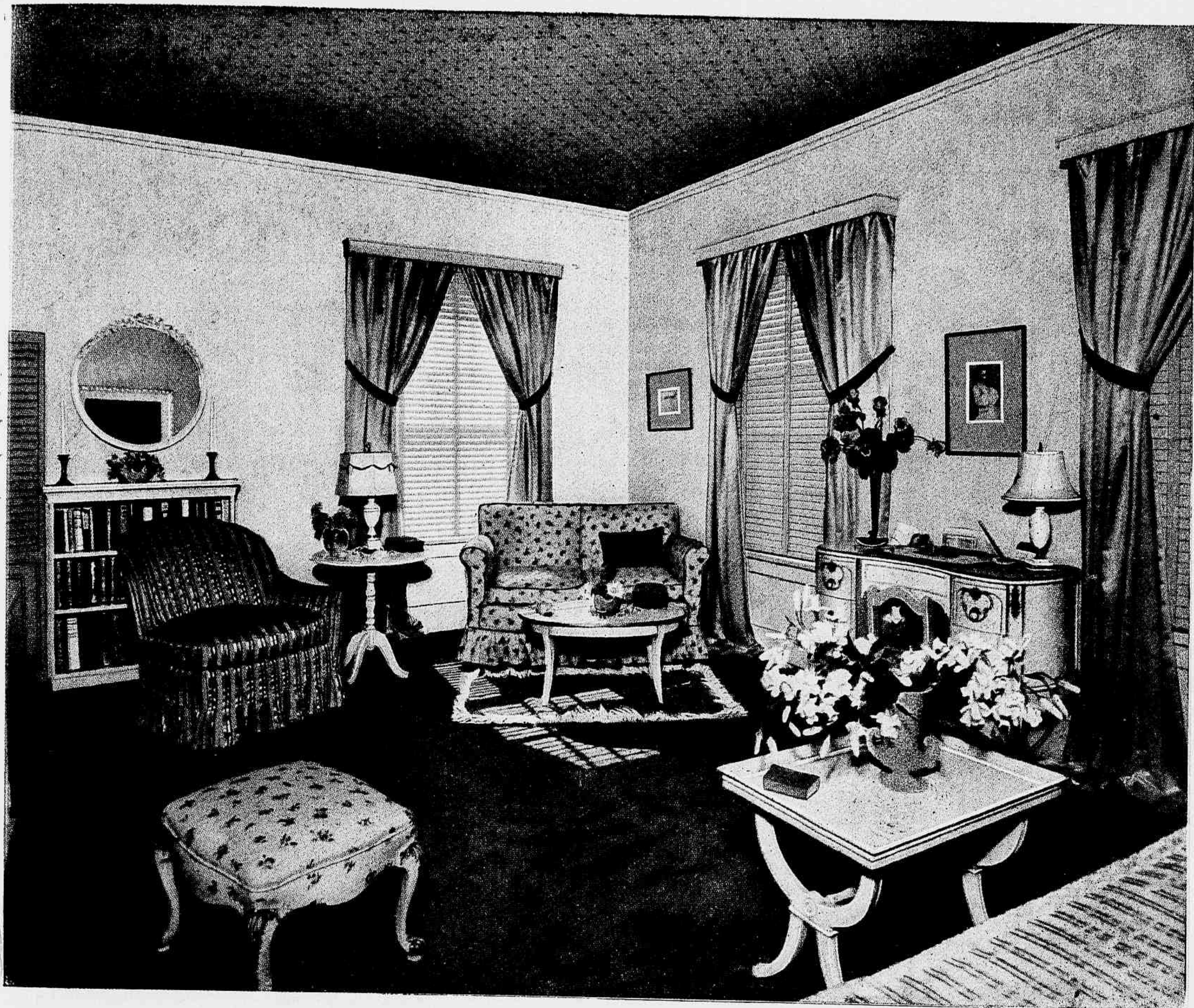
REGINA — Você o mandou entrar?

JOSEFA — Nem foi preciso. Ele já se instalou no salão, e lá está à sua espera.

REGINA — Diga-lhe que espere. Vou já. Dê-me licença um instante, sim, Celeste.

CELESTE — À vontade, Regina; não se prenda por mim. À vontade.





# RECANTO AGRADAVEL

Oferecemos hoje aos amantes das decorações bonitas uma interessante sala de estar. Poucos móveis são suficientes para embelezar o ambiente: Um sofá, uma poltrona, uma pequena banqueta formam o conjunto de descanso; duas pequenas mesas e outro móvel maior completam o mobiliário. O chão é coberto por tapetes, e nas paredes vê-se dois quadros. As cortinas, muito bem arranjadas, dão o retoque final na ornamentação.

**MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES**  
**OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS**

**ASA**  
MARCA

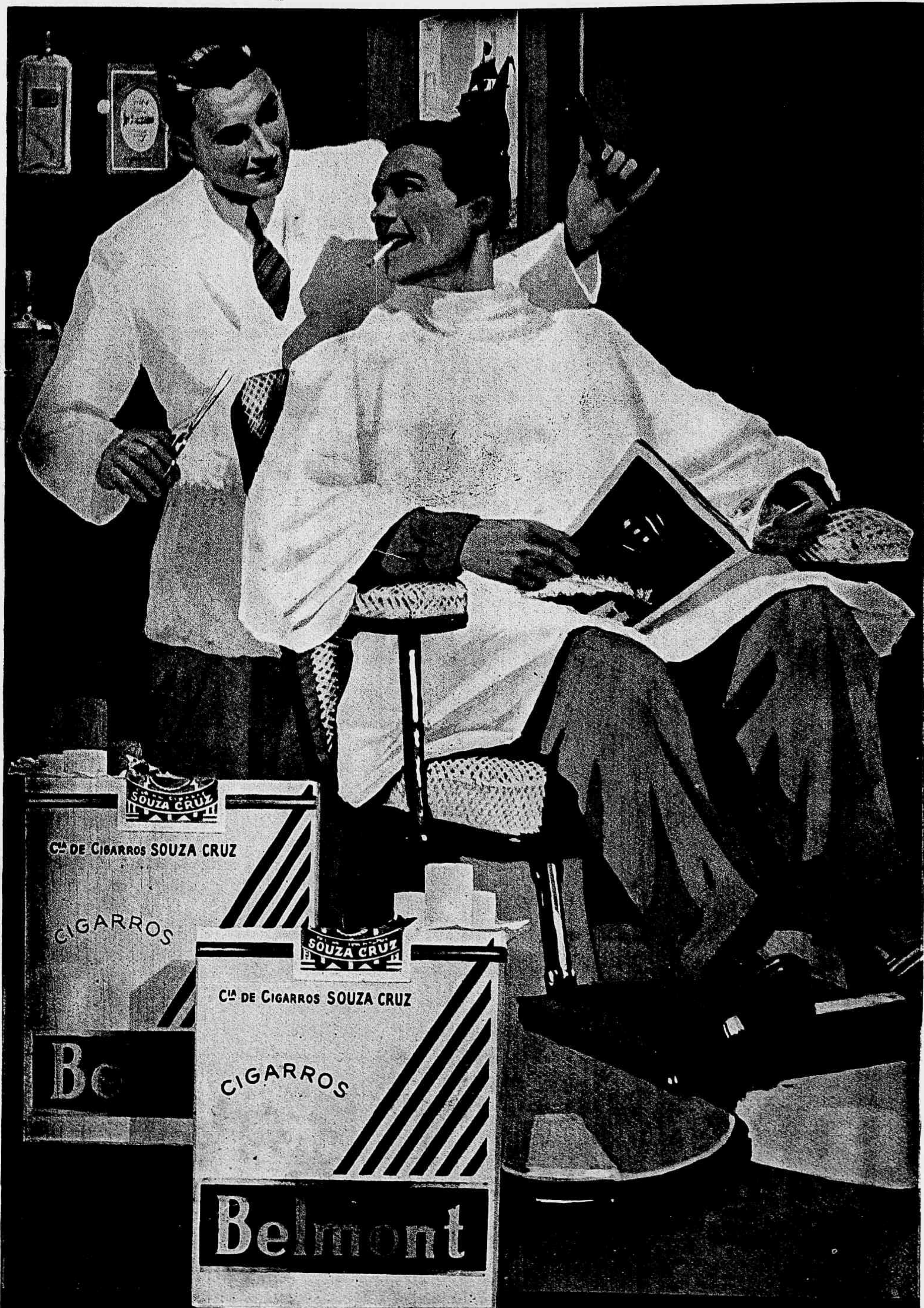
**MINES**  
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL  
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



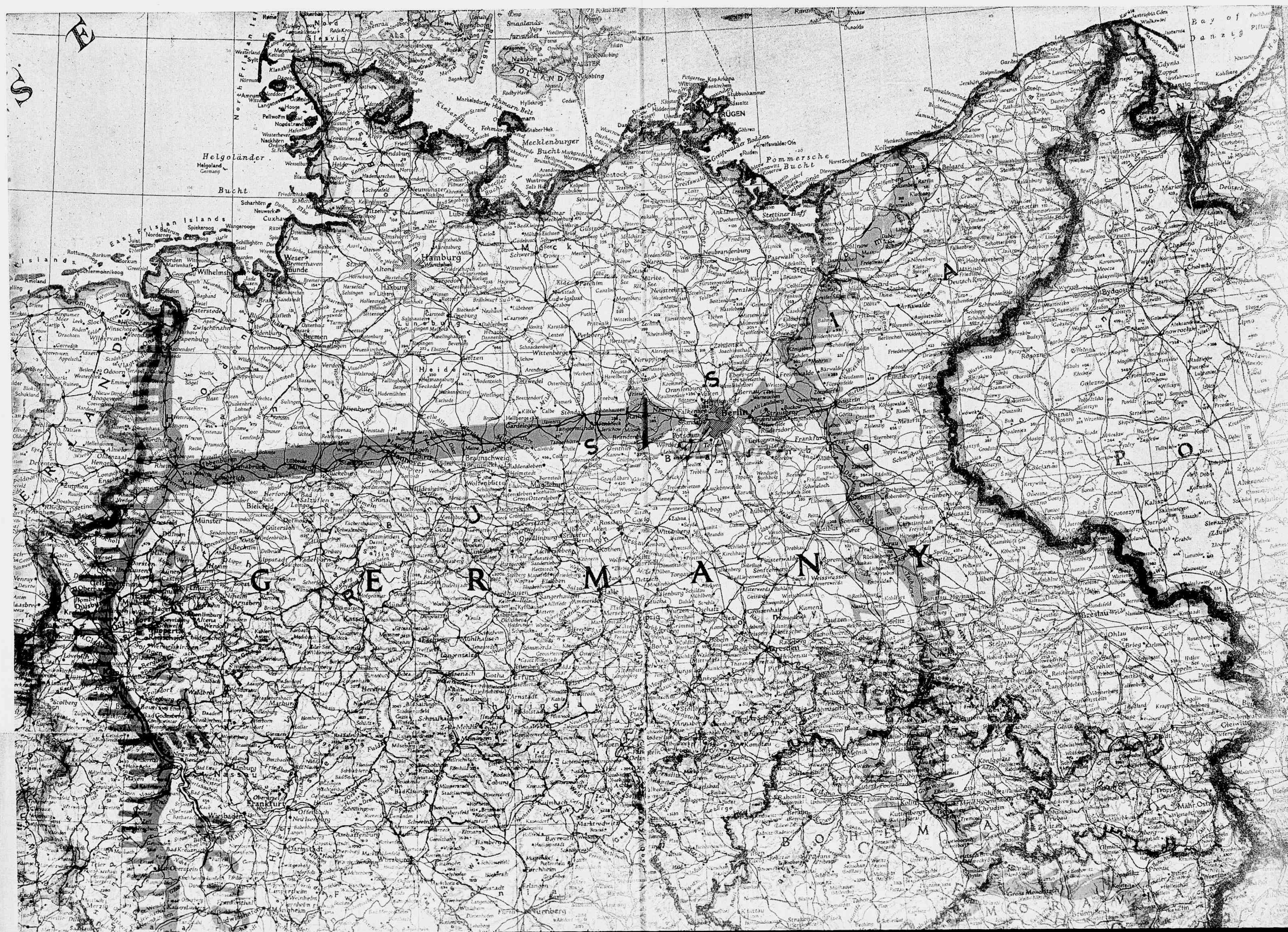


★ CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ ★

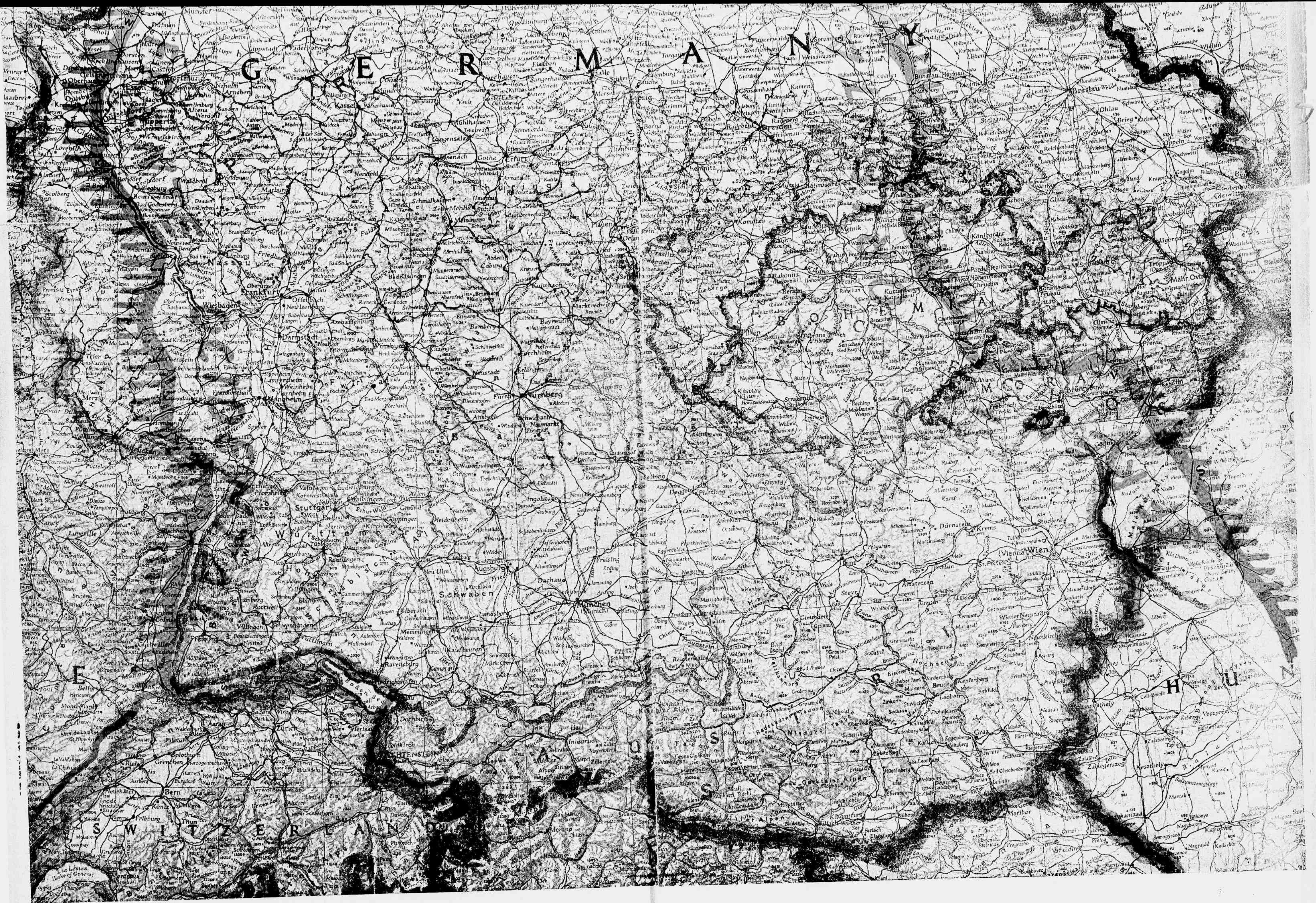


# SUPLEMENTO DE GUERRA

10 DE MARÇO DE 1945







# OS ULTIMOS DIAS DE BERLIM

Gracias a ofensiva descomulgada pelos exércitos ingleses, americanos e canadenses na frente ocidental, que num avanço rápido e preciso ocuparam uma lar linha ao longo das margens do Reno, todo o Rhur e a Renânia estão agora sob a ameaça iminente de cair em poder dos aliados. Desta maneira, Berlim estará praticamente bloqueada ao acesso das vitórias forças de Eisenhower, cujo objetivo imediato é, no momento, a junção com as forças russas.

De posse da base fluvial do Reno, poderão os exércitos do oeste manter rigorosa continência das usinas elétricas, paralisando assim grande parte da ainda poderosa indústria belga alemã, a que viria, por certo, a expressar o debate das reminiscências da Wehrmacht.

O caminho para Berlim, do lado ocidental, ainda é longo, mas um avanço em larga escala, protegido por vanguardas de tanques, segundo todos os prognósticos, alcançará de pronto uma profunda penetração na Prússia. Isto significaria a derrota total de Hitler, enquanto seria então impossível a continuação da guerra, por isso que a situação das exércitos alemães na Itália, sem o apoio das divisões empenhadas em combater a investida vinda da França, e a recusa da saída dos chamamentos acionados que fariam de certo, se a situação insustentável, caso cujo avanço de preço se verificasse, não fosse.

Requer-se, assim, o desmantelamento do aparelho de guerra, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.

Uma insubordinação, no entanto, ocorreu, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945, e a saída no final de 1945.



# O QUE RESTA DO IMPERIO HITLERISTA

Em concatenação com os grandes e rápidos avanços soviéticos no leste, o general Eisenhower acaba de lançar uma violenta ofensiva, visando diretamente o completo domínio do Reno.

A situação dos exércitos aliados na frente ocidental, até havia pouco estacionária, modificou-se radicalmente nestes últimos dias, a começar do primeiro dia da investida das forças motorizadas do Patton.

Alargando a ofensiva, todos os exércitos de oeste se lançaram ao assalto das posições inimigas, logrando, de início, o mais completo êxito em sua investida. O rápido avanço aliado atingiu em pouco tempo as margens ocidentais do Reno e pôs em perigo todo o Rhur, que está agora sob o ataque direto das forças das democracias.

Os Primeiros Exércitos Americano e Nono Exército Canadense lograram fôcos de defesa marginais do Reno, nas zonas de Colônia e Düsseldorf.

Devido à pressão resultou o emprego do último recurso de defesa planejado pelas alemães: a inundação das pontas que possibilitavam a travessia do grande rio.

Fargados e se retiraram para as margens orientais, em variadas minutas fôcos, as pontas, além de impedir a transposição da via pelas exércitos de Eisenhower.

E sob o tremendo peso, os engenheiros militares de Hitler já haviam, até agora, com pouco mais de duas, pelo menos, das grandes pontas fluviais, o

grande ponto de Krefeld-Yendheim e a primeira ponte Adolf Hitler, na altura de Düsseldorf.

Embora o Estado alemão se tenha comprometido com o envio de um milhão de homens, o 9.º e o 1.º exércitos.

Entanto isso, os russos se lançam a ofensiva em direção da Europa, que se estende de Báltico à Hungria.

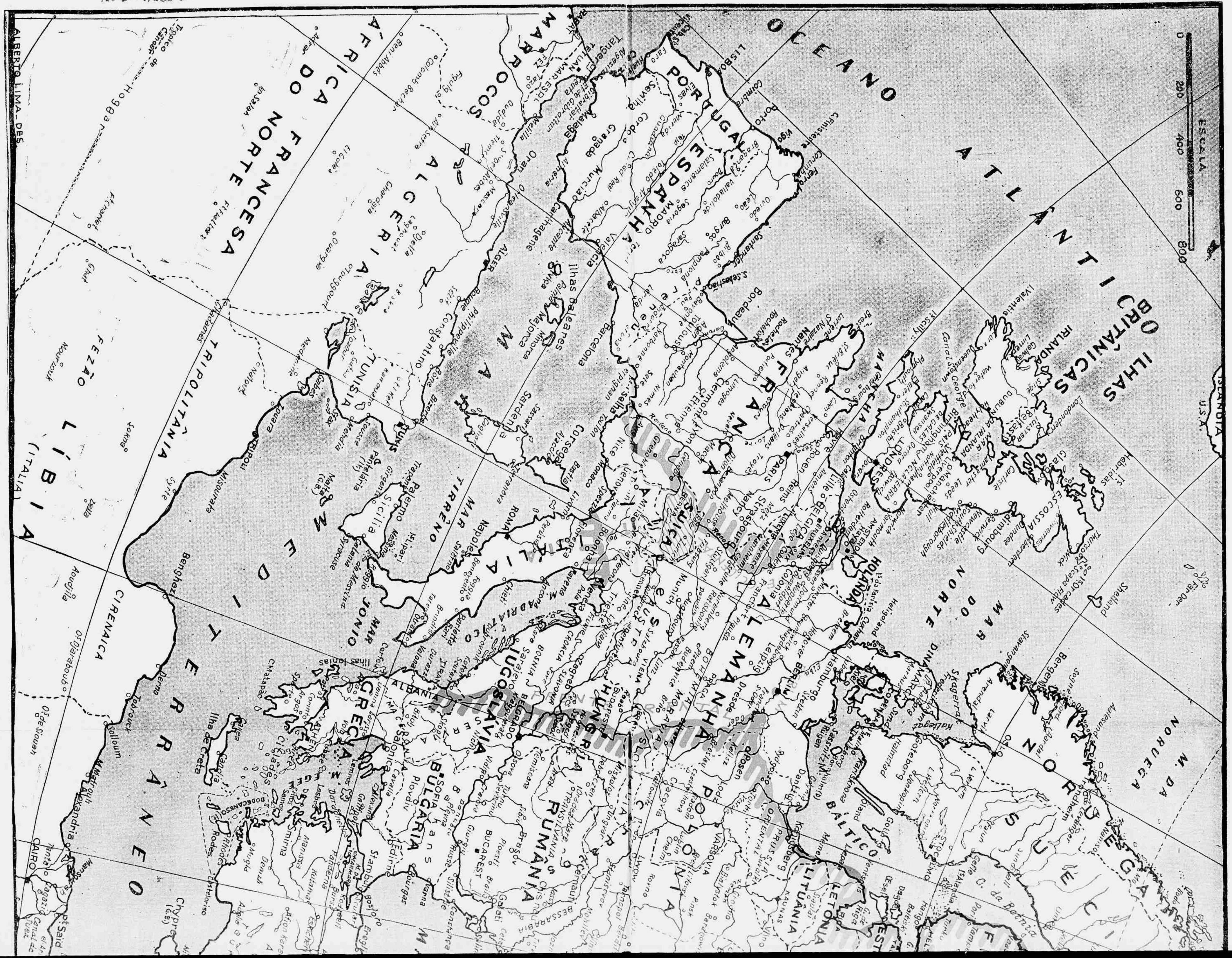
Transpostos sucessos no sul, o Exército Vermelho avançou de Berlim, com o perigo de seu impeto inicial, mas com o avanço de uma nova, e emprega de outras unidades. Hoxha, o primeiro avanço de Báltico, em movimento sincronizado com o avanço das forças de Zhukov, que tem, até agora, em mãos, uma observação préliminar.

No Jalta, as negociações continuam a ser feitas com segurança, embora em caráter preliminar. Os britânicos esperam, porém, o caminho para uma nova ofensiva.

E assim, tudo se volta para o ponto de partida de uma nova ofensiva alemã.

Por isso, para se pagar o que está devido, sobre o assunto, sobre o assunto de Hitler, o grande Império Germanico.

Os mapas deste suplemento se referem às operações efetuadas efetuadas até o dia 5 de março de 1945.









# O Pacífico em foco

Se a guerra na Europa surpreendeu o mundo inteiro, com a rapidez do avanço russo em direção a Berlim, maior estupefação ainda causou a todos os observadores a espetacular ofensiva relâmpago de Mc Arthur contra as posições japonesas no Pacífico.

Como se sabe, a guerra nos setores insulares perdidos em meio ao Grande Oceano é uma luta insana e ingrata, não só pela própria natureza do terreno, que faculta aos inimigos ótimas oportunidades para o emprego da tática de emboscada, método aliás a que eles se adaptam com bastante facilidade, como também pela inclemência do clima adverso, que põe diante dos exércitos aliados, em cada batalha, milhares de obstáculos a serem removidos.

Assim aconteceu em Tarawa, onde se verificou o primeiro desembarque das forças americanas. A luta foi terrível, batida pelo fogo da artilharia naval e pelas armas automáticas, a própria vegetação da ilha deixou de existir.

E em todos os pontos visados pela sua fulminante ofensiva tem o general Mc Arthur lutado, em meio das selvas e dos pântanos, contra um inimigo perigoso e audaz, que se embrenha nos recônditos das matas, em guerrilhas mortíferas.

Apesar destas circunstâncias a guerra nesta frente tem se desenvolvido ultimamente com características de verdadeira "blitzkrieg".

Desembarcando em princípios de fevereiro, a sul da ilha de Luzon, na costa oriental, os americanos lançaram um po-

deroso ataque terrestre contra Manila. A capital das Filipinas ficou de pronto ameaçada pela invasão, na qual se empregou em alta escala o mais moderno material de guerra.

Os ensinamentos da invasão do continente europeu e da Sicília foram aproveitados, mas, uma vez em terra firme, teriam as forças de libertação de adaptar os métodos de luta às condições topográficas locais, que deram a esta batalha aspectos inéditos de violência e mortalidade.

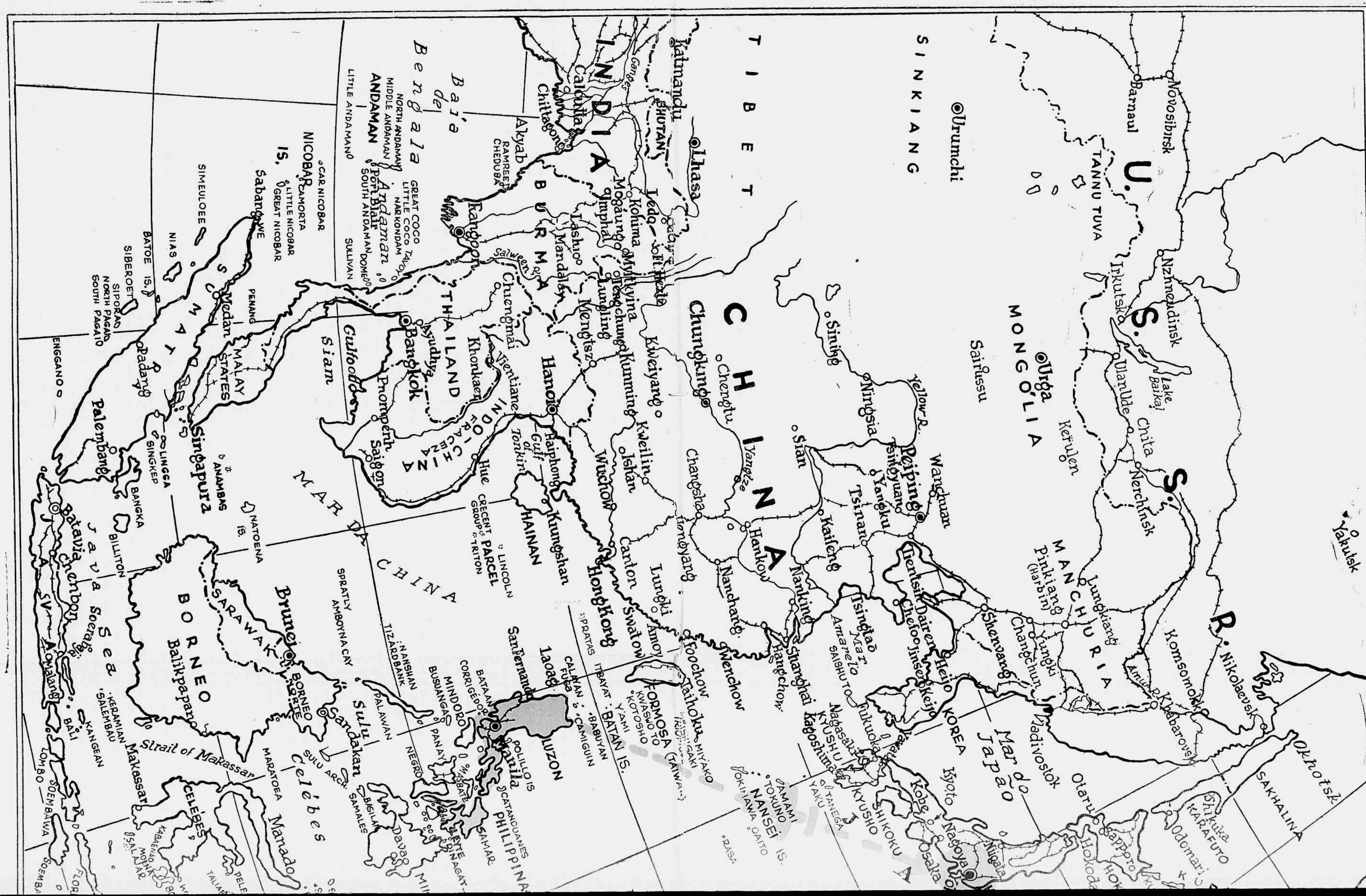
Apesar da forte resistência japonesa, lograram entretanto os invasores progredir rapidamente em direção a Manila, que foi capturada em ruínas, devido às minas espalhadas na cidade pelos exércitos do Mikado em retirada.

Capturada a capital, todo o arquipélago se encontrava sob a ameaça direta das tropas de desembarque das Nações Unidas. Luzon está hoje totalmente dominada pelos aliados.

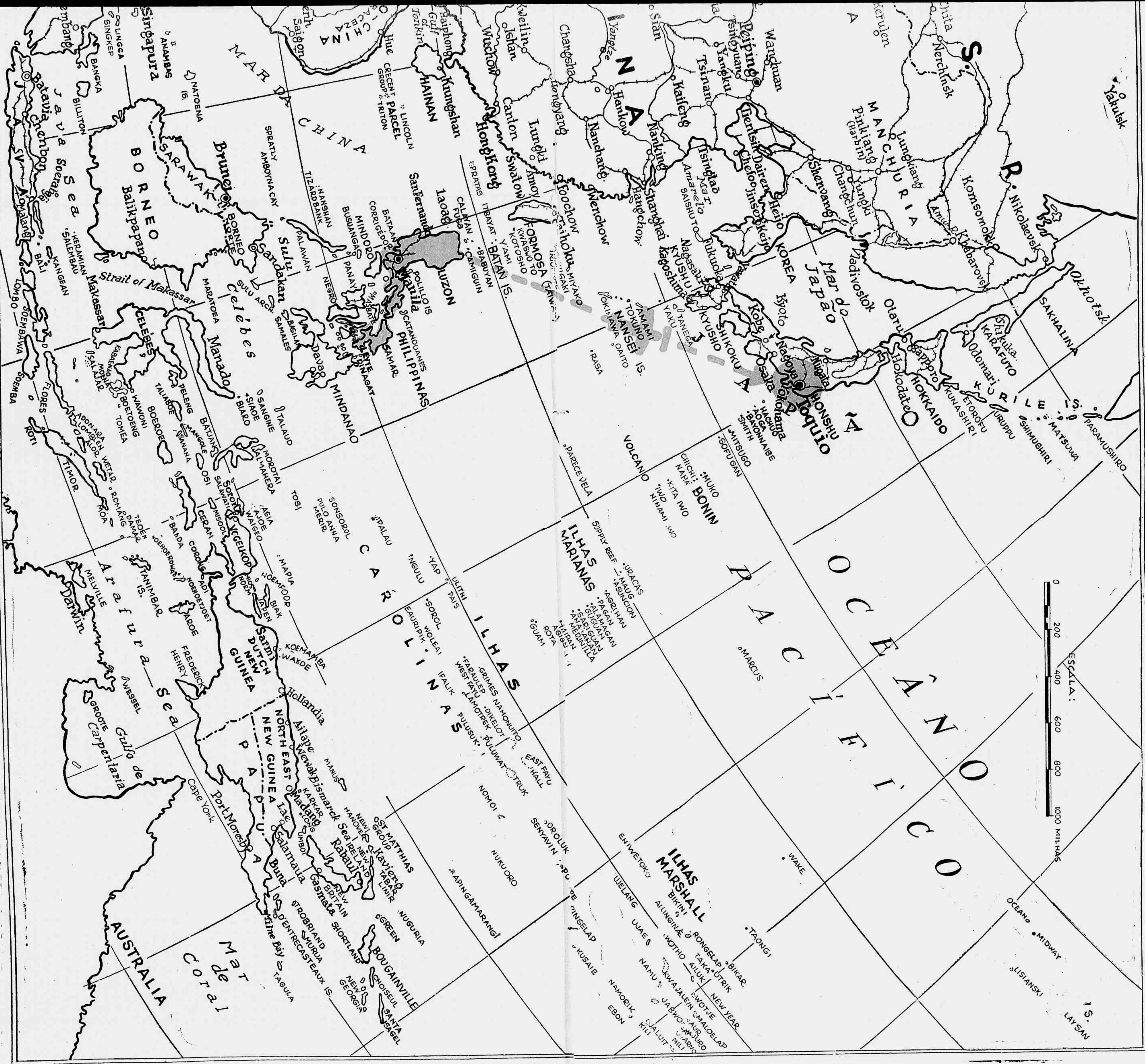
Enquanto isto, prosseguem os bombardeios de Tóquio, com graves prejuízos para a indústria pesada e para as linhas de abastecimento dos exércitos japoneses em luta na frente do Pacífico.

Com os americanos em Luzon outra vez, fica a ilha Formosa, outro poderoso baluarte da linha defensiva do território metropolitano do Japão, posta a menos de quinhentas milhas de terrenos ocupados pelas forças das democracias.

E cada dia que passa, mais se aperta o poderoso cinturão de ferro que se estende hoje ao redor da terra nipônica.











ONDE LUTAM  
OS HERÓIS DA  
F.E.B.





A guerra na Itália vem sendo, descomunalmente, o acontecimento do setor de Monte Castelo, a coragem e o valor das forças brasileiras que com batem ao lado dos soldados americanos naquela frente de batalha.

Os ataques, que se faziam em pequena escala e em caráter isolado, recrudesceram nestes últimos dias, e a intensidade dos avanços faz prever que uma larga ofensiva aliada está sendo preparada.

Desde Bolonha ao Adriático, de Ravenna a Carrara avançam agora em ritmo crescente os exércitos da libertação, sendo de se destacar a atuação dos soldados brasileiros nestas operações ofensivas.

Em fins de fevereiro os nossos bravos patriotas da F. E. B. lançaram-se ao assalto no setor de Monte Castelo, onde os alemães haviam se enclausurado solidamente, organizando um sistema de defesa profundo e forte.

As posições germânicas, situadas nas elevações, dificultavam sobremaneira o avanço das forças aliadas, expostas em sua ascensão às armas automáticas e à artilharia ligeira do inimigo.

Entretanto, em mais uma demonstração de impetuoso heroísmo, os nossos bravos soldados, numa violenta série de assaltos, lograram conquistar Monte Castelo, após uma batalha sangrenta, à custa do sacrifício de muitas vidas.

As baixas alemãs nesta batalha foram pesadas. Mas, apesar do reves sofrido, os nazistas vieram ao contra-ataque, repellido com denodo. E, uma vez rechassados, insistiram no assalto, sendo porém repellidos novamente sem pesadas perdas.

A luta em Monte Castelo, segundo o noticiário, foi dura e sangrenta. O emprego de divisões motorizadas não foi possível, em qualquer dos assaltos.

Esta foi a primeira grande vitória alcançada pelos brasileiros na Itália, que veio revelar ao mundo inteiro o valor do soldado de Brasil, a sua coragem e o seu desejo firme de vencer os exércitos nazistas, custe o que custar.

Além da infantaria e da artilharia brasileiras, coube também à F. E. B. um papel importante na conquista de Monte Castelo.

Os nossos aviadores têm aliás desenvolvido na Itália um trabalho eficiente de bombardeio em fábricas e depósitos de munição.

Além disto, os pilotos dos aviões de combate em ação na terceira frente tem sido elogiados francamente pelos observadores estrangeiros, pela coragem e competência que revelam, em todas as lutas de que tiveram de participar.

Assim, os últimos noticiários nos deram a certeza daquilo que sempre prevíamos. A constatação dos méritos dos heróis da F. E. B. que integram, no setor da Itália, as fileiras da Liberdade.